



Joaquim Gil Pinheiro

PRIMICIAS

POEMA

DOS

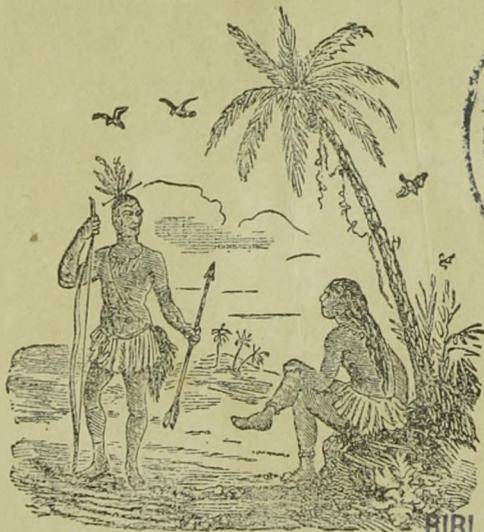
PRINCIPAES FACTOS DA HISTORIA DO BRASIL

ATÉ Á SUA INDEPENDENCIA

POR

JOAQUIM GIL PINHEIRO

PREFACIADO COM ALGUMAS PASSAGENS DA SUA VIDA



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º _____

1900

SÃO PAULO
BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lencóis Paulista - SP

~~~~~  
Ficam reservados os direitos de Propriedade Litteraria do Autor.  
~~~~~



PREFACIO

Apresentando ao publico este meu livro poetico, irei causar admiração áquelles que me conhecem ha mais de dez annos e mesmo aos que ha pouco travaram relações commigo: certamente uns e outros dirão como S. Thomé: Vêr para crêr.

Eu, porém, com a palpavel realidade, demonstrarei aos duvidosos o que me fôr exigido para se capacitarem do que aqui lhes affirmo: eis os meus versos, são meus pensamentos e minhas inspirações, e ninguem a isso porá segunda intenção, por que não tenho nem nunca tive collaboradores ou inspiradores que não fossem os meus livros, consequencias naturaes do meu pouco estudo, esforçando-me hoje para ver se comsigo coroar com exito os resultados de minhas lucubrações como conseguí os outros na vida pratica e laboriosa.

Nem se diga tambem o que aqui está feito seja superior ou inferior ás minhas forças intellectuaes, porque concedo aos duvidosos a syndacancia que lhes

aprouver, desafiando-os desde já a dizerem-me o contrario do que affirmo.

Todo o homem bem applicado consegue o que deseja, desde que empregue os meios precisos para o fim que se propõe; tudo depende de vontade, tempo e paciencia: se quereis resolver qualquer problema, ainda mesmo que muito difficil, desde que não seja inverosimil, estudae e calculae dedicadamente, que todos os obstaculos desapparecerão. Não tenhaes receio se alguma difficuldade se opposer aos vossos projectos, por que não ha rosa sem espinhos: não desanimeis, senão demonstrareis a vossa inaptidão e negligencia, e então ninguém se arriscaria a sahir de casa no tempo humido e frio, com medo de constipar-se.

Quem ignora que homens, filhos da plebe, quasi sem instrucção e quasi sem recursos, luctando longos annos com embaraços de toda a sorte, hão chegado a ser os primeiros magistrados de nações importantes?

E mesmo aqui, neste grande e prospero paiz, temos visto homens de rudes princípios e profissões chegarem a ser individualidades illustres e eminentes.

A que se deve tudo isto? Innegavelmente á constancia, estudo, calculos, força de vontade e meios acertados que empregaram.

Duvido que qualquer homem com essas qualidades, não realize o queprehender, desde que seja possível e realizavel no conceito social: vêde o exemplo em mim, que com ser rude (na phrase de alguns invejosos e despeitados, que não conhecem os sentimentos humanitarios por que não se cultivam nem se applicam) creio não ter concebido cousa al-

guma que não haja conseguido, ainda que nenhum conhecimento della tivesse.

Para provar o que affirmo, vou contar-vos algumas passagens de minha vida: — cheguei ao Rio de Janeiro no dia 3 de Junho de 1878, com dois vintens no bolso, sem recommendações e sem nenhuns conhecimentos; porém, não me foi difficil encontrar hospedagem em uma grande casa commercial da rua do Ouvidor, na qual não fiquei como empregado por que tencionava vir residir em São Paulo, onde já tinha um conhecido e parente remoto, ao qual escrevi, partindo para esta cidade em 21 do mesmo mez, e logo que aqui cheguei fui para uma fabrica de velas de cera (em Santa Cecilia) de propriedade desse meu conhecido e parente, onde me hospedei, e em poucos dias aprendi a fabricar toda a classe de velas de cera, sem que anteriormente as tivesse visto fazer.

Retirei-me dalli, por divergencias pessoaes, após poucos mezes de permanencia, sendo já então mestre da fabrica, e não mais quiz ser empregado de ninguém, apezar de não possuir dinheiro algum. Abandonado na rua, sem relações nem protecção, fui com um individuo que então conhecia e depois se tornou amigo, para a freguezia de S. Bernardo (hoje villa) que dista desta cidade tres leguas, pela antiga estrada de rodagem que vae a Santos, e me hospedei por alguns dias em casa delle.

Como não tinha dinheiro, nem outros meios, dediquei-me à cultura de abelhas, às quaes seu proprietario não ligava importancia, por não haver quem dellas quizesse tratar com medo das fer-

retoadas; e, então, comprei cem colmeias, a prazo de seis mezes, e as levei para uma chacarasinha, onde comecei a lidar com ellas sem nunca ter visto ou saber a maneira e o modo por que eram cultivadas, principalmente aqui onde tinha chegado ha poucos mezes; mas com ellas fui aprendendo, mesmo porque a necessidade me obrigava a assim proceder, e com energia e força de vontade, as quaes sempre presidiram todos os meus empreendimentos, ganhei a pratica precisa, de modo que ellas proprias me ensinaram a cultival-as.

Tantas foram as minhas observações, adquiridas em anno e meio, que ainda hoje, apesar de já terem passado vinte annos, seria capaz de escrever um tratado pratico de apicultura, se fosse preciso, e talvez mais explicito (ainda que resumido) do que alguns já publicados, no que respeita ao tratamento, cultivação, preparação de mel e cêra, e seus rendimento e despesas. Reconhecendo que o rendimento era pequeno, e que minhas aspirações eram maiores, mesmo porque não deixei minha terra natal para negocios tão pouco lucrativos, arranjei com este modo de vida um pequeno capital, fiz liquidação completa e geral, e vim para esta cidade de São Paulo, sendo, o meu intuito estabelecer-me com casa commercial; mas como dispunha de poucos recursos pecuniarios, visto que me retirára de S. Bernardo sem nada ficar devendo, empreendi em Março de 1880, o viajar pelo interior deste Estado, com o fim de augmentar o meu peculio.

Parti, então, a percorrer alguns logares do oeste e sul de S. Paulo e do Sul de Minas Geraes, a comprar pequenas partidas de diversos generos,

desempenhando ao mesmo tempo alguns negocios á commissão de que era incumbido aqui para esses remotos logares; os quaes liquidava no meu regresso a esta cidade, e na de Santos, gastando nessas viagens, que repetidamente fazia durante anno e meio, dois e trez mezes, percorrendo inhospitos sertões, sósinho e a cavallo, por caminhos para mim inteiramente desconhecidos, pelos quaes encontrei gente humanitaria que attendia a todos os meus pedidos; e quanto mais afundava no sertão (como se diz lá), melhor gente encontrava, com seus modos affaveis, ainda que toscos, não encontrando difficuldades em meus negocios nem nos caminhos, além do soffrimento dos maus tempos. Sõmente uma vez, tendo feito sociedade com individuo que não conhecia, este pretendeu lograr-me para ficar com o meu pequeno capital empregado; porém, teve que ceder, devido á minha energia. Recorrendo ás auctoridades judiciaes na proxima cidade a que chegamos, liquidei os meus negocios da sociedade com tal féra humana, ainda que com prejuizo, dando graças a Deus por ter sahido incolume.

Não quiz mais continuar a viajar, tambem por temer que minha saúde fosse prejudicada, por causa das intempéries e do mau passadio que supportava, andando muitas vezes mais de um dia sem ver ninguém, nem casas proximas.

Logo que cheguei a esta cidade tratei de liquidar tão arriscados negocios e resolvi estabelecer-me com casa commercial, o que realisei em Junho de 1881, em pequena escala, annexando-lhe uma fabrica de velas de cera, ainda que fosse pouco o meu capital era grande a vontade que tinha de trabalhar. Sem pratica, sem freguezia, sem conheci-

mentos e sem protecção, dispondo de poucos recursos, negociava com dez até chegar a vinte, com vinte até chegar a cinquenta, e assim por diante; de maneira que trabalhava noite e dia e o meu negocio tinha sempre incremento, devido á minha dedicação, economia e calculos acertados que executava, não mandando a outrem que fizesse o que eu podia e sabia fazer.

) Afim de tornar bem conhecida a minha industria de velas de cera, resolvi exhibir na Exposição provincial ou regional, que aqui realisou-se em 1885, diversos productos de cera em obra, os quaes mereceram ser premiados. Animado, vendo que o meu barco commercial navegava com vento pela pôpa, aproveitei o bom tempo e adquiri regulares fundos, de maneira que depois negociava folgadoamente, só tendo difficuldade em encontrar pessoal que me auxiliasse; e por causa disto liquidei a minha casa commercial, denominada Casa Vermelha do Riachuelo, no anno de 1891, apezar do grande resultado que me dava; mas liquidei-a de uma maneira honrosa, com um bonito capital de saldo, sem ficar a dever nada, conforme as declarações que fiz nos jornaes desta cidade, que até hoje conservo.

Depois dediquei-me á construcção de minhas casas, nesta cidade, sem que antes tivesse aprendido a technica das edificações, nem os materiaes e pessoal que se empregavam, o que não obistou a que eu mesmo dirigisse e calculasse a construcção de maior parte das que possuo, e das quaes tiro a renda necessaria para minha subsistencia, sendo sempre os meus esforços bem recompensados, graças

à minha norma de conducta que adopto e sempre adoptei, que é: economia, calcular o modo de despende o menos possível com a realisação dos meus projectos, tendo sempre em vista não gastar dinheiro sem proveito, ou em gosos superfluos, sendo a minha divisa: Olhar para o futuro para não voltar ao passado, e assim penso que deve ser, e todos devem fazer.

Nunca suppuz nem imaginei, que em mim existisse o estro poetico, porém, uma vez que elle brotou, porque não ha de florescer? Aproveito-o neste livro, obedecendo às regras da magnifica e proveitosa arte, que é a melodia da litteratura, e que foi brillantemente cultivada, e com grande exito, pelo nosso grande vate e mestre Luiz de Camões, cujas obras teem sido apreciadas por todos os povos cultos do mundo. Não quero comparar-me com aquelle grande vate, e nem com outros numerosos poetas de grande merecimento, cujas obras são citadas por homens eruditos, como provas de grande inspiração e guardadas no sacrario das estantes e veneradas por conterem profundos conhecimentos da arte poetica e do nosso bello idioma. Não: se escrevo este poema, que é o primeiro que imprimo, e ao qual dou o titulo de PRIMICIAS, não é para gozar do privilegio que esses eruditos poetas gozam; se me arrojé a fazel-o, é pelo amor que tenho ao trabalho, e não poder estar uma hora sem ter onde me entreter; e como experimentei, e fui feliz, achando facilidade nas rimas e nas cesuras, aproveito a occasião, emquanto estou inspi-rado. Ainda que foram poucos os meus estudos, é

grande a minha força de vontade, que tudo o que emprehando me faz conseguir. Por isso me atrevi a dar á luz da publicidade este meu livro, que não dedico aos sabios, nem aos grandes poetas, mas sim aos homens de mediocre saber, como eu, que não teem cursos scientificos nem estudos secundarios, mas simplesmente conhecimentos litterarios adquiridos na vida pratica; para esses é que eu escrevo, porque estes é que sabem o quanto custa ao homem chegar a este ponto, e ainda estes é que pôdem julgar-me, porque lido com elles e alguns me conhecem. Não accetto julgamento que não parta delles, que são os unicos a quem posso responder, caso os conheça. Bem sei que entre estes ha muitos invejosos, que não apreciam que os outros se salientem; mas para elles tenho um topico de uma conferencia do erudito orador sagrado Padre Doutor Julio Maria, realisada na Cathedral desta diocese no dia 17 de Maio do corrente anno, que muito me aproveita neste caso, e que vou aqui exaral-a para sciencia daquelles que tiverem essa indole: « Os homens não pôdem brilhar pelo talento, pela virtude, pelo patriotismo, pelos principios, num paiz em que todos são expostos aos venenos da inveja. »

Quereis resposta melhor? Não vol-a posso fornecer de momento, mas para esses enfermos do espirito o meu completo desprezo.

Quereis saber a maneira porque senti nascer o estro poetico? Eu vol-o explico em poucas palavras: em principios de Dezembro do anno passado, vieram a esta cidade de São Paulo os dignissimos representantes da armada portugueza, aos quaes a

nossa colonia aqui residente, representada por uma commissão de tres de seus membros, recebeu com pomposos festejos que duraram seis dias, e no regresso a Santos desses illustres representantes da nossa armada, resolvi acompanhá-los, afim de dar-lhes tambem o saudoso adeus; e em caminho, dentro da carruagem do comboyo que nos conduzia, o patriotismo me inspirou o poemeto que adiante ides lér, mais correcto e augmentado, o qual recitei a bordo da bella e solida praça de guerra «Adamastor», dedicando-o ao Exmo. Snr. Conselheiro Ferreira do Amaral, na presença de muitas pessoas que nos rodeavam, e na occasião em que ia a retirar-se das formosas plagas paulistas. Publiquei-o depois no Diario Popular, ainda que imperfeito, mas dahi em diante tratei de cultivar a arte poetica, e achando a facilidade que é dada a quem estuda, abalancei-me a reunir áquelle o poema historico, que compuz com os factos mais notaveis da Historia do Brasil, escripta em prosa por ESTACIO DE SÁ E MENEZES e outras, na qual relata factos os mais honrosos para os arrojados portuguezes que vieram colonisar esta terra de Santa Cruz, descoberta no anno de 1500 pelo intrepido e illustre portuguez PEDRO ALVARES CABRAL, de cujo acontecimento importantissimo está prestes a chegar o quarto centenario, que será pomposamente festejado, tanto aqui como em Portugal.

Por agora limito-me a fazer este meu livro poetico dividido em quatro partes, a saber: 1.^a Prefacio; 2.^a Prologo, em oitavas; 3.^a Poema historico dos usos, costumes, crenças e artes dos selvagens, assim como da sua descoberta e os episodios principaes da historia colonial brasileira até á sua

independencia, dividida em oito cantos, de modo que de hoje em diante qualquer menino brasileiro poderá cantar na eschola a historia de sua patria, e deste cantico talvez tir maior proveito do que de outras poesias adoptadas; 4.^a Poemeto, recitado a bordo do «Adamastor».

O meu desejo não era só versejar a historia colonial, mas sim a continuação della até 1889; accrescentando-lhe os principaes traços biographicos dos reis de Portugal, em odes, desde o conde D. HENRIQUE, fundador da nacionalidade portugueza, até S. M. El-Rei o Snr. D. CARLOS I, as quaes seriam acompanhadas de seus respectivos retractos. Porém, são tão imperiosas as razões, que me é impossivel satisfazer o que tanto desejava; mas na segunda edição, se esta fôr apreciada, não só melhorarei o que aqui tenho escripto, como a augmentarei com o que acima menciono.

Concebendo a idéa de confeccionar um livro, logo fui principiar pela poesia, que me parece ser o systema mais difficil que conheço na litteratura, porque não só depende de vocação, como de metrificação, pausas em determinados logares e rimas, de modo que por vezes levei horas e até dias para achar palavras adequadas, para compôr os versos nas regras da arte, em vista da historia estar cheia de nomes proprios que não se pôdem mudar nem alterar; porém, com paciencia e resignação, tudo venci em menos tempo do que esperava, porque em dez mezes aprendi a arte, cultivei-a como os leitores podem vêr no presente livro, que contem mais de mil quartetos, e ainda todo annotado, sendo que diversas dessas notas supponho terem alguma im-

portancia, e por isso as organizei ao cabo de bastante estudo e muito tempo; pois, colligir apontamentos, coordenal-os e delles fazer um resumo elucidativo, não é empreza facil.

Não quero com isto dizer que minha obra seja um primor de litteratura; ao contrario, como já antes o expliquei, estou convencido que nella encontrareis muitos defeitos, bastantes dos quaes são devidos á pressa com que sempre andei para concluir-a antes do mez de Maio, visto que além de compôr de afogadilho o original, feito sem meditação alguma em vesperas de ser mandado para a typographia, tinha a revisão e a reforma de centenares de versos, além da sua annotação, sendo tanto o accumulo de serviço, misturado com a grande vontade de concluir que daria talvez causa a alguns versos ficarem errados, duros ou frouxos, defeitos estes que tenho tambem encontrado em poetas mais cultivados do que eu, por isso resigno-me com a sorte.

Luctei sempre com falta de tempo e pratica para organizar este livro, envidando os maiores esforços para conseguir contentar a todos os paladares, mas vejo que me é completamente impossivel, porque já estou certo que hei de ser criticado e quiçá injuriado, recompensa esta que alguns julgarão ser a unica que posso merecer-lhes ao cabo de tanto trabalho, tantas lucubrações e, sobretudo, de soffrer tantas insomnias com a confecção deste livro. No emtanto resta-me a consolação de haver consagrado o meu tempo e o meu intellecto a um assumpto elevado, como seja o de versejar a heroica historia de uma grandiosa nação.

Prevenindo a hypothese de alguns leitores não

concordarem com quaesquer dos factos que vão aqui descriptos, posso-lhes affirmar que todos elles foram bebidos em boas fontes, dignas de todo o credito, posto que nem a todas cite, por ter-me isso parecido desnecessario.

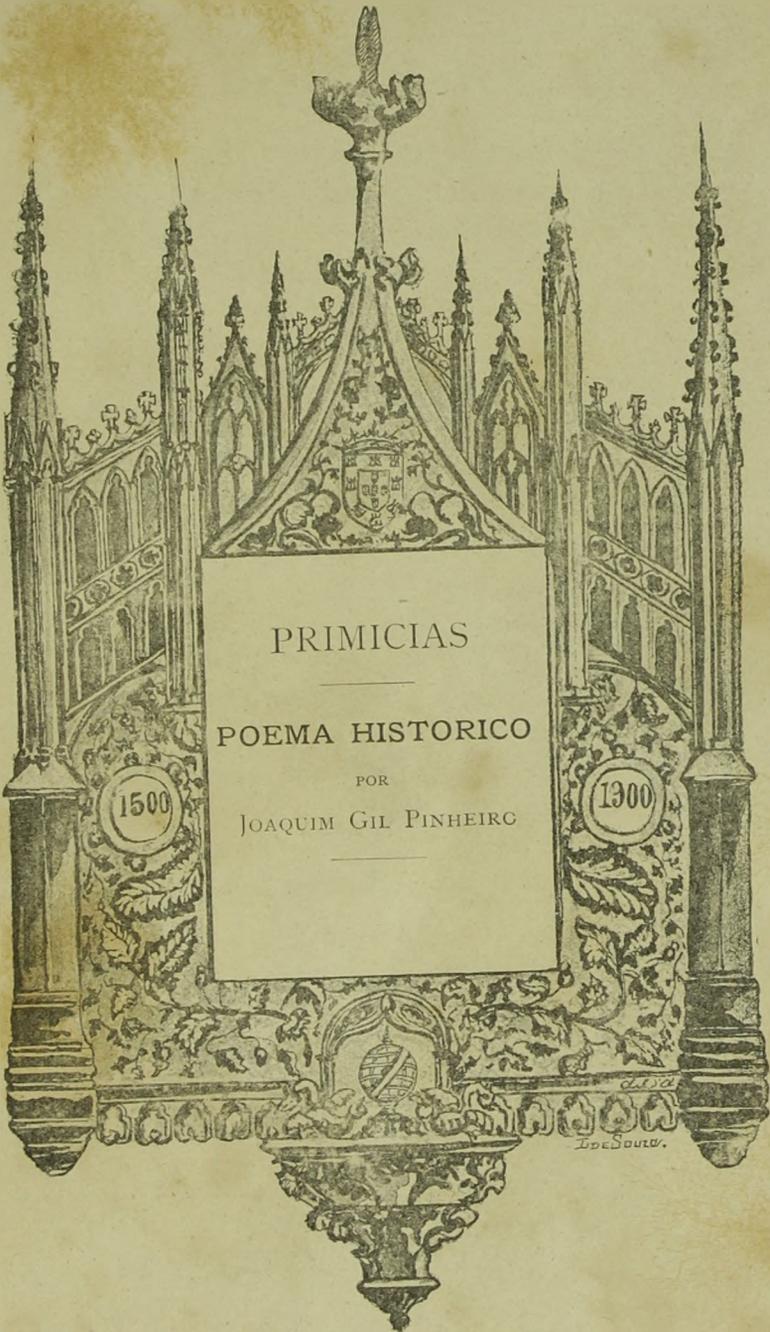
Assim, pois, amaveis leitoras e bondosos leitores, se achardes rude e insipido este meu trabalho intellectual, desculpae-me, porque melhor o não pude fazer: o que adiante ides lêr é obra de um principiante; os escriptores se fazem e não nascem feitos, e se organizei este livro foi pelo muito amor que tenho e nutro pela poesia, e para dar expansão ao meu espirito.

Supponho que em vista dos meus minguados conhecimentos litterarios, muito faço eu, e outros em eguaes condições e até com mais estudos, nem tanto produzem. Que digam os que me conhecem e que sabem onde tenho empregado minha actividade nos vinte e um annos que lucto pela vida nesta cidade, se durante esse largo espaço de tempo algum dia me viram cultivar as lettras, a não ser agora, com o lêr nas horas vagas, a sós, alguns livros, mas com o estudo e a pratica, muito hei de realisar, e o futuro nol-o dirá.

Trabalhae que eu vos ajudarei, — aconselhou Jesus-Christo a seus discipulos.

S. Paulo, Dezembro de 1899.

JOAQUIM GIL PINHEIRO.



PRIMICIAS

POEMA HISTORICO

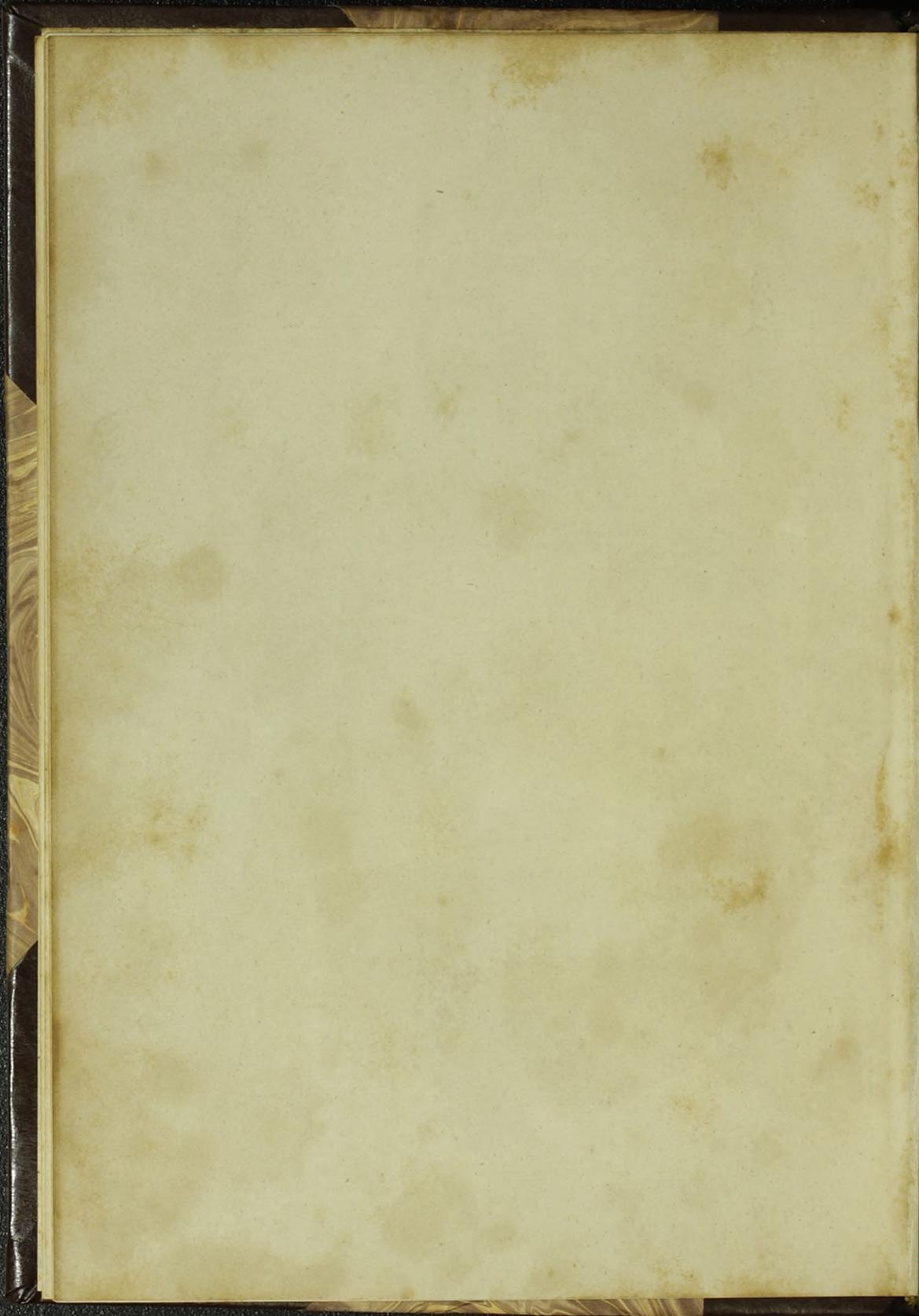
POR

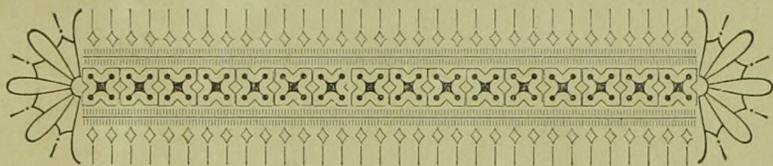
JOAQUIM GIL PINHEIRO

1500

1300

L. de Souza.





PROLOGO

« E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte. »

LUSIADAS, *canto I, oit. II.*

I

Deus te salve, Camões, rei dos poetas,
Que as glorias patrias versejaste em parte :
As tuas poesias heroicas e correctas,
São de Portugal sólido baluarte,
E de seu povo muito predilectas,
Porque co' ellas saudaste-lhe o estandarte.
P'ra tua fama ficar na lusa historia,
Bastou-te um livro, esse padrão de gloria.

II

Peço-te me encorajes p'ra cantar
Louvores a mais de uma sociedadabe,
Que teem por fim aos pobres dedicar
As boas obras e a pura caridade.
E p'ra que ellas se possam sustentar,
Rogam vossa clemencia e piedade:
Prestae-lhes, ricos, vosso beneficio,
P'ra que o progresso n'ellas tenha inicio.

III

Vou fallar-vos de seis bôas sociedades
Portuguezas, que São Paulo contém,
Suppreem as principaes necessidades
A' lusa gente pobre que aqui vem.
As quaes possúem tão bellas qualidades
Que a todos só desejam fazer bem.
Quereis saber quem são, p'ra vossa sciencia?
São fontes a jorrar beneficencia.

IV

Designa-se a melhor *Beneficencia*,
Outra *Protectora dos Desvalidos*;
A de *Vasco da Gama* tem clemencia,
O bello *Club Gymnastico* faz ruidos;
O *Centro Litterario* tem a sciencia,
O *Gil Vicente* tem socios instruidos:
As quaes fundou o povo lusitano,
Neste bello torrão, porque é humano.

V

A bôa *Beneficencia Portugueza*
E' incansavel na cura dos doentes,
Possue o necessario p'ra despeza,
Pois que suas rendas são bem sufficientes;
Attende a tudo quanto fôr pobreza,
Praticando obras só beneficentes.
Seu patrimonio é de contos mil
E o hospital um dos maiores do Brasil.

VI

Bella a dos *Desvalidos Protectora*,
Que aos lusos pobres e desamparados
Lhes serve de sollicita tutora,
Repatriando os que se acham desgraçados;
Sendo p'ra os socios seus esmoladora,
E a outros pobres acode com agrados.
Tem por fim auxiliar os Portuguezes,
O que ha feito já por diversas vezes.

VII

A *Sociedade de Vasco da Gama*,
Cujos fins tambem são beneficentes,
Muitos favores p'los socios derrama:
Dá medico e remedios aos seus doentes,
Cumprindo em rigor seu bello programma,
E realisando festas surprehendentes.
Uma banda de musica já tem,
Chamada *Vasco da Gama* tambem.

VIII

O *Gymnastico Real Club Portuguez*,
Club recreativo de boa rapaziada,
Em seus salões festas e bailes fez
Relembrando as glorias da patria amada,
Mantendo diversões e aulas, por vez,
Com as quaes honra a terra idolatrada.
Seu passado é muitissimo glorioso
E seu futuro é muito esperançoso.

IX

Tem o nome da gente lusitana,
E nossa lingua instrue com nitidez:
O bem que pôde faz á raça humana,
Querendo ir ainda além do que já fez.
Sabeis quem é, na terra paulistana?
— O *Centro Litterario Portuguez*.
Esforçai-vos p'la sua prosperidade,
Com a qual lucrará a sociedade.

X

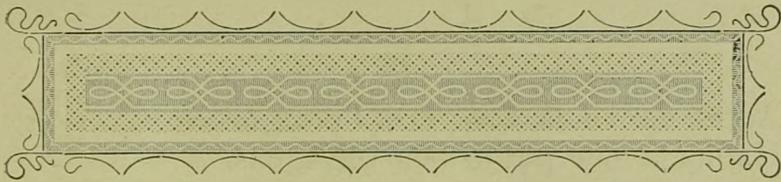
Para honrar antiga arte lusitana,
Aqui outra sociedade se fundou;
Do grande comediographo se ufana,
Com seu nome immortal se intitulou;
Pois na comedia e no drama é sob'rana,
Essa arte que elle proprio cultivou.
Qual essa sociedade florescente?
— O dramatico gremio *Gil Vicente*.

XI

Proseguí, filhos da patria amada,
Que em vós muito confia e muito espera.
Mostrae que nesta terra abençoada,
Muita gente tem que a adora e venera,
E que por ella empunhará a espada,
Apesar de lutar em outra esphera.
Provae á nação heroica portugueza,
Que sempre correreis em sua defeza.

XII

Doutra raça fallar-vos quero agora,
Ao correr da penna e o que vier á mente.
E' um thema escolhido que sonora:
Costumes vou cantar de ignara gente,
Que residencia aqui teve outr'ora,
E ainda vive em sertões do continente.
Sabeis quem era tal povo infeliz?
— As tribus aborigenes do paiz.



CANTO I

DOS INDIGENAS NAS SELVAS DO BRASIL

I

A vastissima e uberrima região
Por Cabral descoberta em fins de abril, ⁽¹⁾
Constitue no presente esta nação
Que ha longo tempo se chama Brasil.

II

Dos pés dos Andes ao oceano Atlantico,
Do rio da Prata ás praias do Amazonas, ⁽²⁾
Entoavam os indigenas seu cantico,
Misturado com danças e gaifonas.

(1) Dia 22 de Abril de 1500.

(2) O maior rio do mundo, ao norte do Brasil, com o curso de mais de 7.000 kilometros desde a sua nascente, que é no Perú, até entrar no oceano no Estado do Pará.

III

Antes da vinda aqui dos Portuguezes,
Habitada era por tribus selvagens,
Que se guerreavam entre si, e ás vezes
Combatiam-se sem lucros nem vantagens.

IV

Dividiam-se as tribus em duas raças:
Tapuyas e *Tupys* seus nomes eram;
Viviam de pescarias e de caças,
E de outros misteres que então tiveram.

V

Eram ferozes as *Tapuyas* raças.
Errantes, sem habitações, nem arte,
Não temiam intemperies nem ameaças,
Vagueando aos bandos por toda parte.

VI

Eram estas as naturaes do paiz,
Tribus que se dividiam em diversas;
O inflexivel Destino sempre quiz
Que vivessem errantes e dispersas.

VII

Os mais feros, e por isso respeitados,
Eram os *Botocudos* e *Aymorês*;
Viviam uns dos outros afastados,
Sem que tivessem *Piagas* ou *Pagés*.

VIII

Os *Aymorés* eram de côr mais clara,
E os olhos azues tinham por belleza;
Moças haviam de formosura rara
E mancebos dotados de braveza.

IX

Robustissimos por sua natureza,
Do mau tempo faziam pouco caso;
Não tinham aptidões, e nem destreza,
Viviam na mais completa orgia e atrazo.

X

Em absoluto avêssos aos trabalhos,
Só a fome os forçava a procurarem
Nas florestas, por entre ruins atalhos,
Os alimentos para se saciarem.

XI

Habitavam as encostas de altas serras,
Tendo os ranchos a troncos encostados,
E onde occultavam-se depois das guerras,
Em que quasi sempre eram derrotados.

XII

Delles tomou o nome certa serra, ⁽¹⁾
Que *Aymorés* continúa a ser chamada,
Que em suas florestas ainda hoje encerra
Muita gente selvagem e ignorada.

(1) Serra dos Aymorés, que corre ao longo da costa do Brasil na direcção de norte a sudoeste, atravessando os Estados de Bahia, Espirito Santo e Rio de Janeiro.

XIII

Criam em dois espiritos exquisitos:
Bons e maus; estes eram os *Ganchões*.
Elles zangavam-se quando os malditos
Passavam pelas suas habitações.

XIV

Aos bons costumes tinham aversão
E se entregavam á maior barbaria,
Dedicando-se com grande paixão
A' vil pratica da anthropophagia.

XV

Da tribu *botocuda* que hoje resta,
Se vêem os *Guaycurús*, ou cavalleiros
Indios, que vagam ainda na floresta
De Matto Grosso (1) p'los despenhadeiros.

XVI

Tinham estes mulheres como servas,
Que ser parecem doutra extincta raça,
A's quaes davam serviços sem reservas,
Como carregar fructas, agua e caça.

XVII

Deviam ser de inteira submissão,
E neste caso ainda as castigavam;
Das miseras não tendo compaixão
A pesado trabalho as obrigavam.

(1) Grande Estado do Brasil, situado ao oeste.

XVIII

Pareciam ter idiomas differentes,
Por que os homens a custo as entendiam,
E applicavam-lhes tratos inclementes
Quando quaesquer deveres não cumpriam.

XIX

Os seus filhos amavam com ternura,
Entregues aos cuidados maternas;
Quando grandes tentavam sua bravura,
Exercitando-se em ensaios co' os paes.

XX

Habitavam o norte do Brasil,
E usavam flechas, tangas e collares;
Ignorantes de tudo que é civil,
Ornavam-se de pennas e cocares. (1)

XXI

Os instrumentos que a tribu maneava,
Eram grosseiros, rudes e sem arte:
Tinham arcos, flechas, mas não aljava,
E andavam erradios por toda a parte.

XXII

Traziam uma especie de buzina (2)
Para chamarem os seus companheiros;
Tocado o signal da alerta matutina,
Ajuntavam-se todos os guerreiros.

(1) Pennachos de pennas.

(2) Trombeta.

XXIII

As flechas, feitas de *taquarussú*, (1)
Tinham mais ou menos seis pés de altura;
Ornavam-nas com pennas de *jacú*, (2)
E outras aves de rara formosura.

XXIV

Os homens eram de grande estatura,
E de *pau d'arco* (3) seus arcos faziam,
Tendo como elles sete pés de altura,
Que não largavam nem quando dormiam.

XXV

As artes europêas desconheciam,
Mas outras tinham para se applicarem.
Navalhas de taquara elles traziam,
P'ra os cabellos uns aos outros raparem.

XXVI

Tambem flautas de canna fabricavam
P'ra tocarem nas festas as mulheres;
E varios instrumentos manejavam
Na pesca, caça, guerra e outros misteres.

XXVII

Se acaso presentiam gentes estranhas,
Vozes de feras eram imítadas;
Punham-se em movimento p'ra as façanhas,
Fingindo cantos de aves p'ra as ciladas.

(1) Canna selvagem muito grossa e rija.

(2) Ave gallinacea do tamanho de uma gallinha grande.

(3) *Ipê* no idioma tupy.

XXVIII

As moças traziam listas encarnadas
Nos seios, e no pescoço bons collares;
De pennas suas cabeças eram c'roadas,
Formando toucas de bellos cocares.

XXIX

Tambem os chefes na cabeça usavam
Pennas de papagaio e de *jacú*;
Com braceletes elles se enfeitavam,
Pintando-se com tintas de *urucú*. (1)

XXX

Tinham por uso, quando alguns morriam,
Os pés e as mãos co' embira lhes atarem;
Na cova ao fio comprido os estendiam,
Pranteando-os na occasião de os enterrarem.

XXXI

Da sepultura, que na choça abriam,
Com fogueiras em volta afugentavam
Os espiritos maus, que os perseguiam;
Por agouro o logar depois deixavam.

XXXII

Cortavam os cabellos por tristeza,
O que em extremo lhes era sensivel,
Porque os consideravam por belleza
E signal de gente livre e invencivel.

(1) Tinta vermelha extrahida do fructo do urucueiro.

XXXIII

Os *Botocudos* (p'los lusos chamados)
Eram *Tapuya* tribu mui sombria,
Que usava orelhas e labios furados,
Onde os *botoques* ⁽¹⁾ ella introduzia.

XXXIV

Dependia dos paes a época e vontade,
De encetarem nas crianças a op'ração;
Chegando aos sete ou oito annos de idade,
Os furos lhes faziam sem compaixão.

XXXV

Quando velhos taes furos se alargavam,
Chegando até enormes dimensões;
Os lusos de *botoques* lhes chamavam,
Ao vêl-os com tamanhos buracões.

XXXVI

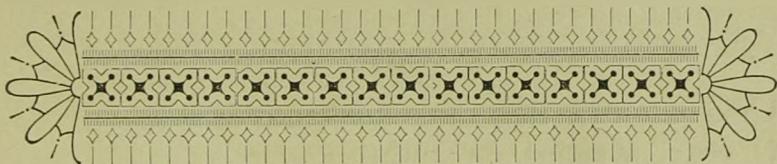
A *Guaycurú*,⁽²⁾ ou de indios cavalleiros,
Que em Matto Grosso ainda hoje habita,
Os paulistas lá viram os primeiros,
Quando exploraram essa zona inf'nita.

XXXVII

Sendo a cavallo os indios encontrados,
(Ao contrario dos outros mais selvagens),
Pareciam já estarem amansados
P'los missionarios daquellas paragens.

(1) Paus roliços.

(2) Tribu botocuda appellidada pelos paulistas de *indios cavalleiros*.



CANTO II

DIFFERENÇA QUE HAVIA
ENTRE AS DUAS GRANDES RAÇAS BELLIGERANTES
TAPUYA E TUPY

I

Chegados que foram aqui os *Tupys*,
Vindos de varias partes emigrados,
Guerreando se apossaram deste paiz,
Escolhendo logares apropriados.

II

Os *Tapuyas*, de sua patria defensores,
(Como aborigenes bem o entenderam),
Quizeram repellir os invasores
Com cruentas guerras, que sempre perderam.

III

Uma e outra raça no entretanto usava
O cruel systema da anthropophagia ;
A *Tapuya* por feroz a praticava,
E a *Tupy* por vingança e por mania.

IV

Distinguiam-se as duas raças bravias :
A *Tapuya* por ter a côr acobreada ;
E os *Tupys* tinham as physionomias
Amarellas, p'ra côr branca atirada.

V

Mais se differençavam os selvagens,
Por que difficilmente comprehendiam
As diversas e barbaras linguagens,
Em que elles mutuamente se exprimiam.

VI

Os *Tupys* se entendiam facilmente,
Por terem uma lingua mais correcta,
Sendo a dos *Tapuyas* muito differente,
De comprehensão difficil, e incompleta.

VII

P'ra varios pontos os *Tupys* seguiram
Pela beira-mar e rios navegaveis ;
Nomes diversos as tribus possuiram,
Fixando-se em logares favoraveis.

VIII

Os *Tupinambás* tinham nas baixadas
De Pernambuco, São Francisco ⁽¹⁾ e Bahia,
Extensas terras, valles e enseadas,
Onde viviam da caça e pescaria.

IX

Os *Tupiniquins* terras dominavam,
Do Camamú ⁽²⁾ á bahia do Esp'rito Santo ;
Em bons locaes as *ocas* assentavam,
Abrigando-as sempre em qualquer recanto.

X

Os *Tamoyos* suas *tabas* estendiam,
De Angra dos Reis ao cabo São Thomé ; ⁽³⁾
De rios, terras, mattas, se serviam,
Da bahia Guanabara ⁽⁴⁾ á de Macahé.

XI

Os *Mariquitas* viviam na Bahia
E Pernambuco, em bosques foragidos ;
Tinham o atrevimento e ruim mania
De conquistar mulheres aos maridos.

XII

Os *Patachôs* com os *Puris* buscavam
Os sertões dos rios Santa Cruz e Doce ; ⁽⁵⁾
Os *Goytacazes* d'outro lado andavam
'Té Cabo Frio, onde sua morada fosse.

(1) Grande rio que nasce na serra da Canastra em Minas Geraes, atravessa este Estado, e separa o Estado de Pernambuco do da Bahia, e o de Alagoas do de Sergipe, com um curso de mais de 2.500 kilometros. — (2) Porto e rio no Estado da Bahia. — (3) Promontorios no Estado do Rio de Janeiro. — (4) Bahias no Estado do Rio de Janeiro. — (5) Que banham os Estados de Minas e Espirito Santo.

XIII

De Cananéa ⁽¹⁾ á lagôa dos Patos, ⁽²⁾
Campeavam *Carijós* e *Guaranys* ;
Divididos em tribus, mui pacatos,
Viviam em harmonia estes *Tupys*.

XIV

As planicies do rio Piratininga,
Eram pelos *Guayanazes* dominadas ;
Alguns lidavam nas praias e restinga,
Outros nos campos faziam suas moradas.

XV

Por chefe tinham o *Tibericá*, ⁽³⁾
O qual era o sup'rior *Murubixaba* ;
Governava até ao Paranaguá,
Tendo em Piratininga a chefe *taba*.

XVI

D'aqui vem o genuino factó historico
Do illustre portuguez João Ramalho ;
Que é factó o mais sublime e cathgorico
Que a brasilica historia deu agasalho.

XVII

Foi este o mais ousado portuguez
Que n'estas bellas plagas aportou ;
Por ser homem de grande intrepidez,
Do naufragio do barco se salvou.

(1) Porto de mar no Estado de S. Paulo.

(2) No Estado do Rio Grande do Sul.

(3) Chefe dos Guayanazes.

XVIII

Não se sabe em que data aqui chegou
(Facto ao do *Caramurú* ⁽¹⁾ quasi equal) :
Perto de São Vicente ⁽²⁾ naufragou
O navio que o trazia de Portugal.

XIX

Chegando então a terra muito doente,
Sua vida lhe poupou o chefe *Guayanaz* ;
Tibericá ficou muito contente
Por ver estranho homem assim audaz.

XX

Tanto prestigio entre elles gosava,
Que da tribu seu chefe a ser chegou ;
Aos Portuguezes muito elle ajudava,
Co' elles muitas aldeias aqui fundou.

XXI

P'lo *Tibericá* foi tão estimado,
Que uma das filhas deu-lhe em casamento ;
Sendo por elle mais tarde elevado,
Co' applausos e geral contentamento.

XXII

A palavra *Tapuya* era applicada
Aos que tinham ruins e maus costumes ;
E aos naturaes antes de sua chegada,
Que, vencidos, fugiam com azedumes.

(1) O portuguez Diogo Alvares e o nome de um peixe venenoso.

(2) Primeira villa da Capitania deste nome, fundada por Martim Affonso.

XXIII

A palavra *Tupy* quer dizer tio;
Tabajaca, traduz-se por cunhados;
Tupinambá, guerreiro habil com brio;
Netos, *Tupiminós* eram chamados.

XXIV

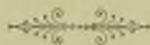
Afinal os *Tapuyas* eram batidos,
Nas cruentas guerras que elles encetavam;
Quando ficavam na lucta vencidos
Para os invios sertões se retiravam.

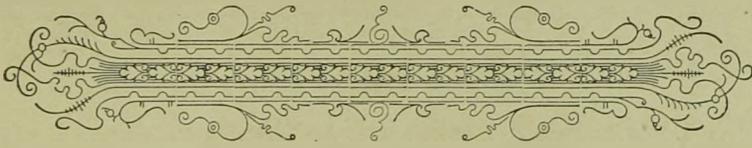
XXV

A historia crê, a não ser um engano,
Que do Perú chegassem os *Tupys*;
E apertados p'las serras e p'lo oceano,
Descessem té ás plagas deste paiz.

XXVI

Dizem, duvidando, os historiadores,
Que os selvagens só uma origem tinham;
E affirmam os primeiros povoadores,
Que todos de uma só raça provinham.





CANTO III

CRENÇAS RELIGIOSAS DAS TRIBUS TUPYS

I

Só da raça *Tupy* vamos fallar,
Que parecia ter mais civ'lição;
Foi obrigada para aqui a emigrar,
Das fronteiras de proxima região.

II

A existencia de Deus reconheciam,
Chamando-o de supremo e bom *Tupan*;
Num malfazejo espirito elles criam,
Chamando-lhe *Anhangá* (o mau Satan).

III

Em phantasmas tambem acreditavam,
E em divindades a *Tupan* alliadas,
A's quaes mui differentes nomes davam,
Conforme as quatro abaixo mencionadas.

IV

Macaheras, protegiam os guerreiros;
Sacys-Saperês, a estes perseguiam;
Curupiras, maus eram e embusteiros,
Caaporas, os meninos attrahiam.

V

Os espiritos máus corriam pelo ar,
Nas mattas em constantes vagueações;
Em bruxarias soham acreditar,
Bem como em outras mais superstições.

VI

Quando estes duendes lhes appareciam,
Causavam-lhes immensas afflicções;
N'um *tapyr* ⁽¹⁾ cavalgando lhes previam,
O exito mau de suas resoluções.

VII

Nas almas do outro mundo muito criam:
As boas iam para sitios excellentes,
De onde diversas novas transmittiam
Antecipadamente, aos seus parentes.

(1) Especie de anta.

VIII

Na porta das palhoças e nos peitos,
Punham os *monitós* ⁽¹⁾ dependurados;
De osso e dentes de feras eram feitos,
P'ra andarem dos feitiços resguardados.

IX

Tambem por causa do agouro traziam
Monitós amarrados ao pescoço;
E esses phantasmas que muitos temiam,
Occasionavam-lhes grande alvoroço.

X

Por sacerdotes tinham curandeiros,
Que tambem de *Pagés* ⁽²⁾ denominavam;
Viviam em *tujupares* ⁽³⁾ ou pardieiros,
Aonde crenças pagãs lhes ensinavam.

XI

Nas curas dos *Pagés* acreditavam,
E de bem longe os iam a procurar
A's grutas e troncos em que moravam,
Para que os doentes fossem visitar.

XII

Os mesmos se faziam acreditar
Por divindades sobrenaturaes;
Maceravam-se, que era de pasmar,
Com duros soffrimentos corporaes.

(1) Especie de bentinhos.

(2) Sacerdotes de seu culto e curandeiro.

(3) Choupanas toscas e grutas.

XIII

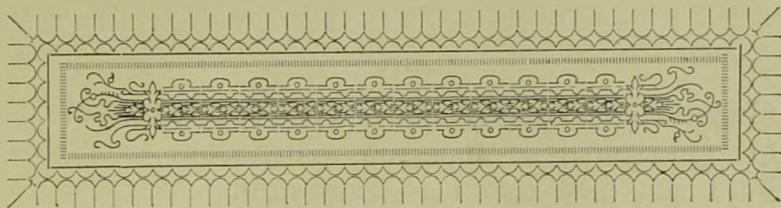
Soffriam rigorosas penitencias,
P'ra serem pelos outros imitados;
E com bem estudadas apparencias
Faziam-se passar por predestinados.

XIV

Alguns andavam de aldeia em aldeia,
Como missionarios a prophetisarem
Abundancia em tudo, em tudo cheia,
Animando os guerreiros p'ra guerrearem.

XV

A palavra *caapora* deu origem
A' *caipora*, que nós agora usamos
Quando as inf'licidades nos affligem:
Foi da lingua *Tupy* que a derivamos.



CANTO IV

SOLEMNIDADES RELIGIOSAS DOS TUPYS



I

De tres em tres annos, os *Piagas* ⁽¹⁾ sahiam
Das tocas, para as *tabas* abençoarem ;
Quando já perto annunciar se faziam,
Com buzinas e flautas a tocarem.

II

Quando este annuncio á *taba* chegava
Já se achavam as *ocas* ⁽²⁾ enfeitadas,
Ao seu encontro o povo caminhava
Com as armas e flautas ataviadas.

(1) Tambem ministros do seu culto.

(2) Casas.

III

Quando com os *Caraibas* ⁽¹⁾ se encontravam,
Os guerreiros se achavam adornados;
Para sua *taba* todos regressavam,
Em festanças, descantes e bailados.

IV

Era uma grande choça destinada
Para todas as crianças e mulheres;
E uma outra mais pequena, reservada
Para os *Caraibebés* ⁽²⁾ e seus mistéres.

V

Haviam na *taba* festas e alegria,
Quando chegavam os *Caraibebés*;
Com prazer toda a gente os recebia
E começavam logo os *bate-pés*. ⁽³⁾

VI

Formavam varias rodas os guerreiros,
No centro mettiam tres dos sacerdotes,
Dançando todos entre altos berreiros,
Que em côro repetiam outros magotes.

VII

Em tom baixo seus cantos principiavam
Como o nosso, no officio de defuncto;
Pouco a pouco suas vozes se elevavam
A um enorme berreiro desconjuncto.

(1) Sacerdotes de seu culto.

(2) Missionarios do mesmo culto.

(3) Danças dos selvagens ainda hoje usadas pelos caipiras.

VIII

Em meio do alarido, os taes sacerdotes,
Um bom cachimbo de *petum* ⁽¹⁾ enchiam;
Com tregeitos dançavam aos pinotes,
Soltando o fumo que do pito hauriam.

IX

Incensando os guerreiros co' as fumaças,
A cada um d'elles iam a repetir:
«Recebe a força, e não temas ameaças
Que prisioneiros tu has de possuir».

X

Os *Caraibebés* em cada mão tinham
Um *maracá* ⁽²⁾ p'ra as danças dirigirem;
As mulheres e crianças se entretinham
Em grupos para os cantos repetirem.

XI

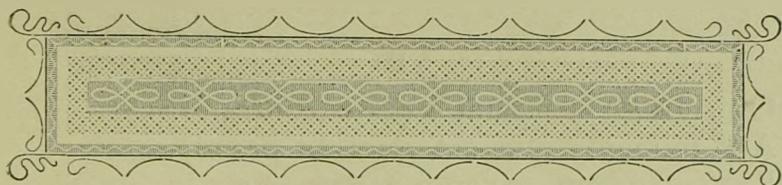
Lançavam bem terriveis maldições
Contra seus inimigos em questão;
P'ra os despojos, tomavam precauções,
Já julgando possuil-os de antemão.

XII

Continuava a folgança co' os bailados,
Regressando os *Pagés* aos *tujupares*;
Os guerreiros ficavam abençoados,
Levando alguns presentes regulares.

(1) Tabaco.

(2) Cabaça com pedrinhas dentro para chocalhar.



CANTO V

DAS FESTAS RELIGIOSAS E HOMICIDAS DO CAUIM

I

Vou fallar-vos das festas do *cauim*,⁽¹⁾
E dos supplicios crueis dos prisioneiros:
Mandavam convidar p'ra o tal festim
Todos aquelles que fossem guerreiros.

II

Nas nações cultas e civilisadas,
Se os inimigos ficam prisioneiros,
São suas vidas no emtanto respeitadas,
Tratando-os como assiste a cavalheiros.

(1) Aguardente de milho fermentado.

III

Os selvagens faziam aqui o contrario,
Aos inimigos que em guerras prendiam,
Pois julgavam ser muito necessario
Matarem-nos; e sua carne comiam.

IV

Quando os guerreiros sahiam victoriosos
Dos combates que com vigor feriam,
Entre filas de atletas valorosos,
Os prisioneiros para a aldeia traziam.

V

Quando passavam p'las *tabas* amigas,
A saudal-os iam logo os moradores,
Que em danças lhes applaudiam com cantigas,
As proezas que os tornaram vencedores.

VI

Apenas á sua povoação chegavam,
Ia o povo receber os prisioneiros,
E levando-os para a *ocára* ⁽¹⁾ os soltavam,
Sendo depois amigos verdadeiros.

VII

Davam aos prisioneiros liberdade,
(E tanta que me faz isto pasmar!)
Entendiam que era de necessidade
C'o uma donzella da *taba* os casar.

(1) Praça no centro da aldeia.

VIII

Decorriam mezes e annos 'té chegarem
Os festejos *cauims* tão desejados;
Dias antes, para taes festas realçarem,
Convites expediam aos seus alliados.

IX

Depois os prisioneiros avisavam
P'ra apresentarem-se ás auctoridades;
Ao chegarem, com cordas os atavam,
Principiando após as atrocidades.

X

As mulheres então lhes inquiriam,
Porque tinham deixado se prender;
Elles, a rir, com graças, respondiam:
— « Não se importem que nós vamos morrer. »

XI

Os convidados ao festim malvado,
Vinham com vasos de *taquarussú*,
P'ra os encherem do liquido sagrado
Que tambem bebiam por cuias de *tatú*.⁽¹⁾

XII

Davam ordem p'ra os bailes terminarem,
E amarravam os presos p'las cinturas,
Para em procissão na *taba* os passearem,
Com os extremos das cordas seguras.

(1) Mammifero cujo corpo é resguardado por uma concha ossea, e vive em tocas subterraneas.

XIII

Finda esta cerimonia os desprendiam,
E então lhes davam ordem p'ra correr;
Seguindo-os moços ageis os prendiam,
Trazendo-os bem seguros, com prazer.

XIV

Assim, de novo os presos amarrados,
(Do que se compungiam 'té ás entranhas)
Eram os taes mancebos acclamados
Trocando os nomes em honra ás façanhas.

XV

Depois cantavam com impavidez
Canções funebres de sua triste sorte;
Recordavam seus actos co' altivez,
Crentes na punição de sua cruel morte.

XVI

Accesa a fogueira ao centro da *ocára*,
Aos saltos avançava o executor,
Brandindo a *tangapêma* ⁽¹⁾ que levava,
De amarello pintada com primor.

XVII

A victima enfrentava e lhe dizia
Grosseiras expressões p'ra se zangarem,
Ella com epithetos retorquia,
Insultando-o para ambos se injuriarem.

(1) Massa de pau muito duro.

XVIII

Quando o furor chegava a certa altura,
Descarregava-lhe a massa, com crueza,
Dando á victima morte prematura,
Estendendo-a a seus pés sem mais defeza.

XIX

As velhas que esses actos presenciavam,
Se apossando do corpo já sem vida,
Em pequenos pedaços o cortavam,
Assando-os já affeitas nessa lida.

XX

Os miolos ás crianças eram dados,
E os convivas da festa se reuniam,
Saboreando os pedaços já assados,
Levando o resto áquelles que não iam.

XXI

Regavam o banquete co' o *cauim*,
Durando as festas dois, tres e mais dias;
Alegres retiravam-se no fim,
Depois de terminadas suas folias.

XXII

Dos presos que matavam e comiam,
As caveiras comsigo transportavam,
E nos paus da *cahiçára* ⁽¹⁾ as suspendiam,
Para lembrança dos que derrotavam.

(1) Cerca de paus ponteagudos.

XXIII

(Horrendo uso comer a carne humana,
Que nós chamamos anthropophagia!
E festejavam essa acção tyranna!...
Só de a lêr o meu corpo se arripia).

XXIV

As mulheres dos presos assistiam,
A' morte barbara de seus maridos;
Chorando-os na occasião em que morriam,
Mas querendo os pedaços, já partidos.

XXV

De seus maridos a carne comiam
Regada com o liquido embriagante.
E os proprios filhos o mesmo faziam!
(Como é tal scena p'ra mim irritante!)

XXVI

Se filhos seus as victimas deixavam
Eram creados na aldeia sem distincção;
Faltando prisioneiros os matavam,
Não lhes valendo o laço da creação.

XXVII

As mães que se mostravam tão alheias,
Aos supplicios da morte dos maridos,
Salvavam os filhos das mortes feias,
Mandando-os p'ra outras *tabas* foragidos.

XXVIII

Seguiam para as aldeias de seus avós,
Fugindo á pena e á festa do *cauim*,
Livrando-se do tal goso feroz
Dos inimigos, no horrendo festim.

XXIX

Cauim era a bebida assim chamada,
Feita de milho em agua fermentado;
Que sendo p'las donzellas preparada,
A bebiam todos com geral agrado.

XXX

Dos costumes perversos que possuiam,
Era a anthropophagia o mais feroz;
Quando os jesuitas delle os dissuadiam
Lhes custou a largar o uso tão atroz.

XXXI

Os jesuitas com elles se habituaram,
E co' o *caaterêê* ⁽¹⁾ se divertiam;
Religiosas canções lhes ensinaram,
Que cantavam nas festas que faziam.

XXXII

Nesses *caaterêês* tambem usavam
Cantar com elles versos populares; ⁽²⁾
Que os *Tupys* ao som da viola dançavam,
Com tregeitos e mimicas vulgares.

(1) Danças populares dos *Tupys*, ainda hoje usadas pelos caipiras.

(2) Vide a nota no fim do canto (pag. 51).

XXXIII

Na lingua *Tupy* elles compuzeram
Varios canticos, ⁽¹⁾ dramas e ladainhas;
N'alguns livros li quadras que fizeram,
E entre as quaes vi algumas bonitinhas.

XXXIV

Ficai sabendo, meus caros leitores,
Que os *Tupys* tambem já foram poetas;
Co' os padres se tornaram bons cultores
De poesias bem rimadas e correctas.

XXXV

Muitos vocabulos aqui se usam,
Que da lingua *Tupy* são derivados,
Co' a lingua portugueza tambem cruzam
Nas outras partes em que são fallados.

XXXVI

O *Tupy* de — caipira — assim chamava
Ao lavrador que fosse camponez,
Tambem denominava de *emboáva* ⁽²⁾
Ao europeu e a quem fosse portuguez.



(1) Vide a nota no fim do canto (pag. 51).

(2) Nome que davam a um passaro com pennas até ás unhas dos pés.

NOTAS DAS PAGINAS 49 E 50

Nota 2 da pagina 49:

*«Ixé, man, guirá mirin!
Xa rekó, man, ce pepó
Xa bebé ne rakaquera,
Xá puama ne rekó...»*

Cuja traducção é a seguinte :

«Se eu fôra um passarinho, oh quem me dera! eu teria minhas azas, voaria no teu encalço, e me ergueria ao pé de vós» (*).

Nota 1 da pagina 50:

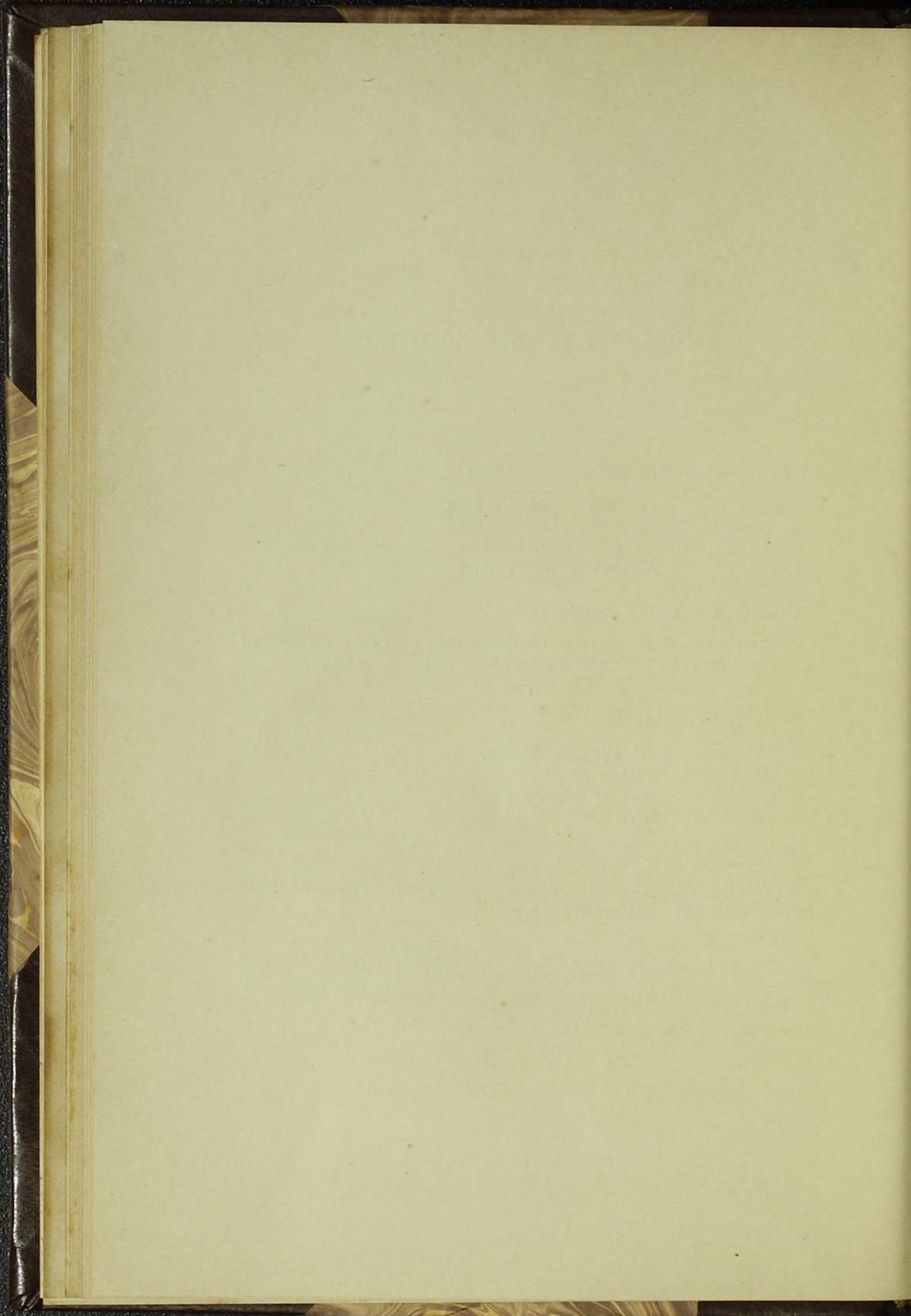
*« O' Virgem Maria,
Tupan cy été,
Aba pe ara para
Oicó endé yabé. »*

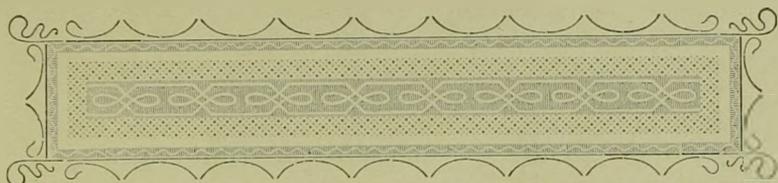
A traducção é a seguinte:

« O' Virgem Maria, mãe de Deus verdadeira, os homens deste mundo, estão tão bem comvosco. » (**)

(*) Copiado de um folheto da 7.^a Conferencia para o tricentenário do P. José Anchieta, pelo General Couto de Magalhães (já fallecido), de 1.^o de Março de 1897, pag. 28, o qual o ouviu ha mais de 40 annos em *Ararilaguaba*, hoje Porto Feliz.

(**) Copiado do mesmo folheto acima referido, pag. 29.





CANTO VI

DOS USOS, COSTUMES E ARTES DOS TUPYS

I

As artes e costumes dos *Tupys*,
Em outro estylo aqui vou relatar,
Os quaes ainda conservam neste paiz
Em remotos sertões por cultivar.

II

Assim que eram nascidas as crianças,
Banhavam-nas depois em agua fria, ⁽¹⁾
Começando então as rudes festanças,
Com demonstrações de viva alegria.

(1) Afim de endurecer-lhes os musculos e tornal-as fortes e sadias.

III

Depois de preto e vermelho as pintavam
Usando tinta de genipapo e ovo,
Côres que a morte e guerras ⁽¹⁾ indicavam,
As quaes não temia esse bravío povo.

IV

Iam parentes e amigos a saudar
O pae, que estava na rede deitado,
Na qual quinze dias tinha de ficar,
Emquanto a mãe lidava de bom grado.

V

Apenas as visitas íam entrando,
Entoavam todos o hymno natalicio,
Ao novo luctador prognosticando
Glorias, quando em guerras tomasse inicio.

VI

Se era do sexo fraco o recém nato,
Cantavam outro suave e variado hymno,
Aos cipós comparando, naquelle acto,
As virtudes do sexo feminino.

VII

Essas virtudes eram semelhantes
A's trepadeiras, que aos troncos se enleiam,
Embelezando-os com flores cambiantes,
E em suas quedas tambem os esteiam.

(1) A guerra era a principal occupação destes povos.

VIII

Favorecidas p'lo benigno clima
E liberdade de seus movimentos,
As crianças cresciam fortes e co' estima,
Exercitando-se em seus armamentos.

IX

Apprendiam a nadar, e a manejar
Arcos e flechas; e quando sabiam,
Seus paes e chefes os íam abençoar,
E os amigos presentes lhes traziam.

X

A idade de quatorze annos marcava
A época de martyrio p'ra os rapazes; (1)
Em falsas luctas o chefe os ensaiava,
Para ver quaes eram os mais audazes.

XI

Muitos dias a seguir se maltratavam,
Com jejuns, incisões (2) e vergastadas,
Que com grande coragem supportavam,
Não gemendo co' os golpes e pancadas.

XII

Prestadas estas provas de coragem, (3)
Entravam para a lista dos guerreiros;
Findando n'esse tempo a apprendizagem,
Ficavam combatentes verdadeiros.

(1) Esta iniciação era commum para todos os que quizessem ser guerreiros.

(2) Que, com afiados dentes de animaes, lhes faziam nas pernas e nos braços, sem que lhes fosse licito derramar uma só lagrima, ou soltar um suspiro.

(3) Aquelles que as não supportassem, eram reprovados e considerados inuteis.

XIII

Era esta a disciplina militar
Que os moços precisavam aprender,
P'ra os perigos poderem supportar
Nas guerras, quando fossem combater.

XIV

O mancebo outra prova mais soffria
Quando rogava a mão d'uma donzella:
Mimos ao pae da joven off'recia;
Ao envéz, não casava-se com ella.

XV

Consistia o presente na pilhagem
De um prisioneiro ou cousas de valor,
E por ser destemido, e ter coragem,
Expunha-se a essa prova de rigor.

XVI

O que não cumpria esta condição,
N'outra tribu sua noiva procurava;
P'ra não passar por nova decepção,
Raptava a joven e co' ella casava.

XVII

Consentiam aos guerreiros ser casados,
Com todas as donzellas que exigissem; (1)
Os maioraes eram os privilegiados,
Quando as posses este uso permittissem.

(1) Este barbaro costume é conhecido entre nós pelo nome de polygamia.

XVIII

Se adoeciam era a dieta rigorosa,
Ordenando os *Pagés* ⁽¹⁾ as prescripções,
E recorrendo ás sangrias e á ventosa,
E a succos de hervas p'ra as fomentações.

XIX

P'ra o effeito dos remedios estudarem,
Os experimentavam com cuidados;
Porém, se acontecia elles falharem,
Recorriam aos feitiços, contrariados. ⁽²⁾

XX

Co' a tisana faziam experiencia,
E em animaes caseiros a observavam,
Exercitando sua medica sciencia,
Que de uma geração p'ra outra passavam.

XXI

Momices praticavam na ultima hora,
E occultas phrases ⁽³⁾ eram proferidas,
Benzendo o agonisante sem demora,
E chupando-lhe as partes offendidas.

XXII

Applicavam venenos co' efficacia,
P'ra os outros crêrem nas feitiçarias;
Causavam muitos males com audacia,
Incutindo-lhes suas vãs prophcias. ⁽⁴⁾

(1) Os *Pagés* desempenhavam tambem as funcções de medicos, para o que faziam estudos e experiencias, com hervas e raizes, as quaes lhes augmentavam o saber herdado de seus antecessores. — (2) Pelo mallogro dos remedios culpavam a pessoa inimiga ou mias olhares, promettendo-lhes vingança. — (3) Orações de sua crença. — (4) Superstições que causavam terror aos demais selvagens.

XXIII

Com affinco estudavam esta sciencia
(Os gregos tambem a sua assim crearam);
Com a pratica, estudos e experiencia,
O seu grande poder consolidaram.

XXIV

As pessôas que durante a enfermidade,
Vinham visitar o bravo guerreiro,
Podiam comer e beber á vontade,
Cantando e dançando ao pé do parceiro.

XXV

Consolal-o não queriam, pois julgavam
Ser indigno aos guerreiros dar conforto;
Se morria, suas façanhas relatavam,
De cócaras chorando ao pé do morto.

XXVI

Approximavam-se as velhas da *taba*,
P'ra o cadaver com mel esfregarem;
De cócaras o punham na *iguacaba*, (1)
Depois de com tinta rubra o pintarem. (2)

XXVII

O defuncto com suas armas compunham,
E co' outros objectos que presára em vida;
Com estes e aquellas no vaso o punham,
P'ra ser depositado em sua jazida.

(1) Especie de talha de barro.

(2) Tinta vermelha feita de genipapo.

XXVIII

Fogueira accesa e aberta a sepultura,
Ao redor desta vasos com comida;
Emquanto a pó não voltasse a creatura,
Sua alma não ficava convertida. (1)

XXIX

Mudavam todo o dia as provisões
Para o *Anhangá* (2) o morto não tragar;
Acreditavam que as taes refeições
O entreteniam p'ra o não desenterrar.

XXX

Só permittia-se isto aos *morubixabas*,
Guerreiros e anciãos, que se distinguiam
Por serem nobres ou chefes das *tabas*;
Mas a outros tantas honras não faziam.

XXXI

Bons sitios procuravam p'ra as aldeias,
Construindo-as em logares pittorescos;
Suas *ocas* pareciam-se com colmeias,
Bem feitas e com symbolos grotescos.

XXXII

No meio de cada aldeia tinham a *ocara*,
Onde havia assembléas e julgamentos;
Nas quaes discutia a gente preclara,
E onde faziam tambem divertimentos.

(1) Acreditavam que só depois de consumido o corpo é que a alma chegava ás *montanhas azues*.

(2) O demonio.

XXXIII

Nella se celebravam as reuniões, (1)
E em algumas havia graves despiques;
Realisavam-se alli as eleições,
P'ra elevarem os chefes e *caciques*. (2)

XXXIV

Após a eleição do *morubixaba*,
Todos juravam-lhe fidelidade;
Das cabildas guerreiras e da *taba*,
Ficava sendo a maior auctoridade.

XXXV

Tinha esta numerosos conselheiros,
Que eram da *taba* os mais velhos varões; (3)
E reuniam-se esses anciãos guerreiros,
P'ra resolverem ásperas questões.

XXXVI

Com o maior respeito eram escutados,
Quando varios assumptos discutiam,
Sendo co' exactidão executados
Os mandatos que do conselho sahiam.

XXXVII

Suas *ocas*, em meio circulo dispostas,
Feitas de pau a pique e barro branco,
Cobertas de *sapê*, (4) altas e appostas,
Tinham só uma abertura, em um flanco.

(1) Presididas pelos mais velhos anciãos da *taba*.

(2) Chefes dos selvagens não aldeados.

(3) Muito respeitados da tribu, dos quaes recebia bons conselhos.

(4) Capim muito duro.

XXXVIII

Tinha cada uma quinze pés de altura,
E no centro um esteio para a cumieira;
Media mais de vinte pés de largura,
Tendo a porta tapada co' uma esteira.

XXXIX

Dentro das mesmas sempre o fogo acceso,
E as *inís* (1) dois esteios as sustentavam;
Objectos nos *giraus* (2) havia em pezo,
E os ganchos (3) armamentos aguentavam.

XL

Preparavam no fogo os alimentos,
Que ás roças e a outras partes íam buscar,
Trazendo diariamente os mantimentos,
Em rações certas para os cozinhar. (4)

XLI

Suas *tabas*, defendidas e cercadas
De ponteagudos paus, (5) que sustentavam
As caveiras dos presos, (6) espetadas,
Que nos combates e festins matavam.

XLII

As tribus que na beira-mar moraram,
E p'las margens de rios navegaveis,
Pirogas para a pesca fabricaram,
Com o fogo e machados(7) perduraveis.

(1) Redes onde dormiam. — (2) Estrados de paus roliços suspensos em quatro forquilhas. — (3) De pau, dependurados dentro das *ocas*. — (4) Em rusticas vasilhas de barro e nas *bucans* ou grelhas. — (5) Que chamavam *cahiçara*. — (6) Prisioneiros. — (7) De pedra, alguns dos quaes ainda podem ser vistos nos museus.

XLIII

Igarassú, era a canôa maior;
Igåra, a de tamanho regular;
Igaratê, chamavam á menor,
 E *Igaratim* ⁽¹⁾ á do chefe passeiar.

XLIV

As armas de que em guerra se serviam
 Eram *huis*, ⁽²⁾ *tangapêmas* ⁽³⁾ e o *tacape* ⁽⁴⁾,
 As *murucús* ⁽⁵⁾ e outras mais que traziam,
 Com o escudo de couro ⁽⁶⁾ para o escape.

XLV

Os instrumentos musicaes que usavam,
 Eram os *maracás*, ⁽⁷⁾ *baréz*, ⁽⁸⁾ *membys*; ⁽⁹⁾
 Os *enguá* ⁽¹⁰⁾ e *garará-peuva* ⁽¹¹⁾ tocavam,
 Como tambem *inubias* ⁽¹²⁾ e *uapys*. ⁽¹³⁾

XLVI

A primor se compunham com adornos
 Trazendo nas cabeças *acanguapes* ⁽¹⁴⁾;
 P'ra assistirem ás festas dos contornos,
 Levavam nas cinturas os *enduaipes*. ⁽¹⁵⁾

XLVII

Os chefes de aldeias ou *morubixabas*,
 Quando se achavam em festins pomposos,
 Levavam aos seus hombros as *açoyábas*, ⁽¹⁶⁾
 Co' os atavios que tinham mais formosos.

(1) Esta levava na prôa um *maracá* adornado. — (2) Flechas. — (3) Maça de pau. — (4) Espada de pau duro. — (5) Lança de pau forte. — (6) Couro cru de *lapyr*, impenetravel ás flechas. — (7) Cabaço com pedrinhas dentro para chocalhar. — (8) Cornetas ou trombetas. — (9) Flautas ou gaitas. — (10) Pandeiro. — (11) Viola com tres cordas de tripa. — (12) Businas — (13) Tambores. — (14) Corôas de pennas. — (15) Saiotes de plumas. — (16) Manto de pennas.

XLVIII

As tribus se pintavam de duas côres:
Preta e vermelha, que significavam:
Aquella mortes, más novas e dôres; (1)
E esta os combates em que se-empenhavam.

XLIX

Tinham os *Tupys* o habito curioso,
Quando queria um casal se apartar;
Appareciam ao chefe judicioso, (2)
E diziam:— «Nos queremos separar».

L

Bastava declararem em voz alta,
Perante o ancião que os estava a ouvir,
Que mutuamente se não faziam falta,
É por tanto queriam-se desunir.

LI

Dizia a mulher: «Não quero este marido.»
E o homem dizia: «Não quero esta mulher.»
Ella: «Vou casar co' outro; é decidido.»
Elle: «Póde casar com quem quizer.»

LII

E assim ficava findo o casamento.
Com a mãe, os filhos pequenos iam,
E os grandes co' o pae, todos a contento,
P'ra logares diversos, sós, partiam.

(1) Que affrontavam com coragem e resignação.

(2) Um dos anciãos.

LIII

Nestas florestas virgens e á ventura,
Sob a ardencia do Sol abrasador,
Vagueavam estes filhos da natura,
Que o poder não conheciam do Creador.

LIV

Os genios solitarios dos desertos
Deste vasto Brasil, não invocados,
Espalhavam-se por sitios incertos,
Sendo do mundo culto ignorados.

LV

Tiravam da natureza as roupagens,
Não conheciam as modas de Paris;
P'ra adornarem-se tinham as plumagens,
Que geralmente usavam neste paiz.

LVI

Não tinham iguarias artificiaes:
Comiam o que lhes dava a natureza;
De fructas, caça, peixes e cereaes,
Faziam suas refeições com singeleza.

LVII

A melodiosa orchestra os deleitava,
Com silvos, guinchos e trinados de ave:
Eram hymnos que ao Creador elevava
A natureza magestosa e grave.

LVIII

De intellecto não eram destituídos,
Pois que á industria rude se dedicavam;
Diversos instrumentos e tecidos ⁽¹⁾
Com bastante paciencia fabricavam.

LIX

E' um crasso erro, ⁽²⁾ nos ensina a historia,
Chamar-se indio ao bugre americano;
Pois, a India nem sequer é divisoria
Co' America: portanto é um engano.

LX

Antes de terem vindo aqui os lusos,
O Brasil se chamava *Pindorama*; ⁽³⁾
E aos logares que não tinham seus usos,
Os *Tupys* os nomeavam *Tapuirama*. ⁽⁴⁾

LXI

Ao findar este poema descriptivo
Quero fazer-vos outra narração:
Qual do Brasil o nome primitivo,
Dado por Cabral a esta ampla nação.

LXII

Ao chegar deu-lhe o nome *Vera Cruz*, ⁽⁵⁾
Por ter-lhe parecido uma grande ilha;
Marcando-a com as quinas de Jesus, ⁽⁶⁾
Partiu após para a India co' a flotilha.

(1) Alguns dos quaes ainda pódem ver-se nos museus.

(2) Este erro nasceu de Christovam Colombo suppor que as ilhas que descobrira faziam parte das Indias orientaes que ancioso procurava. — (3) Região de palmeiras. — (4) Interior que os *Tupys* não conheciam. — (5) Por festejar-se nesse dia a invenção de Santa Cruz. — (6) As armas portuguezas.

LXIII

Mais tarde a designaram *Santa Cruz*,
 Devido a um forte do Rio de Janeiro; (1)
 Longos annos depois de véra luz,
 Foi chamado Brasil por derradeiro.

LXIV

O nome de Brasil originou-se
 De uma madeira que côr braza tem,
 Que em muitas partes pau brasil chamou-se
 É *ib'rapitanga* (2) chama-se tambem.

LXV

Cantando vos faço esta narração
 Dos usos dos indigenas d'outr'ora,
 Que horrores commettiam sem compaixão,
 É os quaes ainda praticam 'té agora.

LXVI

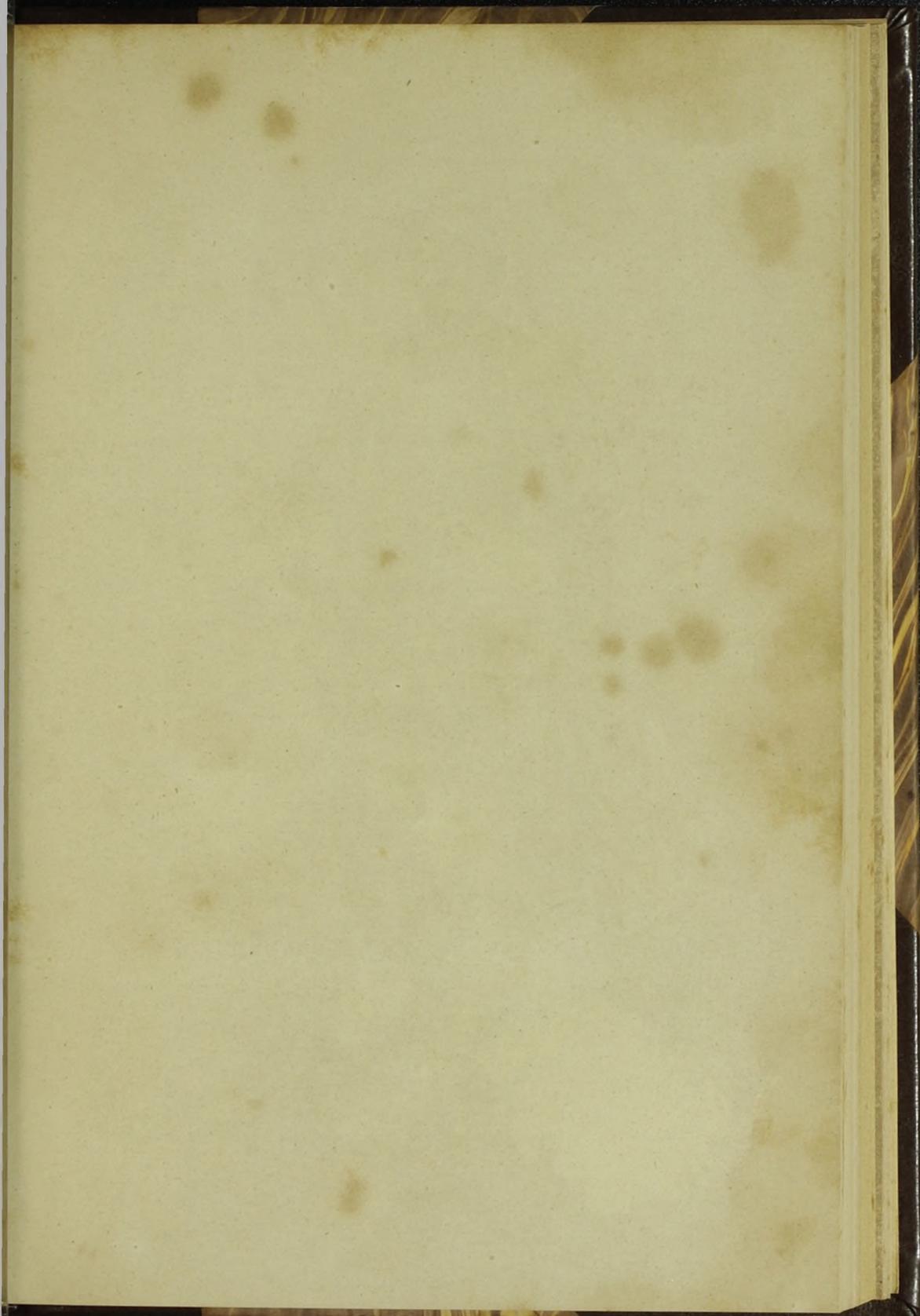
Apresentando-vos, caros leitores,
 Este historico livro juvenil,
 Permitti-me que renda mil louvores
 A este fecundo e prospero Brasil.

LXVII

Tambem aqui me cabe saudar
 Ao immortal Pedro Alvares Cabral,
 Por este bello continente achar,
 Honrando nossa patria — Portugal.

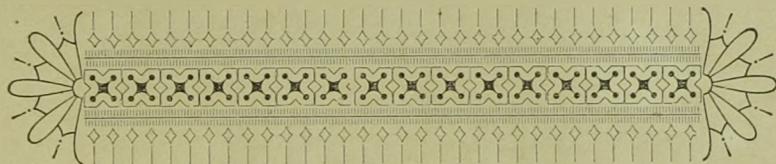
(1) Forte de taipa construido por Christovam Jacques e Americo Vespuccio em 1504, mais tarde convertido em feitoria denominada Santa Cruz, nome este que se tornou extensivo a todo o Brasil. Era situado onde se encontra hoje a igreja da Cruz dos Militares.

(2) Nome indigena.





PEDRO ALVARES CABRAL



CANTO VII

DA

DESCOBERTA DO BRASIL POR PEDRO ALVARES CABRAL



I

Tendo já vos dado uma idéa ligeira
Das crenças e costumes dos selvagens,
Que viveram na terra Brasileira
É que ainda vivem em invias paragens,

II

Vou adiante tambem vos relatar
A descoberta desta ampla nação:
Permitti-me que aqui a venha cantar,
Pedindo-vos benevola attenção.

III

Foi no seculo quinze que subiu
 Ao throno DOM MANUEL (o venturoso),
 Que em logar quatorzeno conseguiu
 Governar com assombro prodigioso.

IV

Foi na villa *Alcochete* ⁽¹⁾ que nasceu
 Este grande rei de tanto valor;
 Co' o nome Duque de Beja cresceu,
 'Té monarcha ser com grande esplendor.

V

Neste reinado de tanta nomeada,
 Que a todos os povos chegára a fama,
 Fez-se apparelhar a primeira armada
 Que p'ra India seguiu com VASCO DA GAMA. ⁽²⁾

VI

Dobrando o *Cabo da Boa Esperança* ⁽³⁾
 Continuou em sua áspera derrota,
 Tendo muita fé e perseverança
 De a *Calecut* ⁽⁴⁾ chegar com toda a frota.

VII

A' capital daquelle paiz chegou, ⁽⁵⁾
 Indo após visitar o *Samorim*; ⁽⁶⁾
 P'ra sua armada voltar lhe custou,
 Por ser preso em sumptuoso *camarim*. ⁽⁷⁾

(1) Antiga villa do Riba-Tejo, provincia da Extremadura. — (2) Esta armada partiu do Tejo a 8 de Julho de 1498, composta das caravellas S. Gabriel, S. Raphael e S. Miguel. — (3) Antigo cabo das Tormentosa, descoberto pelo portuguez Bartholomeu Dias. E' a actual colonia ingleza do Cabo. — (4) Reino de Calecut na India oriental. — (5) A capital tem o mesmo nome do reino, e a ella chegou em 20 de Maio de 1498. — (6) O Rei deste reino. — (7) Em casa do *Catual*.

VIII

A noticia sabendo seu irmão, ⁽¹⁾
Da traição p'lo *Catual* exercitada,
Por carta ao chefe deu informação
De que a capital ía ser arrasada.

IX

Os capitães chamou p'ra uma reunião
P'ra que em tal caso se deliberasse,
E nella decidiu-se a punição
Do *Catual*, se a Gama não soltasse.

X

Mas antes que tudo isto se fizesse,
Alvitres foram por Cunha ⁽²⁾ lembrados
A Paulo, p'ra que os mimos elle desse,
P'los *Catual* ⁽³⁾ e *Gozil* ⁽⁴⁾ ambicionados.

XI

A' vista dos quaes a Gama soltaram,
E a todos os mais de sua comitiva ;
Muito contentes p'ra bordo voltaram,
Recebendo-os o irmão co' alegria viva.

XII

Gama ao *Samorim* communicou
A perfidia de seus subordinados,
Que p'ra ser solto muito lhe custou,
Mas que vexames taes seriam vingados. ⁽⁵⁾

(1) Paulo da Gama.

(2) O capitão Ruy da Cunha, que ficou em Melinde.

(3) Governador de Calecut.

(4) Secretario do *Catual*.

(5) E o foram por elle proprio, Pedro Alvares Cabral, D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque e outros.

XIII

Fingindo o *Samorim* nada saber,
Convidou-o p'ra que desembarcasse;
Mas Gama limitou-se a responder
Que a terra só iria quando voltasse.

XIV

Após muito artificio commercial, (1)
As suas fazendas Gama não vendeu;
Regressou depois para Portugal, (2)
Deixando outras em terra, que perdeu.

XV

Assim que a Lisboa a frota chegou, (3)
A Dom Manoel deu Gama a boa noticia,
Que o cabo *Bôa Esp'rança* elle dobrou,
Enaltecendo-lhe El-Rei sua pericia.

XVI

Agradeceu-lhe, cheio de gratidão,
Os bons serviços á patria prestados,
De marcar terras co' o luso padrão, (4)
E de viajar por mares ignorados.

XVII

Para o seu poderio assegurar,
Apparelhou o monarcha outra armada
De treze caravellas, p'ra marchar
P'ra a India com consid'ravel embaixada.

(1) Combinação dos mouros, que offereciam baixo preço pelas mercadorias dos portuguezes, a fim de os desgostar. — (2) Em principios de Setembro de 1498. — (3) Em Setembro de 1499. — (4) Marcando as que descobriu, que são: Terra do Natal, Terra da Boa Gente, Cabo das Correntes, Mocambique, S. Jorge, S. Thiago, Mombaça, Pemba, Cananor, Melinde, Santa Helena e Ilhas Anchedivas Padarane, ilhas Grover, Mangadoxo, Zanzibar, Monfie, etc., etc., etc.

XVIII

Nomeou p'ra commandal-a um seu fidalgo,
Que chamou-se PEDRO ALVARES CABRAL,
Para que lá no oriente fizesse algo,
Dilatando o commercio a Portugal.

XIX

No dia oito de Março celebrou-se
Uma festa magnifica em Belem;
Sob o regio docel Cabral sentou-se,
Co' o rei, seguidos da côrte tambem.

XX

Foi a solemnidade mais pomposa,
Que se fez em honra ao chefe da armada;
N'esta imponente festa religiosa
Viu sua nobre coragem exaltada.

XXI

O Bispo Dom Diogo de Ortiz ⁽¹⁾ prégou,
Encorajando os nautas a affrontarem
As ondas do mar; e ainda os animou
P'ra nos oceanos mais terras acharem.

XXII

Estava sobre o altar uma bandeira
Da ordem de Christo, que então se benzeu,
Tomando-a Cabral p'ra sua companheira
Das mãos do Rei, o qual lh'a offereceu.

(1) Bispo de Ceuta, cidade situada sobre o monte Abyla, em Marrocos, Praça conquistada aos mouros por El-Rei D. João I, hoje possessão hespanhola.

XXIII

Concluidos estes actos e o sermão,
Cabral a sua bandeira desfraldou
A' frente de solemne procissão,
Que á margem do rio Tejo o acompanhou.

XXIV

Ahi chegados El-Rei deu beija-mão
Ao commandante e a seus subordinados;
Tudo isto ao som de tiros de canhão,
Que dos fortes e de bordo eram dados.

XXV

Não podendo mais nesse dia seguir,
Por estarem os ventos ao contrario,
Resolveram no dia seguinte sahir,
Por assim o entenderem necessario.

XXVI

Nesse dia, ⁽¹⁾ ao romper da rubra aurora,
Mui satisfeitos todos embarcaram ;
Sahindo pouco depois a barra fóra
Em rumo do sudoeste navegaram.

XXVII

P'ra Cabo Verde o capitão-mór ⁽²⁾ ía,
Onde assentára de fazer aguada,
Faltando-lhe um navio ⁽³⁾ que os não seguia,
Que a Lisbõa regressou em arribada.

(1) 9 de Marco de 1500.

(2) Equivalente hoje a almirante.

(3) Commandado por Vasco de Athayde. Devido a um forte temporal foi obrigado a deixar a esquadra e arribar a Lisboa.

XXVIII

Tendo-se concluido o fornecimento
De tudo o que faltava na flotilha,
Deram á viagem seu proseguimento,
Despedindo-se mui saudosos da ilha. (1)

XXIX

Pelagicas (2) correntes, que ignoravam,
Lhes motivaram grande embaraço,
Pois, desviando-os do rumo que levavam
Ficaram angustiados no amplo espaço.

XXX

Em confusão quarenta dias andaram,
Temerosos de algum outro accidente;
Esses casuaes desvios occasionaram
A descoberta deste continente. (3)

XXXI

Ao presentirem de terra os signaes,
Todos ficaram muito satisfeitos;
Vendo passaros e alguns vegetaes,
Dissiparam-se-lhes os maus conceitos.

XXXII

No dia seguinte, vinte e dois de Abril,
Avistaram ao longe alta montanha; (4)
Logo ao convéz (5) correram mais de mil,
P'ra vèrem a inesperada terra estranha.

(1) Ilha de S. Thiago, capital do archipelago de Cabo Verde. — (2) Fortes e enormes correntes de agua doce que correm no meio do mar, ate então desconhecidas, as quaes os Ingлезes denominam *Gulf Stream*. — (3) A região occupada pela nação Brasileira e rio da Prata com seus affluentes. — (4) Era o ponto mais alto da Serra dos *Aymorés*, ao qual deu o nome de *Monte Paschoal*, por ser quarta feira de Paschoa, que ainda hoje se conserva. — (5) Ao convéz de todas as caravellas da frota.

XXXIII

Chegaram no outro dia ao littoral,
Mandando-o explorar por barcos menores,
Durante algum tempo não viu Cabral
Ancoradouro p'ra os navios maiores.

XXXIV

Então a Affonso Lopes ⁽¹⁾ ordenou
Que logar procurasse p'ra paragem;
Naquellas visinhanças não achou
Nenhum porto que lhes desse ancoragem.

XXXV

Um rio Nicolau Coelho ⁽²⁾ descobriu ⁽³⁾
Que ancoradouro não offerecia,
E explorando-lhe suas margens viu
Mais de vinte selvagens ⁽⁴⁾ á espia.

XXXVI

Então os portuguezes lhes fallaram,
E elles em seu dialecto respondiam;
Uns e outros muitas cousas perguntaram,
Mas mutuamente se não comprehendiam.

XXXVII

A' mimographica arte recorreram,
E os indigenas o mesmo fizeram;
Os linguas da frota os não entenderam,
Apesar dos esforços que fizeram.

* (1) Piloto da armada.

(2) Commandante de caravella.

(3) Ao qual poz o nome de *Fyade*, que ainda hoje conserva.

(4) Armados em attitude pacifica, estavam completamente nus.

XXXVIII

Varios presentes entre si trocaram :
Coelho muitos objectos ⁽¹⁾ off'receu-lhes,
E os selvagens tambem lhe entregaram
Mimos ⁽²⁾ que o capitão agradeceu-lhes.

XXXIX

O astro da noite já se approximava,
Quando voltaram p'ra as naus de Cabral ;
Por ventar, toda a frota navegava
Para o norte, abeirando o littoral.

XL

Andadas já dez leguas se avistou
Um excellente porto ⁽³⁾ p'ra ancorarem ;
Chegados alli a esquadra fundeou,
P'ra a nova descoberta assignalarem.

XLI

Affonso Lopes, que andava explorando,
Encontrou dois selvagens a pescar ;
Dos mesmos se foi logo approximando
E prendeu-os p'ra a seu chefe os levar.

XLII

Chegados á presença de Cabral,
Este intentou causar-lhes impressão :
Poz ao peito um collar do bom metal, ⁽⁴⁾
Que produziu-lhes grande admiração.

(1) Uma carapuça vermelha, um barrete e um chapeu, etc.

(2) Dois cocares e um grande collar de conchas.

(3) Ao qual poz Cabral o nome de *Porto Seguro*, que ainda hoje conserva.

(4) Cordão de ouro, á vista do qual manifestaram que em terra existia muito desse metal.

XLIII

Em luxuosa poltrona se sentou,
Collocada sobre um grande tapete,
Ao pescoço o cordão dependurou
E em sua cabeça poz rico barrete. (1)

XLIV

Depois que os officiaes se sentaram,
Trouxeram os bugres á sua presença;
Nem a Cabral nem aos outros saudaram,
Nem p'ra entrarem pediram-lhes licença.

XLV

Ao chegarem ficaram silenciosos,
E se mostraram não pouco admirados;
Ao verem trajos p'ra elles magestosos
Acenaram p'ra terra contrariados.

XLVI

Viram um papagaio e uma gallinha:
Aquelle o acharam muito familiar;
Mas a esta ave, bem como a uma ovelhinha,
O horror foi tal que me faz admirar. (2)

XLVII

Os manjares que lhes apresentaram,
P'lo systema europeu manipulados,
Cuspiram-nos assim que os saborearam,
Demonstrando que estavam enojados.

(1) Benzido pelo Papa, o qual usou na festa que se celebrou em Belem no dia antecedente ao da sua sahida de Lisboa.

(2) Por estarem costumados a viver com animaes parecidos com aquelles.

XLVIII

A propria agua e vinho não quizeram,
Por estranharem estas duas bebidas;
Quando as provaram mimicas fizeram,
Nauseando-lhes os doces e as comidas.

XLIX

Não tinham medo que os envenenassem,
Acreditando ser boa a intenção;
Não gostavam, porém, que os obrigassem
A comer do que tinham aversão.

L

Quando um dos bugres viu alvo rosario ⁽¹⁾
Pendente ao peito de um luso official,
Significou que lhe era necessario,
Sendo-lhe logo entregue por Cabral.

LI

Continuaram p'ra terra a acenar,
Porém os lusos não os attenderam;
Vendo que não queriam se importar,
Em cima do tapete se estenderam.

LII

Debaixo das cabeças lhes puzeram
Duas almofadas, p'ra melhor dormirem;
Aos portuguezes nada disseram,
Nem no acto de com capas os cobrirem. ⁽²⁾

(1) De contas brancas que quasi todos os nautas costumavam a usar ao pescoço, e ao ser-lhe dado o enrolou n'um dos braços.

(2) Mostraram-se satisfeitos com este costume, ao qual não estavam habituados.

LIII

A vinte e cinco de Abril fez entrada
A grande flotilha em porto escolhido; ⁽¹⁾
Depois de em bom lugar estar fundeada,
Foi o conselho da frota reunido.

LIV

Resolveu este p'ra terra mandar
Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias, ⁽²⁾
Co' os dois selvagens para os ajudar
A remar as pequenas almadias.

LV

Com muitos mimos a estes distinguiram,
Constantes de campainhas e rosarios,
E seus arcos e flechas lhes restituiram,
Presenteando-os tambem co' alguns vestuarios.

LVI

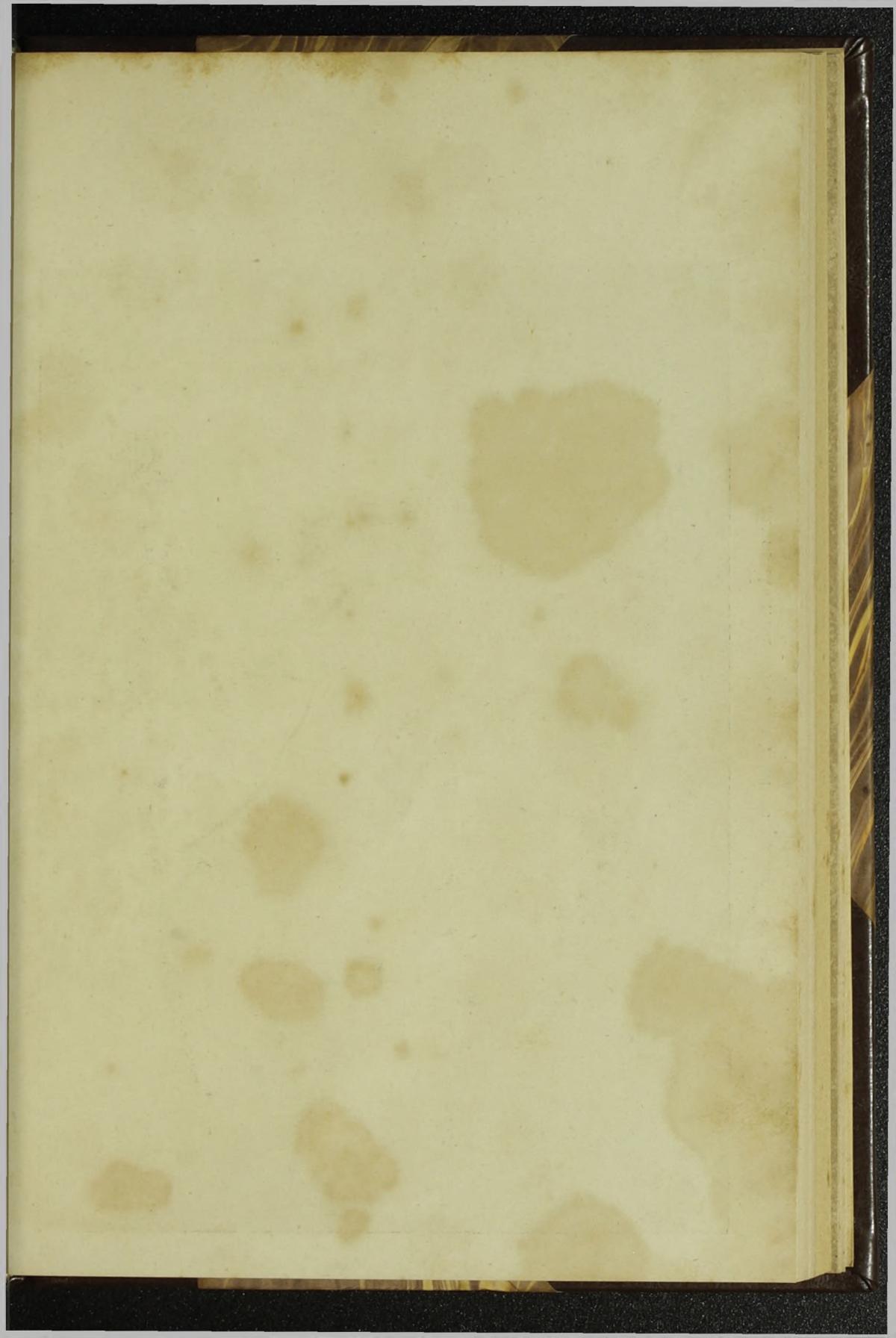
Logo que as almadias á praia chegaram,
Centenas de selvagens ahi affluiram;
Então os portuguezes lhes rogaram
Que as armas depozessem, ao que annuiram.

LVII

Saltando os dois bugres das almadias,
Para o cerrado dos bosques correram;
Voltando depois com as mãos vasias,
Pois que os varios presentes esconderam.

(1) Porto Seguro.

(2) O descobridor do cabo de Boa Esperança. Morreu no naufragio da caravela que commandava, antes de chegar á India.





PRIMEIRA MISSA NO BRASIL EM 26 DE ABRIL DE 1500

LVIII

Vieram á praia e os lusos auxiliaram
A encher de agua doce mais de uma pipa ;
Aos demais companheiros convidaram
P'ra os ajudarem na lida da esquipa.

LIX

Aos selvagens os lusos presenteavam,
Emquanto elles estavam a lidar,
Com miudezas ⁽¹⁾ que todos apreciavam
O que os fez o trabalho acelerar.

LX

A vinte e seis de Abril, dia da Paschoela, ⁽²⁾
Quiz Cabral que uma missa se dissesse.
Mandou improvisar uma capella ⁽³⁾
E que dentro della o altar se puzesse.

LXI

Ao lado elle com o pendão se achava,
Que em Belem das mãos de El-Rei recebeu ;
Um grupo de selvagens perto estava,
Que ao ver o festival se commoveu.

LXII

Da missa o sacrificio celebrou
Frei Henrique de Coimbra ⁽⁴⁾ (franciscano)
Que eloquente sermão depois prégou,
Enaltecendo os que andavam no oceano.

(1) Braceletes, missangas, campainhas e guizos, etc.

(2) Era domingo.

(3) Em uma ilhota proxima á praia, á qual poz o nome de *Corba Vermelha*.

(4) Que seguia como superior dos Franciscanos para fundar uma missão em Calecut.

LXIII

Tambem louvou a nova descoberta,
Vaticinando sua grande importancia ;
Pois a riqueza lhe parecia certa,
Pedindo que a explorassem com constancia.

LXIV

Só a esses portuguezes, afinal,
Guiados p' lo lábaro de Santa Cruz,
Coube a nova levar a Portugal,
Da descoberta a que tiveram jus.

LXV

Em frente dessa virgem natureza,
Sob o docel dos bosques seculares,
Um continente de tanta grandeza .
Estava através de ignorados mares.

LXVI

Este frade seguiu como sup'rior,
De uma missão da Ordem de São Francisco,
P' ra da religião ser propagador,
Catechizando indios a todo o risco.

LXVII

Desejando saber onde chegava
O character pacato dos selvagens,
Um moço ⁽¹⁾ ao capitão mór-implorava
Que o deixasse ficar nestas paragens.

(1) Grumete da armada.

LXVIII

Tendo a licença desejada obtido,
O moço entre os indigenas ficou,
Co' agrado foi por elles recebido,
E elle em retribuição os f'licitou.

LXIX

Offereceram-lhe agua das cabaças,
E acenaram para os demais da frota,
Convidando-os, por gestos e chalaças,
A imitarem seu bravo compatriota.

LXX

Proximo á noite mandou dar Cabral
O aviso p'ra toda a gente embarcar,
Ordenando aos musicos em geral,
Que tocassem marciaes marchas de atroar.

LXXI

A' beira-mar os musicos tocaram
Lindas peças, que os bugres applaudiam,
Os quaes em imital-as se esforçaram,
Co' os sons que das buzinas expelliam.

LXXII

Cantavam e dançavam, bem contentes,
Batendo palmas com viva alegria;
Soltavam flechas ao ar vezes frequentes,
Solemnizando os actos desse dia.

LXXIII

Os quatro dias que desse mez restavam,
Empregou-os Cabral no provimento;
E os bugres, diligentes, ajudavam
Os Portuguezes, todos a contento.

LXXIV

De agua, lenha e alimentos se proveram,
P'ra depois continuarem a sua viagem;
Mas antes disto os chefes resolveram
Que ouvisse mais uma missa a equipagem.

LXXV

No dia da Invenção de Santa Cruz, (1)
Todos em procissão desembarcaram,
Trazendo á frente o pendão de Jesus,
E p'ra junto do altar se encaminharam,

LXXVI

O qual em terra firme estava erecto,
Sob o docel frondoso das ramagens,
A que os aureos raios davam bello aspecto,
Que a todos admirou nestas paragens.

LXXVII

Cabral ao lado do altar collocou-se
Com o lábaro de Christo na mão;
Ao ar livre outra missa (2) celebrou-se,
Seguida de um esplendido sermão. (3)

(1) 1.º de Maio refere a *Historia do Brasil*, por Estacio de Sá e Menezes.

(2) A esta missa assistiram mais de quinhentas pessoas, entre europeus e selvagens.

(3) Prégou frei Henrique de Coimbra, tomando por thema o valor dos milagres da Santa Cruz.

LXXVIII

Aproveitou tambem essa occasião
P'ra ser abençoada a cruz de madeira, (1)
Que a posse firmasse, e fosse padrão
D'esta grandiosa terra Brasileira.

LXXIX

Foi ainda Frei Henrique que officiou
Nestes pomposos actos religiosos,
E o signal armilar na cruz pregou,
Para gloria dos nautas avent'rosos.

LXXX

Os selvagens aos lusos imitavam
Na cerimonia da missa a que assistiram; (2)
No fim d'esta quando elles se recreavam,
Cruzinhas de metal lhes distribuiram.

LXXXI

A' unica mulher que á missa assistiu,
Offertaram-lhe um purpuro vestido,
Que atabalhoadamente mal vestiu,
Causando a todos risos e alarido.

LXXXII

Quasi á noite p'ra bordo regressaram,
Em solemne e festiva procissão;
E tristes os indigenas ficaram,
Mas cheios de pasmo e grande admiração.

(1) Tencionando Cabral seguir o roteiro de Vasco da Gama para Calicut, descuidou-se de trazer padrões. Por essa circumstancia, substituiu-o por uma grande cruz de madeira, na qual pregaram a esphera armilar, que constituia as armas de El-Rei D. Manoel, e que por longos annos foi o symbolo da bandeira brasileira. Essa grande cruz attestou o descobrimento e firmou a posse do Brasil. — (2) Mostraram-se mui attentos, imitando os portuguezes quando estes se ajoelhavam e levantavam.

LXXXIII

O conselho mandou reunir Cabral,
No qual os commandantes decidiram
Que Gaspar Lemos fosse a Portugal,
Annunciar a região que descobriram.

LXXXIV

E logo o capitão Lemos partiu
Na caravella que elle commandava;
P'ra as portuguezas praias se dirigiu,
A dar as boas noticias que levava.

LXXXV

Foram dois presos em terra lançados,
Que para esse fim já traziam na frota,
Que á morte tendo sido condemnados,
Os desterravam p'ra terra remota. (1)

LXXXVI

Ao chegarem a terra os degredados,
Diziam, pensando em sua amarga sorte :
« Findamos nossas vidas exilados...
Antes lá acceitassemos a morte... »

LXXXVII

Os selvagens, assim não o entendendo,
A sua grande afflicção lhes mitigaram;
O fim de tal ardil não comprehendendo,
Com bons modos suas maguas consolaram.

(1) Costumavam todas as frotas destinadas ao descobrimento de novas terras, trazer condemnados á morte, aos quaes lhes commutavam a pena pela de desterro em longinquas regiões entre os barbaros. Alguns destes condemnados vieram a prestar grandes serviços á patria, e de entre esses homens salienta-se Affonso Ribeiro, um dos que Pedro Alvares Cabral deixou em Porto Seguro.

LXXXVIII

Dizia Cabral que nada se perdia,
Se os selvagens matassem os malvados;
O povo de seu paiz não os queria,
Portanto que ficassem desterrados.

LXXXIX

Se escapassem havia tudo a ganhar,
Caso os bugres tivessem compaixão;
Poderiam aos vindouros aqui guiar,
E então uteis seriam á sua nação.

XC

Como de facto assim aconteceu
Co' o que Affonso Ribeiro era chamado;
Emquanto ao outro não sei se morreu,
Por ser tambem da historia ignorado.

XCI

Taes foram os serviços que prestou,
Que obteve permissão de ao paiz voltar; ⁽¹⁾
As lusas frotas muito elle ajudou,
P'los costumes e a lingua explicar.

XCII

Deste modo tomou posse Cabral,
Desta vasta região que descobriu,
Participando a El-Rei de Portugal, ⁽²⁾
Que um temporal p'ra aqui o conduziu. ⁽³⁾

(1) Regenerando-se completamente, e depois de muito ter auxiliado aqui os portuguezes, obteve permissão de voltar a Portugal, onde foi recompensado por El-Rei. — (2) Em carta de que foi portador Gaspar de Lemos. — (3) Após a esta tempestade, reuniram-se todos os navios da armada, menos um que arribou a Lisboa. Ordenou-lhes Cabral que se afastassem o mais possivel para o occidente no intuito de evitar as calmarias da costa de *Guiné*, ocasionando esta feliz direcção a descoberta do Brasil.

XCIII

No dia seguinte ⁽¹⁾ os ferros levantou,
Proseguindo sua aspera derrota; ⁽²⁾
Vestigios immortaes aqui deixou,
Dirigindo-se para a India co' a frota.

XCIV

Assim que Gaspar de Lemos chegou
A Lisboa, logo a El-Rei foi visitar;
Ao vel-o, Dom Manuel lhe perguntou
Qual o motivo de ao Tejo arribar.

XCV

« Venho dar a Vossa Alteza a noticia
De uma grande ilha termos descoberto;
Um temporal nol-a tornou propicia,
Desnorteando-nos no amplo mar aberto.

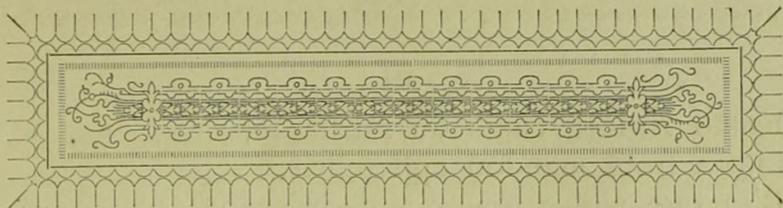
XCVI

« Foi esta a razão de a Lisboa voltar,
Cumprindo as ordens do chefe da armada,
P'ra Vossa Alteza no porvir cuidar
Da ilha *Vera Cruz*, por Cabral chamada ».

XCVII

Uma longa carta ⁽³⁾ ao rei entregou
Narrando os factos do descobrimento,
Cujo conteúdo muito lhe agradou,
Por ser um minucioso documento.

(1) 2 de Maio de 1500. — (2) Esta viagem foi tão infeliz que ao desaparecer um cometa que avistaram durante 11 dias, desencadeou-se tão grande tempestade que naufragaram Ayres da Silva, Simão da Lima, Vasco de Athaide e Bartholomeu Dias, com as caravellas que commandavam. — (3) De Pero Vaz de Caminha, datada de 1 de Maio de 1500, relatando-lhe os acontecimentos da descoberta do Brasil.



CANTO VIII

EPISODIOS PRINCIPAES DA HISTORIA DO BRASIL



As duas primeiras explorações (1501-1503)

I

Vou relatar-vos mais outras passagens,
Dos factos principaes da heroica historia,
Dados nestas esplendidas paragens,
Nos quaes aos lusos cabe immensa gloria. (1)

II

Co' o heroismo que lhes era peculiar,
Temerarios as vagas affrontaram,
E co' as noticias que Lemos foi dar
Mais as heroïcidades se accentuaram.

(1) Do descobrimento do Brasil. Esta noticia causou tanta satisfação a D. Manoel, que se apressou em communicar-a a todos os monarchas da Europa.

III

Então El-Rei, cheio de satisfação,
 Outra frota mandou apparellhar,
 P'ra que viesse tomar a descripção
 Da ilha de *Vera Cruz*, por explorar.

IV

Compunha-se de tres naus essa frota,
 Que ao mando de Gonçalo Coelho enviou,
 Seguindo a treze de Maio a derrota, ⁽¹⁾
 Co' Americo Vespuccio, que a mareou.

V

Após sessenta e sete dias de viagem,
 Avistaram ao longe um continente; ⁽²⁾
 Junto d'elle fizeram ancoragem,
 P'ra o assignalarem convenientemente.

VI

Dobrando o cabo de Santo Agostinho, ⁽³⁾
 Coelho mais para o sul se dirigiu,
 Marcando muitos portos no caminho,
 Até Cananéa ⁽⁴⁾ que então descobriu.

VII

São Thomé, ⁽⁵⁾ São Vicente ⁽⁶⁾ e Angra dos Reis, ⁽⁷⁾
 O Rio de Janeiro ⁽⁸⁾ e São Sebastião, ⁽⁹⁾
 Descobriu, como vêr vós podereis,
 Na heroica historia desta ampla nação.

(1) De 1501. Partiu do Tejo com rumo de Cabo Verde e alli se encontrou, no porto de Bezeneque ou Mandagam, com Cabral, que voltava da India. Gonçalo Coelho demorou-se onze dias naquelle porto, afim de abastecer-se. — (2) O cabo de S. Roque, situado na costa do actual Estado do Rio Grande do Norte. Foi alli que, em agosto de 1501, pela primeira vez os selvagens saborearam a carne dos portuguezes, que tanto lhes agradou que por longos annos a estimaram... — (3) Vide as notas 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 no fim do canto.

VIII

Não encontrando Coelho o que buscava,
Triste, resolveu p'ra Lisbôa voltar;
Tomando as provisões que precisava,
Regressou sem mais nada examinar.

IX

De taes noticias El-Rei não gostou,
E deixando este paiz no esquecimento,
Uma outra armada apparelhar mandou
P'ra á ilha de Melcha ⁽¹⁾ ir buscar provento,

X

Ao mando de Christovam Jacques ía
A frota que Vespuccio pilotava;
A dez de Maio ⁽²⁾ do rio Tejo partia,
Em busca dos metaes que desejava.

XI

Seguia o rumo da India esta frota,
Que era composta de seis caravellas;
E após tormentosissima derrota,
Que quasi debandou todas as velas, ⁽³⁾

XII

Forçados, p'ra o sudoeste navegaram,
Só com duas caravellas da flotilha;
Quando trezentas leguas caminharam,
Lançaram ferros no porto de uma ilha. ⁽⁴⁾

(1) Situada ao oeste de Calicut, na India. — (2) De 1503. — (3) Seguiram o rumo de Cabo Verde, onde chegaram e se abasteceram, e partiram para Serra Leôa. Forte temporal, assaltou a armada, extraviando-se quatro caravellas, obrigando as duas restantes, onde vinham Jacques e Vespuccio, a navegarem para o sudoeste. — (4) Ao norte do Brasil, denominada Fernando Noronha, á espera dos companheiros que nunca mais vieram.

XIII

Depois de oito dias nessa ilha de encantos,
Viajaram p'ra o sul em exploração;
Ao acharem a Bahia de *Todos os Santos*, (1)
Tambem fizeram nella uma estação.

XIV

Vendo que as outras naus se não reuniam,
Mais p'ra o sul continuaram a viajar;
Ao fim de oito dias noutra bahia surgiram,
Na qual se resolveram demorar. (2)

XV

Cinco mezes parou ahi a flotilha,
Indo alguns trinta leguas p'lo sertão;
Conheceram então não ser uma ilha
Que Cabral suppoz fosse esta nação.

XVI

Nessa parada um forte se construiu,
O qual de Santa Cruz denominaram, (3)
Nome este que pelo paiz se espargiu,
Pois de Santa Cruz mais tarde o chamaram.

XVII

E carregadas as duas caravellas,
Co' alguns animaes e pau do Brasil;
Desferraram as ancoras e as velas,
Com a primeira carga mercantil.

(1) Assim a denominou Jacques por estar no dia 1 de novembro. Alli se detiveram dous mezes e quatro dias, á espera dos companheiros que se extra- viaram na Serra Leoa. — (2) Guanabara. De harmonia com os selvagens empre- henderam diversas explorações, ao cabo das quaes se convenceram de que *Vera Cruz* não era uma ilha. — (3) Este forte, construido de taipa, era situado onde se encontra hoje a notavel egreja da Cruz dos Militares, no Rio de Janeiro.

XVIII

Assim que em Lisbôa as cargas venderam,
A cobiça chegou aos armadores ;
Marchar p'ra o Brasil muitos resolveram,
Sem que fossem das bahias conhecedores. (1)

XIX

Americo Vespuccio, (2) já bem sciente
De todo o littoral desta nação,
Por ser em geographia muito experiente,
Em mappa traçou a sua descripção.

XX

Deste geographo foi originado
O nome que tem este continente ;
Se não tivesse os mappas publicado,
Cabralia (3) seria este continente.

XXI

A Colombo (4) tambem não pertencia
O seu nome a este continente dar ;
Só duas ilhas (5) achou na travessia,
Por do diário de Sanches se apossar. (6)

(1) Por esse facto occorreram muitos naufragios na costa do Brasil. D'entre essas hecatombes maritimas, destacam-se aquellas de que foram victimas Diogo Alvares, mais tarde cognominado *Caramurú*, e João Ramalho, dos quaes trato resumidamente neste livro, não só porque suas aventuras hão merecido a attenção de muitos escriptores, como tambem porque elles prestaram valiosos serviços á mãe patria.

(2) Notavel navegante florentino, que fez diversas viagens á America e lhe deu seu nome ; nasceu em 1441 e morreu em 1516. Suppõe-se que haja estudado na escola de Sagres, fundada pelo inlyto infante D. Henrique.

(3) Tendo sido Cabral quem descobriu vasta parte deste continente, justo era que se ao denominasse *Cabralia*. Vespuccio apenas o fez conhecido scientificamente.

(4) Christovam Colombo, navegador genovez prestou seus serviços nas marinhas portugueza e hespanhola.

(5) Cuba e Haíti, que elle descobriu em 12 de outubro de 1492, viajando ao serviço da Hespanha.

(6) Vide esta importante nota no fim do canto.

Naufragio e alguns factos do Caramurú
(1510-1529)

XXII

Perto de Itaparica naufragou (1)
Um navio de commercio carregado;
Dos *Tupys* homicidas se escapou
Diogo Alvares, que veio nelle embarcado.

XXIII

Por se achar muito doente na occasião,
Foi elle reservado p'ra outra festa
Pela *Tupinambá* tribu, que então
Dominava essa rispida floresta.

XXIV

Magoado, andava pela praia passeando,
E vendo objectos que o mar arrojou;
Uma arma do meio destes apanhando
Com polvora e com chumbo a carregou.

XXV

Ao ver passar uma ave de rapina,
De repente fez p'ra ella pontaria;
Assim que disparou a sua clavina,
O milhafre no chão morto cahia.

(1) No anno de 1510 naufragou um navio carregado de pau Brasil caindo toda a tripulação nas garras dos *Tupinambás* que os devoraram, escapando Diogo Alvares, ainda moço, que por doente ficou guardado para outro festim.

XXVI

Os selvagens ficaram assombrados
Com este facto, p'ra elles tão estranho;
E a seus pés se prostraram, ajoelhados
E amedrontados co' estrondo tamanho.

XXVII

Attonitos com tal facto anormal,
De *Caramurú* logo o appellidaram;
Julgando-o um ente sobre-natural,
P'ra seu *morubixaba* o convidaram.

XXVIII

A tribu que tinha a dita em possui-o,
Se mostrou logo ás outras superior;
Co' o maior poder quizeram distinguil-o,
Por ser extraordinario o seu valor.

XXIX

Co' a formosa e gentil *Paraguassú*,
Que era filha de um dos *morubixabas*,
Casou o portuguez *Caramurú*,
Ficando chefe das guerras ⁽¹⁾ e *tabas*.

XXX

Aos portuguezes muito elle ajudou,
Quando aqui vinham com as lusas frotas;
Varias colonias e villas ⁽²⁾ fundou,
Protegendo bastante os compatriotas.

(1) Nas quaes tinha sempre a victoria graças á sua maravilhosa espingarda.

(2) Fundou Villa-Velha junctamente com o donatario da Capitania Francisco Pereira Coutinho, no logar onde hoje existe a freguezia de N. S. da Victoria. Fundando outras mais na ilha de Itaparica (seu quartel general) protegendo seus compatriotas e o progresso daquelle lugar. Domesticou muitos selvagens no meio dos quaes passou toda a vida,

XXXI

Constituem estes factos a verdade,
 E tudo o mais são lendas que os floream ;
 Neste resumo ha mais probab'idade,
 Que nos romances que a elles se encadeiam.

Expedição de Martim Affonso de Souza
 Fundação da Colonia de S. Vicente (1530-1535)

XXXII

Veio ao conhecimento de Dom João, (1)
 Que nesse tempo o Reino governava,
 Que Hespanhoes (2) faziam no Prata invasão,
 E a França alguns dos portos explorava.

XXXIII

Para que ao Brasil viessem aportar,
 Cinco navios apparelhar mandou,
 Afim da posse do paiz effectuar,
 Do que a Martim Affonso encarregou.

XXXIV

Sahiram as caravellas de Lisbôa, (3)
 As quaes ao norte do Brazil chegaram,
 Percorrendo em serviço da corôa,
 As bahias 'té Cananéa, onde fundearam.

(1) El-Rei D. João III, que succedeu a seu pae, D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1521, data em que este falleceu em Lisboa. — (2) Diogo Garcia e Sebastião Cabot nessa occasião ao serviço da Hespanha, exploraram o Rio da Prata. — (3) Em 3 de Dezembro de 1530; chegaram ao cabo de Santo Agostinho em 31 de Janeiro de 1531, onde aprisioaram 3 navios francezes carregados de pau Brasil, em Pernambuco a 17 de Fevereiro, á Bahia em 13 de Março e ao Rio de Janeiro em 30 de Abril, onde demoraram-se 3 mezes.

XXXV

A' chegada o capitão-mór mandou
A terra o guia Pero Annes, num batel ;
Ao fim de cinco dias de lá voltou,
Com alguns europeus⁽¹⁾ e um bacharel.

XXXVI

Recebendo boas novas do sertão,
E ancioso p'las riquezas conhecer,
Oitenta homens mandou de expedição,⁽²⁾
Para noticias mais amplas saber.

XXXVII

Foi esta expedição muito infeliz,
Pois toda morreu nas mãos dos *Caethés* ;
Ao saber tal noticia não mais quiz
Estar no logar do triste revéz.

XXXVIII

Pungido, partiu p'ra o sul com a armada.
Perto do Cabo de Santa Maria,⁽³⁾
Por forte temporal foi assaltada,
Naufragando o navio onde o chefe ía.⁽⁴⁾

XXXIX

Na reunião do conselho foi firmado,
Que a frota na ilha de Palma ficasse,
E que Lopes⁽⁵⁾ ao Prata fosse enviado,
Para que as margens com padrões marcasse.

(1) Francisco Chaves e outros que viviam entre os selvagens. — (2) Comandada por Pero Lobo para reconhecer o interior do paiz. — (3) Na Republica do Uruguay. — (4) O navio capitania, perto do rio Chuy, com perda de sete pessoas da equipagem. — (5) O Capitão Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso de Souza, partiu n'um bergantim tripulado por trinta homens a explorar o rio da Prata, onde levantou padrões do dominio portuguez.

XL

A missão com primor desempenhou,
E voltando ajuntou-se aos companheiros;
Martim Affonso ferros levantou,
P'ra São Vicente foi co' os marinheiros.

XLI

De accordo co' as instrucções que levava,
Iniciou seus serviços á chegada,
E a villa São Vicente ⁽¹⁾ edificava,
P'ra centro da colonia projectada.

XLII

Quando occupado co' esta fundação,
Se viu pelos *Guayanazes* atacado;
Mui critica seria sua situação,
Se p'lo Ramalho não fosse auxiliado.

XLIII

Por convite do dito João Ramalho,
Resolveu subir a serra do Mar, ⁽²⁾
P'ra ver os lindos campos ⁽³⁾ e o trabalho
De uma *taba* ⁽⁴⁾ que estava a edificar.

XLIV

Voltou a São Vicente satisfeito,
Mas por avisos da côrte o distrahirem,
Transferiu o governo e seu direito,
A delegados ⁽⁵⁾ para o substituirem.

(1) Chegando a este lugar a 20 de Janeiro de 1532. Tendo apenas construido um forte de madeira quando foi atacado pelos *Guayanazes* chefiados por João Ramalho que ha muito vivia entre elles. — (2) Paranâpiacaba ou Cubatão, entre as cidades de S. Paulo e a de Santos. — (3) Planicies onde corre o rio Piratinga que lhe deu o nome. — (4) Aldeia de Santo André da Borda do Campo, proximo á hoje Villa de S. Bernardo. — (5) Vide esta nota no fim canto.

XLV

Para Lisbôa voltou por ter noticia,
Da sua nomeação de governador
Da India, graças á pratica e á pericia
De nucleos coloniaes ser fundador.

XLVI

Homens, sementes e mudas mandou
De Lisbôa p'ra a villa de São Vicente;
Tambem a canna de assucar ⁽¹⁾ enviou
Da Madeira, de onde era proveniente.

XLVII

A primeira mulher de Portugal
Que chegou a esta boa capitania,
Casou com João Gonçalves, official,
De justiça, que então aqui servia. ⁽²⁾

Divisão do paiz em capitánias (1535-1545)

XLVIII

A metropole em breve conheceu,
Que tinha de gastar grandes quantias
Co' as colonias, por isso resolveu,
Dividir o paiz em capitánias. ⁽³⁾

(1) Levada pelos árabes á Sicilia (Italia), foi dahi transplantada para a ilha da Madeira, de onde veio para aqui.

(2) Na capitania de S. Vicente nos annos de 1536 e 1537.

(3) Este systema já tinha dado bons resultados na ilha da Madeira, e nas dos Açores.

XLIX

Por nove donos foram distribuidas
Essas capitancias hereditarias,
Sendo pelo governo garantidas
Das temerosas invasões corsarias.

L

A primeira a Martim Affonso doada,
Que São Vicente já denominavam,
Era por muita gente procurada,
Porque nella os progressos augmentavam. (1)

LI

A Pero Lopes foi doada (2) a segunda,
A' qual de Santo Amaro elle chamou;
Por lhe ter parecido mui fecunda,
Os seus direitos a outros delegou.

LII

Entregaram a Pero Goes Silveira, (3)
A capitania fertil do Parahyba;
Por a desgraça ser sua companheira,
Não pôde sua colonia ir arriba.

LIII

A do Espirito Santo foi confiada
A um tal Vasco Fernandes de Coutinho; (4)
Seus bens perdeu na empreza mallograda,
Por sua gente andar sempre em desalinho.

(1) Nessa occasião já as duas colonias contavam seiscentos moradores euro-
peus e seis engenhos de assucar. — (2) Esta doação foi dividida em duas partes,
uma ao sul e outra ao norte, administrando a do sul Gonçalo Affonso e a do norte
João Gonçalves. Ambas tiveram fraco desenvolvimento. — (3) Esquipando navios,
veio para ella com colonos, amigos e parentes. Não podendo resistir aos constantes
ataques dos *Goytacazes*, pediu asylo ao seu visinho da do Espirito Santo, onde mor-
reu. — (4) Vendendo o que possuia em Portugal veio para ella com o que preci-
sava, mallogrando-se as suas esperanças. Nella morreu desacoroçoado e pobre.

LIV

A colonia Ilhéos foi outhorgada
 A Jorge de Figueiredo Corrêa, (1)
 Sendo sua direcção a outrem confiada;
 Por não saber rege-la, ella fraquêa.

LV

A Francisco Pereira de Coutinho, (2)
 A da Bahia de Todos os Santos deram;
 Deixando elle e os seus a patria e o ninho,
 Com navios e colonos p'ra ella vieram.

LVI

Tambem a Pero do Campo Tourinho, (3)
 Foi dada a posse de Porto Seguro;
 Prosperando mais do que a do visinho,
 Por ter muito cuidado em seu futuro.

LVII

A posse a Duarte Coelho transferiram (4)
 Da boa capitania pernambucana:
 Elle e familia para lá partiram,
 P'ra crearem sua colonia americana.

LVIII

A João de Barros, (5) Dom João concedeu
 A capitania da ilha Maranhão;
 Não tendo meios, um plano concebeu
 De arranjar socios para a exploração.

(1) Não podendo vir para ella por causa de seu emprego, delegou seus poderes a Francisco Romero (hespanhol), que por causa de divergencias entre os colonos e selvagens, regressou a Portugal. Dahi resultou sua completa ruina.

(2) Veio este donatario fortificar-se em Villa-Velha, indo muito bem a principio; mas, por causa de desavenças entre os colonos e selvagens, se travaram algumas guerras em que foi vencido e por essa causa retirou-se e em seu tracto foi victima dos selvagens. — (3) Vide as notas 3, 4 e 5 no fim do canto.

LIX

Infelizes foram estes donatarios,
 Porque sem pratica da patria sahiram:
 Uns perderam os seus bens pecuniarios,
 E outros a vida, e nada conseguiram.

Fundação da cidade da Bahia — Estabelecimento do
 primeiro governo central — Os primeiros jesuitas
 e o primeiro bispo (1549-1567).

LX

Frustrado o plano das capitánias,
 Um governo geral fez El-Rei crear,
 Vindo o governador com regalias,
 P'ra a nova capital na Bahia fundar.

LXI

Trouxe muitos soldados, degredados,
 Jesuitas e meninas educandas,
 P'ra alguns moços serem co' ellas casados,
 Mas só os dignos dessas adorandas.

LXII

Chegando Thomé de Souza á Bahia, (1)
 P'lo *Caramuru* (2) foi bem recebido;
 Ambos trataram que se construiria
 A cidade, n'um sitio escolhido.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"

Tombo N.º _____

(1) Em 29 de Março de 1549, e foi o primeiro governador geral do Brasil.
 (2) Os selvagens o tinham na conta de seu patriarcha.

LXIII

A capital da Bahia edificaram
De Villa-Velha meia legua desviada;
Sete baterias em volta assestaram,
P'ra a defenderem se fosse atacada.

LXIV

Em quatro mezes já haviam erguido
Mais de cem casas, com a cathedral,
Alfandega e collegio.⁽¹⁾ Tinha sido
Tambem feito o palacio principal.⁽²⁾

LXV

Uma insignia⁽³⁾ deu o governador
A' primeira cidade do Brasil,
Intitulando-a de São Salvador,
E consagrando-lhe cuidados mil.

LXVI

Grave risco correu esta cidade
Por um selvagem⁽⁴⁾ ter morto um colono,
Mas caro pagou essa atrocidade,
P'ra não cahir o governo em desabono.

LXVII

P'la defeza do paiz mui se empenhou,
Percorrendo ao sul todo o littoral;
As villas de Itanhaem⁽⁵⁾ e Santos⁽⁶⁾ creou,
Cuidando do progresso colonial.

(1) Dos jesuitas. — (2) Do governo central. — (3) Uma pomba branca com tres ramos de oliveira no bico, em campo azul. — (4) A' ordem de Thomé de Souza foi o dito selvagem preso e castigado. — (5) Villa da Conceição de Itanhaem, situada ao sul de Santos, e á margem de uma maravilhosa praia de mar, pouco procurada para banhos por ser difficil a conducção. Ainda hoje encerra preciosas ruinas. Foi fundada em 1552. — (6) Vide esta nota no fim do canto.

LXVIII

Havendo seu quatriennio acabado,
 O poder Thomé de Souza entregou (1)
 A Dom Duarte da Costa, novo enviado,
 Que entre alegres festejos o acceitou.

LXIX

Voltou Thomé de Souza a Portugal,
 Deixando immorredoura sua memoria
 No coração dos povos em geral,
 E na notavel Brasileira historia.

LXX

Os jesuitas bastante contribuíram
 P'ra que o governo fosse progressista;
 Com o superior p'ra os sertões partiram,
 Em missão da Christã crença altruista. (2)

LXXI

Para a affeição ganharem dos selvagens,
 Com brinquedos as crianças presenteavam;
 Nas festas se serviam das duas linguagens, (3)
 Em hymnos e ladainhas que cantavam.

LXXII

Admirados os bugres co' o espectáculo
 De chegarem á *taba* as procissões,
 A este costume não punham obstaculo,
 Seguindo os padres ás suas *reducções*. (4)

(1) Em 15 de Julho de 1553. — (2) Esses padres muito soffreram com a catechisação dos selvagens, que viviam entregues á maior barbaria; presenteavam-nos e curavam-lhes as doenças, para os agradarem, chamando-os assim ao gremio de fé christã. — (3) A Tupy e a portugueza, e logo que aquella aprenderam compuzeram muitos livros differentes, e nella prégavam aos selvagens os dogmas da nossa religião. — (4) Assim denominavam os jesuitas as aldeias que fundavam para os novos convertidos.

LXXIII

Logo que as conversões o permittiram,
Uma capella rustica fundaram,
De taipa, e com sapé a revestiram,
E uma choça p'ra eschola lhe annexaram.

LXXIV

Naquella os christãos actos exerciam,
Acompanhados de hymnos religiosos, (1)
Nos quaes as crianças muito se eximiam,
Com satisfação dos paes extremosos.

LXXV

Este systema muito concorreu,
P'ra a catechese dos bugres daqui;
E a religião tambem os convenceu,
Ser a melhor que tinham entre si.

LXXVI

Os jesuitas que mais se salientaram
Na Bahia, foram Nobrega e Apilcueta; (2)
Em São Paulo, onde muito trabalharam,
Destaca-se o padre José Anchieta. (3)

LXXVII

Foi este o apóstolo do novo mundo,
Que o collegio de São Paulo (4) fundou;
Seu arduo esforço e seu verbo fecundo
A historia do Brasil já registrou.

(1) Cantados por musica na lingua *Tupy*, cujos canticos e musica o padre José Apilcueta compunha com habilidade. — (2) Os padres Manuel da Nobrega, superior das missões do Brasil e José Apilcueta Navarro, o primeiro que na lingua *Tupy* compoz um catecismo da doutrina christã. — (3) Patriarcha dos selvagens da capitania de S. Vicente. A narrativa de seus trabalhos nos Campos do Piratininga offerece um dos mais bellos quadros da historia do Brasil. — (4) Vide esta nota no fim do canto.

LXXVIII

Votou-se á catechese co' affeição,
Co' a modestia que lhe era peculiar ;
São Paulo deve-lhe a sua fundação,
Seus grandes feitos fazem admirar.

LXXIX

N'uma carta ⁽¹⁾ por elle endereçada
Ao geral que de São Paulo escreveu,
Não invejava a vida regalada,
Pois JESUS CHRISTO muito padeceu.

LXXX

Já habituado ás maiores privações,
Dormia em rede e ás vezes n'uma esteira,
Tinha caça e farinha ás refeições,
E as toalhas as fazia de bananeira. ⁽²⁾

LXXXI

A escrever e ler, cantar e rezar,
Ensinava os selvagens com caricia ;
Co' elles aprendeu o idioma a fallar,
E uma grammatica fez com pericia.

LXXXII

Lhe era facil os bugres converter ; ⁽³⁾
Se crimes havia era entre europeus ;
Os bugres captivar não podia ver,
Por serem dignos dos cuidados seus.

(1) Vide esta importante nota no fim do canto.

(2) Das folhas de bananeira, faziam as toalhas para se limparem, forravam os giraus em que comiam e outros misteres.

(3) Os apparatus da nossa religião catholica fascinavam os selvagens, de maneira que era facil aos padres a catechisação dos mesmos, aos quaes assombravam por suas virtudes.

LXXXIII

Com prazer os jesuitas trabalhavam,
E pelo bispo foram auxiliados;
Do governo e colonos não gostavam,
Por serem de costumes depravados.

LXXXIV

Por isso o bispo ⁽¹⁾ a EUCHARISTIA não dava
Aos que não fossem de sua affeição;
Amigos do governo não apoiava,
Condemnando alguns com excommunhão.

LXXXV

Por alguns seus imigos maltratar,
Um conflicto houve nas jurisdicções;
P'ra Lisbôa o mandou El-Rei voltar
A defender-se das accusações.

LXXXVI

Em muito má hora o bispo partiu, ⁽²⁾
Porque a pouca distancia naufragou;
Do naufragio do barco se evadiu
Mas das mãos dos *Caethés* não escapou.

LXXXVII

Foi o primeiro bispo do Brasil,
Doutor Pero Fernandes de Sardinha;
A causa das intrigas foi-lhe hostile,
Porque ao governador ⁽³⁾ muito asco tinha.

(1) Indispondo-se com o governador geral D. Duarte da Costa e seu filho D. Alvaro a tal ponto que negava a elles e seus partidarios, os sacramentos da Igreja, excommungando aquelles que infringiam suas resoluções, accusando-os a El-Rei do seu licencioso viver em cartas, devassas e libellos.—(2) Na nau *N. S. da Ajuda*, que naufragou perto do rio S. Francisco. Em terra os *Caethés* o devoraram, escapando apenas um portuguez e dois pretos que lhes sabiam a lingua.—

(3) Vide esta nota no fim do canto.

Governo de Mem de Sá — Fundação do Rio de Janeiro
(1558-1567)

LXXXVIII

Outros governadores se seguiram
Que quadriennalmente eram substituidos;
Entre os mesmos alguns se distinguiram
Por serem de coragem revestidos.

LXXXIX

Entre elles Mem de Sá (1) foi o terceiro,
Que veio esta colonia governar;
A cidade fundou do Rio Janeiro,
Logo após de os Francezes expulsar.

XC

Martim Affonso e Coelho alli passaram,
Sem que com tal logar se preoccupassem,
Despresando-o; os Francezes ali fundaram,
Uma colonia onde se exilassem. (2)

XCI

Nicolão Durand de Villegaignon, (3)
Commandando uma grande expedição,
Como official da casa de Bourbon, (4)
Veio apoderar-se dessa região.

(1) Succedeu a D. Duarte da Costa no governo da Bahia em 1558, na categoria de governador geral do Brasil. — 2) Gaspar de Coligny e Calvino, chefes da seita protestante, e aquelle tambem poderoso ministro do Rei Henrique II, resolveram a fundação de uma colonia na America do Sul afim de servir de refugio aos seus sectarios quando fossem perseguidos. — (3) Cavalleiro de Malta e vice-almirante de Bretanha, chegou ao Rio de Janeiro com 80 homens embarcados em 3 navios, a 14 de Novembro de 1555. — (4) Familia reinante em França.

XCII

Numa ilha ⁽¹⁾ com sua gente se firmou,
E lançando á colonia lineamentos,
Logo uma povoação alli fundou,
Esperando os precisos provimentos.

XCIII

Mas chegando aos ouvidos de Dom João,
Que *Villegaignon* se havia apossado
De uma formosa e rica possessão,
Sem que p'ra isso estivesse auctorisado,

XCIV

Communicou o facto a Mem de Sá,
Que co' oito navios foi ao Rio Janeiro, ⁽²⁾
P'ra os invasores expulsar de lá,
Castigando o inimigo aventureiro.

XCV

Após quarenta e oito horas de combate,
Se apossou da ilha e forte *Coligny*;
Logo em acção de graças p'lo resgate,
Uma solemne missa ouviram ahi.

XCVI

Reuniram-se em conselho e decidiram
Arrazar em geral as construcções;
O que fizeram e de lá partiram
A pacificar outras turbações. ⁽³⁾

(1) Os *Tamoios* a denominaram de *Sergipe*; os francezes de *Coligny* e os portuguezes de *Villegaignon*, que até hoje conserva.

(2) Aonde chegaram em 21 de Fevereiro de 1560. Ajudados pelas forças que juntaram em algumas capitánias, inclusive na de S. Vicente, atacaram os francezes em uma sanguinolenta batalha que durou dois dias e duas noites, cabendo a victoria aos portuguezes em 15 de Março de 1560.

(3) Deixou Mem de Sá a bahia do Rio de Janeiro em 31 de Março de 1560.

XCVII

Cinco annos decorreram e os Francezes (1)
 Com socego alli se fortificaram;
 Co' o receio da reacção dos portuguezes,
 Um pacto co' os indigenas formaram.

XCVIII

Por constantes pedidos dos jesuitas
 O governo a Mem de Sá ordenára
 Que expulsasse os Francezes-parasitas,
 Da região que ainda não desaffrontára.

XCIX

Conscio dos poucos meios que aqui tinha,
 Mandou ao Brasil dois armados barcos;
 Estacio de Sá co' o commando, vinha (2)
 P'ra fazer respeitar os lusos marcos.

C

Co' a frota chegou ao Rio de Janeiro, (3)
 Sem que logo podesse dar combates;
 Aos Vicentistas foi rogar primeiro,
 Que fossem soccorrel-o nos ataques.

CI

Sabendo Mem de Sá (4) que seu sobrinho
 Se achava embaraçado co' os Francezes,
 Com alguns navios se poz a caminho,
 Levando nacionaes e portuguezes.

(1) Estes se refugiaram em Cabo Frio, após a derrota e na ausencia dos portuguezes, tornaram a fortificar-se proximo ao mesmo logar, e então fundaram as aldeias *Uruçumirim* e *Paranápuçuby*, aquella edificada proximo á praia do Flamengo, e esta é a actual ilha do Governador. — (2) Sobrinho de Mem de Sá, foi enviado pela Rainha D. Catharina para capitão-mór da cidade do Rio de Janeiro que tencionava fundar. — (3) Entrou neste porto em Fevereiro de 1565, entretendo os francezes até 20 de Janeiro de 1567 em que se deu o ataque decisivo a favor dos portuguezes, que expulsaram de vez os francezes. — (4) O soube pelo padre José Anchieta que foi á Bahia receber ordens de presbytero das mãos do Bispo D. Pedro Leitão.

CII

Chegando ao porto do Rio de Janeiro ⁽¹⁾
No outro dia os Francezes combateram;
E a tiros de clavina e de morteiro,
Com astucia e coragem os venceram.

CIII

Algumas perdas houve lamentaveis.
A de Estacio de Sá ⁽²⁾ foi mui sentida,
Sendo um dos factos mais desagradaveis
Que se deu nessa intrepida investida.

CIV

Depois de os invasores expulsar,
Cuidou logo o governador geral,
De uma grande cidade alli fundar ⁽³⁾
P'ra assegurar a posse a Portugal.

CV

Ficou Salvador de Sá em vigia
A' tal cidade de São Sebastião;
Em honra ao rei, ou ao santo do dia, ⁽⁴⁾
Mem de Sá esse nome pôz-lhe então.

CVI

Salvador Corrêa de Sá lá ficára
Governando a cidade já fundada;
E Mem de Sá p'ra Bahia se retirára,
Com alguma de sua gente na armada.

(1) Em 19 de Janeiro de 1667. — (2) Victima de uma certa flecha de um *Tamoyo*, morreu no campo da honra defendendo a patria. — (3) Do Rio de Janeiro. Aonde se acham hoje a Misericordia e o Arsenal de Guerra foi que edificaram as primeiras casas dos colonos; edificaram tambem a Cathedral, Collegio dos Jesuitas e a residencia do Capitão-Mór, no morro do Castello. — (4) D. Sebastião, rei de Portugal ou S. Sebastião, que a Igreja commemora no dia 20 de Janeiro.

CVII

O tal *Villegaignon* foi fundador
 Da colonia *Antarctica Franceza*; (1).
 Por ser apostata e bajulador,
 O alcunharam *Caim* (2) por sua malvadeza.

Piratarias dos Inglezes em alguns portos
 e dos Francezes no Maranhão (1582-1615) (3)

CVIII

Em geral só obstaculos se viam,
 Creando perturbações aos portuguezes;
 Entre outros as piratarias surgiam
 Dos corsarios e celebres inglezes.

CIX

No Brasil alguns portos atacaram,
 Mas com denodo foram repellidos;
 Vendo-se importunados escaparam,
 Sem que prezas levassem taes bandidos.

CX

As cidades por elles atacadas,
 Foram Pernambuco e Santos e Bahia; (4)
 Sendo as forças corsarias rechassadas,
 Com graves perdas á pirataria.

(1) Denominou assim a colonia que elle fundou no Rio de Janeiro. — (2) Vide esta nota no fim do canto. — (3) Reconhecida a morte de D. Sebastião em Alcacer-Kibir (Marrocos) ficou Portugal sem successor ao throno, e entre alguns pretendentes, appareceu Philippe II, rei de Hespanha e neto de El-Rei D. Manuel. Apressaram-se as côrtes de Thomar em reconhecer sua legitimidade, conferindo-o titulo de rei de Portugal, começando desde então a ser governado pela Hespanha. Achava-se esta nação em guerra com a Inglaterra, por isso apressou-se em dar cartas de corso a quem desejasse assaltar os portos do Brasil, adiantando-se ella em o fazer. — (4) Vide esta nota no fim do canto.

CXI

Foi a de Pernambuco a mais notavel
 P'la grande somma de importantes saques;
 Mas batidos de um modo dizimavel,
 Fugiram com medo aos firmes ataques.

CXII

Vendo o ardor com que os lusos se batiam,
 As taes rapinas aves arribaram;
 E certas de que nada conseguíam,
 A estas bellas regiões jamais voltaram.

CXIII

Emquanto se passavam estes factos,
 Mandava a França espiar o Maranhão;
 P'ra depois arranjam syndicatos,
 Primeiro vinham em exploração.

CXIV

Então Jacques Riffault, francez, corsario,
 Que aos portos maranhenses aportára,
 Constituiu um selvagem ⁽¹⁾ commissario,
 P'ra a colonia franceza que fundára.

CXV

Sendo bem acolhido p'los selvagens,
 Com toda a gente sua desembarcou;
 Trabalhando co' os bugres e equipagens,
 Uma praça de guerra alli fundou.

(1) Chamava-se *Ovirapyue* o que promettera a Riffault a sua coadjuvação se quizesse alli fundar uma colonia, o qual annuindo partiu para a França onde associou-se com alguns armadores voltando ao Maranhão em 1594, eahi principiaram a colonia de accordo com os indigenas chefiados por aquelle *morubixaba*.

CXVI

Por causa de discordias *Riffault* sahiu,
Sendo por *Charles des Vaux* substituido ;
Quando este o entendeu, p'ra França seguiu
A fazer ao rei ⁽¹⁾ um util pedido.

CXVII

Vendo o rei as vantagens e grandeza,
Ravardière lhe deu por companheiro ;
P'ra lhe narrarem o valor da empreza,
Do Maranhão seguiram o roteiro.

CXVIII

Ahi chegados, em seis mezes formaram
Um relatorio p'ra ao rei entregar ;
Frustrou-se a obra quando á França voltaram,
Por um tal *Ravaillac* o assassinar.

CXIX

La Ravardière não desanimou ;
Creando de amigos uma companhia,
Com o preciso ao Maranhão voltou, ⁽²⁾
A cuidar na futura feitoria.

CXX

Assim que chegou co' a sua comitiva,
Logo aldeias começou a edificar ;
Cuidando da colonia progressiva,
Sem co' o luso governo se importar.

(1) A Henrique IV contou as vantagens e beneficios que adviriam á França com a recente fundação da sua colonia do Maranhão, instando com o rei para que colonisasse a fertilissima região de onde acabava de chegar.

(2) Em 1612. Nessa expedição vieram quatro missionarios capuchinhos, muitos colonos e petrechos agricolas e de guerra.

CXXI

Tendo elle de tal facto informações,
Mandou avisos ao governador, ⁽¹⁾
P'ra que cumprisse logo as instrucções,
De expulsar o atrevido usurpador.

CXXII

Deu aquelle a Jeronymo Albuquerque ⁽²⁾
A saber o que havia no Maranhão,
Mandando-lhe que do invasor se acerque,
P'ra do mesmo tentar sua expulsão.

CXXIII

A' *bahia das Tartarugas* aportou,
Mandando logo erguer fragil reducto; ⁽³⁾
Depois a Pernambuco regressou
Por seu numero ser mui diminuto.

CXXIV

Gaspar de Souza annuiu ao seu pedido,
Lhe entregando trezentos homens mais;
Com elles partiu muito convencido
De que iria bater-se com os rivaes.

CXXV

Em *Guaxiduba*, pois, desembarcaram,
Construindo de madeira alguns fortins;
Quando a *La Ravardière* isto contaram,
P'ra lá foi com navios e bergantins. ⁽⁴⁾

(2) D. Philippe III, rei de Hespanha, que infelizmente governava Portugal, olvidou-se do Brasil: mas aos constantes pedidos dos portuguezes resolveu ordenar a Gaspar de Souza, que fixasse sua residencia em Olinda, para de mais perto aprestar expedições armadas que perseguissem os francezes. — (3) Sahiu do Recife em 13 de Junho de 1613, com trezentos homens em tres barcos. — (4) Ao qual deu o nome de N. S. do Rosario. — (4) Em 19 de Novembro de 1614 travou-se o combate, no qual as forças francezas, apesar de serem superiores ás portuguezas, não as venceram, retirando-se *La Ravardière*, para mais tarde oferecer um armistício a Jeronymo de Albuquerque, que o acceitou.

CXXVI

Quatrocentos francezes com elle íam,
 È mais quatro mil bugres bem armados;
 Contra seiscentos lusos combatiam,
 Sem que os dois chefes fossem derrotados.

CXXVII

A noite separou os combatentes,
 E por ser esta mui boa conselheira,
 Resolveram os dois os incidentes,
 Co' um armistício de paz lisongeira.

CXXVIII

Conforme este, n'um anno não guerreavam,
 Esperando das côrtes ⁽¹⁾ solução,
 Mas os lusos com o rei ⁽²⁾ se obstinavam
 Aos francos expulsar do Maranhão.

CXXIX

Assim, pois, o governo resolveu,
 Dar ao governador ordens severas;
 Uma frota á vista das quaes rompeu,
 Com um exercito em nove galeras.

CXXX

A' sua frente Alexandre de Moura ía
 Co' alvará de governador geral; ⁽³⁾
 E tendo entrado n'uma bella bahia, ⁽⁴⁾
 Fez Albuquerque bater o rival.

(1) Paris e Madrid. — (2) O governo da metropole considerou os francezes como piratas, e não quiz descer a tratar de negocios dos mesmos, por isso expediu ordens terminantes a Gaspar de Souza, para que expulsasse os francezes a todo custo das possessões maranhenses. — (3) Commandando novecentos soldados, revestido de uma patente de governador geral da armada e das conquistas do Maranhão. — (4) De S. Marcos em Novembro de 1615, designando a Jeronymo de Albuquerque, nomeado capitão-mór, para dirigir o ataque aos francezes no outro dia, o que elle fez contrariado, em vista de não ter acabado a tregoa estipulada no armistício que havia assignado.

CXXXI

De preferencia elle um forte ⁽¹⁾ atacou,
 Seguindo-se após prompta rendição,
 Por isso o ataque não mais prolongou,
 P'ra accordarem no teôr da convenção. ⁽²⁾

CXXXII

Sahindo *La Ravardière* para a França,
 Depois de ter firmado as condições,
 Só apenas deixou como lembrança
 Aos Maranhenses, as suas construcções.

CXXXIII

Incumbido Albuquerque de fundar
 Na ilha a actual capital do Maranhão, ⁽³⁾
 Por muita gente a fez edificar,
 E o nome de São Luiz lhe poz então.

CXXXIV

A cobiça dos povos estrangeiros
 Pelas riquezas deste vasto paiz,
 Arrojava os ousíos aventureiros,
 A virem conquistar terras co' ardis.

CXXXV

No Maranhão e no Rio ⁽⁴⁾, os Francezes;
 A Inglaterra forçava o littoral;
 Na Bahia e Pernambuco os Hollandezes,
 E Hespanhoes no Rio da Prata, afinal.

(1) O forte de S. Luiz, que os francezes construíram na ilha do Maranhão, ao qual deram aquelle nome em honra de Luiz XIII, que então reinava em França. — (2) Assignada no dia seguinte ao do ataque, e no outro dia deixaram os francezes as plagas maranhenses, onde haviam permanecido pelo espaço de 21 annos. — (3) Albuquerque deu-lhe o nome de cidade de S. Luiz em vista de a edificar próximo do forte de S. Luiz, já muito conhecido. — (4) Rio de Janeiro.

CXXXVI

Mas estavam os lusos na defeza
Das possessões á Patria pertencentes;
Os taes piratas vendo sua fraqueza,
Tentaram saqueal-as vezes frequentes.

CXXXVII

Porém, os taes corsarios se enganaram,
Vendo o ardor com que os lusos se batiam;
Pouco a pouco a estas plagas renunciaram,
E dissuadidos p'ra Europa partiam.

Tomada e restauração da cidade da Bahia
(1624-1625)

CXXXVIII

Em Hollanda (1) uma companhia fundou-se
De ricos negociantes e armadores;
Por meio de privilegios obrigou-se
A fornecer quantias a exploradores.

CXXXIX

Em conselho secreto resolveu,
Que a cidade da Bahia fosse atacada;
Um exercito p'ra isso remetteu,
De mais de tres mil homens n'uma armada. (2)

(1) Terminada em 1621 a tregoa de 12 annos, que a Hollanda tinha combinado com D. Philippe III de Hespanha e II de Portugal, resolveu aquella nação, depois de conhecer o estado de fraqueza do Brasil, favorecer sua invasão e conquista, em represalia á sua antiga metropole, pois a Hollanda havia pertencido á Hespanha, sob a denominação de *Paizes Baixos Hespanhoes*. Assim, pois, organisou-se a *Companhia das Indias Occidentaes*, cujos destinos eram dirigidos pelo *Conselho dos Dezenove*. — (2) De vinte e seis navios, commandada pelo almirante Jacob Wilkens, e as forças de terra commandadas pelo coronel João van Dorth, nomeado governador geral dos paizes conquistados.

CXL

Dos portos Texel,⁽¹⁾ Meusa⁽²⁾ e Gorêa⁽³⁾ sahiram
 Esses ousados nautas armadores;
 E aos oito do mez de Maio surgiram
 No porto da Bahia⁽⁴⁾ os taes invasores.

CXLI

Avisado o governador geral
 Da proxima invasão dos hollandezes,
 Preparou a defeza nacional
 Co' os bugres e soldados portuguezes.⁽⁵⁾

CXLII

Porém, creu o governador no boato,
 De que os piratas sómente exploravam
 Os portos de mar; e por esse facto,
 Desfez as forças que a terra guardavam.

CLXIII

Ficaram os intrusos satisfeitos
 P'lo abandono das tropas portuguezas;
 Produzindo seus tramas bons effeitos,
 Bateram a cidade e as fortalezas.

CLXIV

Sabendo este facto o governador,⁽⁶⁾
 O nome lusitano quiz honrar,
 Combatendo co' arrojo e desamor,
 Mas afinal teve de se entregar.

(1) Ilha pertencente ao grupo septentrional da Hollanda. — (2) Um grande rio que banha a França e Hollanda, lançando-se no mar do Norte. — (3) Ilha situada no Oceano Atlantico, defronte de Dakar (Senegal), que antigamente pertenceu á Hollanda, e hoje pertence á França. — (4) Na bahia de todos os Santos, em 28 de Maio de 1624 — (5) Só tinha á sua disposição 80 soldados; chamou ás armas os moradores, mas quasi todos fugiram. — (6) Diogo de Mendonça sabendo que os hollandezes se haviam apoderado das fortificações do littoral, e que os moradores fugiram, encerrou-se com 70 soldados no palacio, e de lá combateu com tanto denodo que fez admirar o inimigo, caindo afinal prisioneiro.

CXLV

Certificando-se o chefe hollandez, ⁽¹⁾
 Que estava a capital abandonada,
 Se apossou do dominio portuguez,
 Para a *Companhia das Indias* chamada.

CXLVI

Aos habitantes fez proclamação,
 Garantindo-lhes paz e liberdade,
 Mas poucos concordaram na cessão,
 Por resgatar quererem a cidade. ⁽²⁾

CXLVII

Ao governador de Olinda pediram,
 Para ir os invasores expulsar;
 Mas emquanto não vinha decidiram
 O bispo ⁽³⁾ a os insurgentes commandar.

CXLVIII

Este com as guerrilhas entretia
 Os intrusos, afim de os perseguir;
 Emquanto o adjuncto de Albuquerque ⁽⁴⁾ ía
 Não hesitava em a espada brandir.

CXLIX

Aquellas muitas perdas motivaram,
 Sendo a maior a do chefe hollandez; ⁽⁵⁾
 Na furia dos combates demonstraram
 Quão valente era o povo portuguez.

(1) O coronel João van Dorth. — (2) Com a prisão de Diogo de Mendonça, governador geral, ficou o Brasil acephalo, por isso viram-se na necessidade de chamar a Mathias de Albuquerque, que governava a capitania de Pernambuco. — (3) Dom Marcos Teixeira, que pelas suas palavras e acções soube animar esses grupos mal armados, afim de expulsarem os invasores. — (4) Vendo este que Pernambuco estava tambem ameaçado de igual invasão, não podia deixar o logar; por isso delegou seus poderes ao capitão-mór de Parahyba, Francisco Nunes Marinho, para commandar as forças restauradoras da Bahia. — (5) O mesmo coronel João van Dorth, que caiu morto n'uma emboscada das guerrilhas.

CL

Quando a Madrid chegou a má noticia
Da cidade bahiana ser tomada,
Armaram grande parte da milicia,
A qual partiu de Hespanha ⁽¹⁾ n'uma armada.

CLI

Tambem os portuguezes por sua vez,
Brilhante esquadra apparelhar mandaram,
Que do Tejo partiu com altivez,
E em São Thiago as duas frotas se ajuntaram.

CLII

Dom Fradique Toledo commandava
Os navios hespanhoes e portuguezes;
E a esquadra portugueza a governava
Seu immediato Manoel de Menezes.

CLIII

Quando as armadas na Bahia surgiram,
Os hollandezes muito se assustaram,
Depois de um mez de ataque decidiram
A capitulação, ⁽²⁾ que após firmaram.

CLIV

Depois de finda a tal formalidade,
Partiram para Hollanda os invasores,
E em triumpho penetraram na cidade ⁽³⁾
Os lusos e hespanhoes restauradores.

(1) Attendendo a varias representações do Conselho de Estado, que funcio-
nava em Lisbôa, resolveu D. Philippe III ordenar ao almirante D. Fradique de To-
ledo Osorio, que commandasse a esquadra hespanhola, bem como uma outra que
o Conselho de Estado portuguez estava provendo em Lisbôa, ás ordens de Manoel
de Menezes, indo ambas fazer sua junção nas Canarias, partindo para a Bahia, na
qual entraram em 29 de Março de 1625. — (2) Depois da morte de João van Dorth,
commandaram as tropas hollandezas Willen Schonten e João Kiff, que, sitiados sem
recursos, propuzeram a capitulação, que lhes foi concedida com livre regresso á
Hollanda. Partiram a 30 de Abril. — (3) Em 1. de Maio do mesmo anno.

CLV

Não despediram-se os taes hollandezes,
De aos portos brasileiros regressar;
Quando o olvido voltasse aos portuguezes,
Outras regiões viriam a conquistar.

Invasão e tomada de Pernambuco pelos Hollandezes
(1630-1635)

CLVI

Como de facto assim aconteceu,
Por do Brasil a Hespanha ⁽¹⁾ se esquecer;
Quasi desarmado elle então viveu,
Por já haver tenção de o enfraquecer.

CLVII

Tentaram ainda por diversas vezes, ⁽²⁾
Retomar a cidade da Bahia;
Porém, apesar de su' intrepidez,
Os repelliram com grande energia.

CLVIII

Os judeus no Recife moradores,
A' audaz companhia deram noticias,
Da abundancia d'aquelles arredores
E do pessimo estado das milicias.

(1) Já desconfiada das pretensões de Portugal, á sua independencia, de proposito deixava enfraquecer o Brasil e outras possessões que lhe pertenciam, para algum fim em seu proveito. — (2) Uma vez em 1627 e outra em 1628, mas foram rechassados graças á energia do governador geral Diogo Luiz d'Oliveira. Desaco-roçados, volveram suas vistas para Pernambuco, por terem boas informações dos judeus lá residentes, secretamente communicadas á *Companhia das Indias Occidentaes* de Hollanda.

CLIX

Aquella occulta esquadra apparelhou,
P'ra que no Brasil terras conquistasse,
Mas em primeiro logar lhe ordenou,
Que da villa de Olinda se apossasse.

CLX

Desse mysterio o rei⁽¹⁾ foi sabedor,
Ligando ao facto mui pouca importancia;
Mas logo avisou o governador
Para ir a Pernambuco em vigilancia.

CLXI

Com dor viu não haver á sua chegada,⁽²⁾
Nem soldados, nem armas, nem dinheiro;
Fazendo apenas do povo a chamada,
P'ra atacar o inimigo aventureiro.

CLXII

Em quanto dava ás tropas instrucção,
Soube que os hollandezes perto estavam,
E que fazendo por terra a invasão,⁽³⁾
Contra a villa de Olinda caminhavam.

CLLIII

Foi ao seu encontro o governador,
Com oitocentos homens mal armados;
Accommetteu com tactica o invasor,
Mas seus esforços foram mallogrados.

(1) D. Philippe III, soube tal noticia pela infanta D. Izabel, que em seu nome regia os *Paizes Baixos Meridionaes*, (hoje Belgica), a qual advertida pelos mesmos judeus que serviam os dois partidos a transmittiu a El-Rei. Não querendo este distrahir suas tropas, limitou-se a avisar o novo governador geral Mathias de Albuquerque, que então se achava na Bahia só com trez caravellas e vinte e sete soldados. — (2) No dia 19 de Outubro de 1628. — (3) Uma armada de 56 navios commandada pelo almirante Loncq aportou ao Recife, tendo antes operado um desembarque em *Pau Amarello* de mil e duzentos hollandezes, sob o commando do coronel Weerdenburg, que marcharam contra Olinda.

CLXIV

Com só cem homens⁽¹⁾ voltou para Olinda,
Prohibindo a todos o logar deixarem;
Mas ao saberem do invasor a vinda,
Sahiram sem de mais nada se importarem.

CLXV

Em Olinda entrou quasi⁽²⁾ sem reacção,
E ao Recife⁽³⁾ depois foi atacar;
Albuquerque em restricta situação,
Combateu até a bandeira arrear.

CLXVI

Tão nobre resistencia pareceu
Ao coronel das forças hollandezas,
Que ao ex-governador as honras deu,
Bem como ás briosas tropas portuguezas.

CLXVII

A Mathias de Albuquerque só restava
Retirar do Recife os portuguezes,
E o fez emquanto a povoação queimava,
Não deixando a riqueza aos hollandezes.

CLXVIII

Entre Olinda e Recife se firmando,⁽⁴⁾
E um *arraial do Bom Jesus* construiu,
Co' as tropas depois se fortificando,
E mais os voluntarios que adquiriu.

(1) Nos margens do Rio Doce encontrou-se Albuquerque com os hollandezes, oppondo-se-lhes á passagem do rio; porém, tendo elles conseguido vadeal-o, quasi todas suas tropas fugiram. — (2) Salvador de Azevedo, com alguns bravos, ainda se opposeram á sua entrada, porém tiveram de ceder, devido á superioridade numerica dos hollandezes, morrendo alguns — (3) Esta praça estava apenas defendida pelos dois fortes de S. Jorge e de S. Francisco, commandando este o capitão Antonio de Lima, e aquelle Albuquerque, que só se renderam quando viram os fortes desmoronados e as tropas morrendo de fome. — (4) Alli se lhe reuniram numerosos voluntarios, e entre estes os selvagens *Poly* ou Antonio Philippe Camarão e sua mulher D. Clara, bem como o preto Henrique Dias, que muito se distinguiram.

CLXIX

As tropas separou em companhias
 Guerrilheiras, p'ra o imigo perseguirem;
 Confiando-as a *Poty* e Henrique Dias,
 Para de emboscada ao mesmo aggredirem.

CLXX

N'uma occasião Loncq⁽¹⁾ por pouco escapou,
 De ser dos portuguezes prisioneiro;
 E aos hollandezes muito os inquietou,
 O ardiloso systema guerrilheiro.

CLXXI

Apesar deste não dar resultados,
 Por muito tempo se prolongaria,
 Se alguns boatos não fossem espalhados
 De que uma esquadra ao porto chegaria.

CLXXII

Quando essa esquadra⁽²⁾ p'ra o Recife veio,
 Ficou a Hespanha mui sobresaltada,
 Mandando-lhe ao encontro, com receio,
 Antonio Oquendo n'uma forte armada.⁽³⁾

CLXXIII

As duas rivaes na Bahia se encontraram,⁽⁴⁾
 Logo travando-se um rijo combate;
 Findo este, oppostas direcções tomaram,
 Depois de haver na decisão empate.

(1) Devido á velocidade de seu cavallo, por pouco escapou de ficar prisioneiro. — (2) Commandada pelo almirante Pater. — (3) Esta armada, composta de desenove navios de guerra e trinta e quatro transportes, foi mandada ao Brasil por temer a Hespanha que Pater aprisionasse os opulentos galeões carregados de ouro e outras preciosidades, que vinham do Mexico, assim como outros já haviam sido facil presa das esquadras hollandezas. — (4) A 12 de Setembro de 1631. Depois de renhido combate ficou indecisa a victoria.

CLXXIV

Oquando para a Europa regressou,
Deixando um regimento no caminho, ⁽¹⁾
Que as portuguezas filas engrossou,
E as hollandezas pôz em desalinho.

CLXXV

De certo o luso exercito obteria
De Pernambuco o imigo escorraçar,
Se não fosse a cruel aleivosia
De Domingos Fernandes Calabar. ⁽²⁾

CLXXVI

Este traidor das filas portuguezas,
Devido ao posto que imigo lhe deu,
Passou-se para as alas hollandezas,
A's quaes os lusos planos forneceu.

CLXXVII

Da estrategia dos lusos sabedores,
E dos esconderijos que possuiam,
Atacaram co' ardis os invasores
Os patriotas que certo os venceriam.

CLXXVIII

Estes que em cruda situação se achavam,
Resolveram-se p'ra Alagoas seguir,
E mais de sete mil pessoas viajavam,
Soffrendo faltas sem a alguem arguir.

(1) Oquando, em seu tracto para Europa, desembarcou na *barra grande* (pequeno porto em Alagoas), mil soldados, commandados pelo Conde de Bagnuolo, que ao chegarem a Olinda a incendiaram. — (2) *Mameluco* pertencente ás tropas portuguezas, o qual por não lhe terem dado apreço aos seus serviços passou-se para os hollandezes no posto de major, trahindo a patria. Guiou os hollandezes a tomarem as povoações fortificadas pelas forças restauradoras, mas apesar da sua traição foram rechassados com a perda de cento e trinta homens, inclusive o commandante Rembach, o que não obstou a que os portuguezes ficassem reduzidos aos arraiaes do Bom Jesus e Nazareth, que abandonaram, áfim de procu, rarem recursos na capitania de Alagoas.

CLXXIX

Já perto estavam da aldeia Porto-Calvo,
Onde viviam Picard e Calabar,
Que das penas dos lusos foram alvo,
Pois caíram prisioneiros ao chegar.

CLXXX

A Calabar raivosos amarraram,
(Devendo-se este ardil a um brasileiro), ⁽¹⁾
Em Porto Calvo o transfuga enforcaram, ⁽²⁾
E a Picard o fizeram prisioneiro.

CLXXXI

Distinguiram-se nesta triste viagem, ⁽³⁾
Henrique Dias, que os negros commandava,
Camarão, chefe de um troço selvagem,
E Albuquerque em geral os governava.

CLXXXII

A heroína Dona Clara Camarão,
Que entre todos gosava mui prestígio,
A' frente de um feminino batalhão,
O perigo affrontava com prodígio.

(1) Sebastião do Souto, morador do Porto Calvo, resolveu dar descanso aos seus compatriotas em sua casa, e para isso serviu-se de um ardil em que caíram Calabar e Picard, chefes da povoação, offerecendo-se-lhes para ir aprisionar os insurgentes que fugiam de Olinda. Acreditando em tão ardilosas palavras, foram ao encontro destes, mas vendo-se no meio de dois fogos tiveram de entregar-se e voltaram presos para Porto Calvo, onde justicaram o transfuga ambicioso. — (2) Na praça publica, no dia 22 de Julho de 1635, no logar onde nasceu, morrendo com visiveis signaes de arrependimento, entregando ao confessor um pouco de dinheiro que tinha, para que este o mandasse a sua velha mãe, que vivia n'uma proxima aldeia de indios. — (3) A narração desta peregrinação é um dos mais tocantes quadros da historia. Avultado numero de pessoas soffriam com resignação os horrores da fome, da sede e intemperies, expostas a mil perigos, soffrendo sem queixumes falta de tudo nesses escabrosos desertos.

Prosperidade de Pernambuco
no Governo do Conde Mauricio de Nassau (1645-1654)

CLXXXIII

Porto Calvo ⁽¹⁾ Albuquerque abandonou,
Continuando a penosa e triste viagem,
E Schkoppe de novo a praça occupou,
Prestando a Calabar proba homenagem.

CLXXXIV

Quando ao governo chegou a noticia,
De outros factos já era sabedor,
Accusando Albuquerque de impericia,
Despachou p'ra o Recife um successor.

CLXXXV

Foi este Dom Luiz de Rojas e Borja, ⁽²⁾
Que com dois mil soldados embarcou,
Por sua vinda Albuquerque tanto esgorja,
Que com gosto o commando lhe entregou.

CLXXXVI

Primeiro a Porto Calvo accommetteu, ⁽³⁾
E renhido combate se travando,
No mesmo Dom Luiz de Borja morreu,
Aos lusos o inimigo derrotando.

(1) O coronel Sigismundo von Schkoppe, reconhecendo a importancia desta praça, foi occupal-a prestando as honras militares aos restos mortaes de Calabar. — (2) Sahiu de Cadix a 16 de Dezembro de 1635, e chegando a Pernambuco, o general Mathias de Albuquerque, lhe entregou o governo, retirando-se para sempre de sua patria para o reino, onde exerceu importantes commissões militares na guerra da independencia de Portugal, derrotando os hespanhoes em diversos combates, sendo o de Montijo o mais notavel, em 1644. — (3) Rojas depois de investido do poder foi atacar os hollandezes em Porto Calvo, tendo a infelicidade de morrer nessa porfiada batalha, causando sua morte o desbarato das forças restauradoras.

CLXXXVII

Coube ao conde Bagnuolo commandar,
O resto dos soldados portuguezes;
Co' estes pôde guerrilhas arranjar,
Fatigando os intrusos hollandezes.

CLXXXVIII

A companhia de Hollanda desconfiára, (1)
Do governo que no Recife havia,
E em conselho reunido designára,
Um substituto que p'ra aqui envia.

CLXXXIX

O conde de Nassau foi escolhido,
P'ra as tropas hollandezas commandar,
E tendo á sua chegada (2) resolvido,
As forças portuguezas expulsar.

CXC

P'ra Porto Calvo co' as tropas marchava,
E na Barra Grande o ataque feriu-se;
Dona Clara (3) prodigios operava,
Que dentre os outros chefes distinguiu-se.

CXCI

Convencido Bagnuolo de lutar
Contra forças ás suas mui superiores,
Com ellas resolveu se retirar, (4)
Sendo acossado pelos invasores.

(1) Como em sete annos a companhia não tirára lucros, o que attribuiu á administração, resolveu o *Conselho dos Dezenove* confial-a ao principe João Mauricio (Conde de Nassau), que já tinha dado provas de sua competencia.—(2) Chegou ao Recife em 23 de Janeiro de 1637 e, empossado do poder, marchou para Porto Calvo á procura do Conde de Bagnuolo. — (3) D. Clara Camarão, á frente de um batalhão de mulheres selvagens, enfrentava nos combates os maiores perigos, prestando relevantes serviços á causa restauradora. — (4) Para um logar denominado torre *Garcia d'Avila*, que dista da capital 12 leguas, restando até hoje esta torre de pedra n'uma eminencia.

CXCII

Satisfeito Nassau pela victoria,
 Porque aos lusos soldados expulsou,
 P'ra corôar suas conquistas e sua gloria
 De *Brazil Hollandez* as designou.

CXCIII

Co' a paz muitos progressos encetára, (1)
 Cuidando no bem estar do seu povo,
 Escolas e missões tambem fundára,
 Para o acostumar ao regimen novo.

CXCIV

A Camara *escabina* estab'leceu,
 Com o povø hollandez e brasileiro;
 O nacional tributo decresceu,
 Applicando em construcções o dinheiro.

CXCv

A cidade de Olinda reconstruiu,
 Reerguendo outra que se tornou propicia;
 Em muito breve tempo conseguiu,
 Que todos lhe chamassem de *Mauricia*.

CXCVI

Nassau, contente co' o povo vivia,
 Quando um officio foram-lhe levar,
 Ordenando-lhe que atacasse a Bahia
 Com uma frota, para a conquistar.

(1) Com a paz arrancou muitos vicios que estavam enraizados, puniu com severidade os transgressores da lei, convidou os naturaes a regressarem ás suas casas, dando-lhes livre exercicio da sua religião, perseguiu os atravessadores de generos, afim de evitar monopolios; fundou escolas e missões catholicas e protestantes; organisou uma especie de guarda nacional, armada para defeza dos selvagens bravos; estabeleceu uma camara de *escabinos* (especie da nossa municipal), por ter as mesmas attribuições; construiu no actual bairro de Santo Antonio uma segunda Venesa, a que deu o nome de *Mauricia*, na confluencia dos rios Beberibe e Capiberibe, na actual cidade de Recife, etc., etc.

CXCVII

Com quarenta naus e tres mil soldados,
Marchou, ⁽¹⁾ e proximo á Bahia saltando,
O investiram Bagnuolo e os refugiados, ⁽²⁾
Aos hollandezes co' ardor derrotando.

CXCVIII

Os invasores não se convenciam
Das victorias das forças portuguezas;
Teimosos p'ra o Recife ainda expediam
Outra armada ⁽³⁾ com forças hollandezas,

CXCIX

Neste porto alguns dias permaneceu,
A prover-se de tudo que faltava;
P'ra cidade da Bahia após rompeu,
Esperançado de que a conquistava.

CC

Na altura da Parahyba se encontrou
Com uma briosa esquadra portugueza; ⁽⁴⁾
Entre ambas grande ataque se travou,
No qual morreu o chefe da hollandeza.

CCI

O immediato com furia se bateu,
'Té pôr a lusa esquadra em debandada;
P'ra o Recife co' a sua retrocedeu,
A compôl-a por se achar avariada.

(1) Em 8 de Abril de 1638. Fez esta viagem, contrariado por ver quão illimitada era a ambição da Companhia. — (2) Bagnuolo, tenente Vidal, Rebello, Camarão, sua mulher e Henrique Dias, que achavam-se refugiados em *Torre d'Avila* com suas tropas Chamados pelo governador geral Pedro da Silva, repelliram os hollandezes, resultando dahi a quebra da confiança da Companhia para com Nassau e o principio das victorias das forças restauradoras. — (3) A's ordens do almirante Cornelyzoon com mil e duzentos soldados. — (4) Commandada pelo conde da Torre, que depois da morte de Cornelyzoon pôde escapar de cahir prisioneiro, indo abrigar-se no cabo de São Roque de onde passou para a Bahia.

CCII

Ajuntando-se a uma outra ⁽¹⁾ que alli veio,
Para a cidade da Bahia partiram,
E ao reconcavo foram sem receio,
O qual a tiros de canhão destruíram.

CCIII

A's aguas do Recife regressaram,
Por não poderem a Bahia tomar,
A Nassau com desgostos o encontraram,
Já proximo á sua patria regressar.

CCIV

Descontente Nassau co' a companhia,
Pediu a demissão, a qual lh'a deu;
E contristado do Recife sahia ⁽²⁾
P'ra sua patria, que mal o recebeu.

CCV

Reconhecendo a cõrte os bons serviços
De Camarão, ⁽³⁾ Pedro Silva ⁽⁴⁾ e Bagnuolo, ⁽⁵⁾
Agraciou estes bons chefes submissos,
Seus nomes registrando em protocollo.

(1) Esta armada andava em exploração em outros portos do norte do Brasil, nos quaes deixou muitas tropas hollandezas sob o commando de diversos chefes, sendo estas e outras que depois expulsou o sargento-mór Antonio Teixeira de Mello. — (2) A 22 de Maio de 1644, bastante contristado por deixar o seu povo, entre o qual viveu sete annos e cinco mezes, e por perder a confiança da ambiciosa companhia, á qual não dava lucros por gastar o dinheiro nos melhoramentos das suas conquistas, e nas cidades de Recife e Olinda. — (3) Com a commenda da ordem de N. S. J. Christo. — (4) Conferiu-lhe o condado de S. Lourenço. — (5) O agraciou com o titulo de Principe.

Revolta iniciada pelo governador geral
e expulsão dos hollandezes do territorio brasileiro
(1645-1654)

CCVI

Co' a heroica independencia portugueza,
Foi banido o vil jugo castelhano
E expulsos os hespanhoes com presteza,
Firmando-se o governo lusitano.

CCVII

Dom João IV ⁽¹⁾ p'ra rei foi acclamado,
A contento dos povos em geral,
E depois de haver o sceptro empunhado,
As glorias restaurou a Portugal.

CCVIII

Este grande successo no Brasil, ⁽²⁾
Festejaram co' ardor e co' alegria,
E a Portugal mandaram mais de mil
F'licitações á nova dynastia.

CCIX

Em São Paulo os hespanhoes não gostaram,
Que Portugal ficasse independente,
E a Amador Bueno seu rei proclamaram, ⁽³⁾
Mas este reprovou tal expediente.

(1) Oitavo Duque de Bragança, foi acclamado rei de Portugal em 1.º de Dezembro de 1640. — (2) Foi na capitania de S. Vicente que mais enthusiasmo houve com a noticia da independencia de Portugal, annunciada pelo capitão-mór Luiz Dias Leme. — (3) Os hespanhoes D. João Mathews Rendon e D. Francisco Rendon de Quevedo, genros de Amador Bueno da Ribeira, (tambem de origem hespanhola), se exaltaram com a independencia de Portugal, porisso proclamaram em praça publica a Amador Bueno seu rei. Não accitando este tal alvitre atravessou a multidão gritando: *viva o Senhor D. João IV, nosso rei, pelo qual darei a vida!* Nomeou depois uma deputação de seis membros para irem a Lisboa felicitar o novo rei, lembrando ao povo amotinado a sua calma e seus deveres.

CCX

Dom João immensamente desejava
Retomar Pernambuco aos hollandezes,
Uma colligação, porém, receiava,
Da Hollanda e Hespanha, contra os portuguezes.

CCXI

Com a Hollanda uma tregoa ⁽¹⁾ combinou,
Que as partes não chegaram a assignar;
O monarcha ao governador mandou,
Que a deixasse as conquistas conservar.

CCXII

Mas aquella os dominios alargava, ⁽²⁾
Do Portugal fraquissimo abusando,
Debalde o soberano protestava,
Por que as conquistas ella ía dilatando.

CCXIII

Vendo o governador ⁽³⁾ sua ambição
Pelos dominios da lusa corôa,
Desobedeceu á real decisão,
E uma forte revolta acoroçôa.

CCXIV

Um rico lavrador do Maranhão, ⁽⁴⁾
Da revolta ergueu o grito patriotico,
Tendo um sargento mór feito a expulsão
Do usurpador exercito despotico.

(1) De dez annos, nos quaes as partes conservariam as possessões adquiridas. — (2) Demorando-se a ratificação do contracto de 11 de Junho de 1641, o governo hollandez ordenou a Nassau que alargasse os dominios no Brasil, indo a coadjuval-o uma esquadra ás ordens de Lichthard, que conquistou o Maranhão e o Ceará, construindo a fortaleza das *Cinco Pontas*. — (3) Telles da Silva não obedeceu ás ordens de El-Rei e incitou o povo á revolta, para reaver as provincias que outr'ora tinham pertencido a Portugal. — (4) Antonio Muniz Barreiros coube essa gloria em 30 de Outubro de 1642; mas morrendo no anno seguinte, succedeu-lhe o sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, que conseguiu a expulsão total dos hollandezes em 28 de Fevereiro de 1644.

CCXV

Expulsar os intrusos conseguiu
Do Maranhão, Parahyba e do Ceará,
Quando do Recife a *junta* ⁽¹⁾ acudiu,
Os hollandezes não 'stavam mais lá.

CCXVI

Os povos de tal *junta* não gostavam,
Por isso se mostraram indiff'rentes,
Mas ao saberem que os lusos triumphavam
No Maranhão, ficaram mui contentes.

CCXVII

Já os pernambucanos presentiam
Os maus effeitos do jugo hollandez,
Mutuamente em segredo se influíam,
P'ra que viesse o dominio portuguez.

CCXVIII

O governador Telles, que sabia
Já dos factos, achou bôa a occasião,
E p'ra Parahyba fez partir da Bahia,
O tenente Vidal ⁽²⁾ em expiação.

CCXIX

As armas que p'ra distribuir levava,
Ao triumvirato teve de as vender,
Pois lhe declarou que tudo comprava,
(Desconfiando do que ía Vidal fazer).

(1) Com a retirada de Nassau assumiu o governo o *Supremo Conselho do Recife* (a quem o povo chamava «*junta*») constituído por tres negociantes, Hamel, van Boolestrate e Bas, que querendo ser agradaveis á Companhia lhe remetiam grandes quantias, massacrando o povo com pesados tributos. — (2) André Vidal de Negreiros, sob pretexto de ver seus parentes. Levava na caravella grande porção de armamentos e receioso de ver descoberto seu plano, annui á proposta do *Conselho* que lh'os comprou pelo custo, e obtendo um *salva-conduc'õ*, dirigiu-se a Parahyba, para combinar a revolta com as principaes personagens de lá, João Fernandes Vieira, Antonio Cavalcanti e outros que gozavam de moior grande no logar.

CCXX

Pretextando a familia visitar,
 (Mas seu fim era tractar com sua gente)
 Conseguiu em Parahyba penetrar,
 Regressando de lá assaz contente.

CCXXI

Logo que Vidal na Bahia saltou,
 Co' o governador teve conferencia,
 Nella, firme, a revolta se assentou,
 P'ra restaurar a lusa dependencia.

CCXXII

O tenente Vidal foi preferido,
 P'ra chefe da nortista expedição; ⁽¹⁾
 Por Henrique Dias e os seus foi seguido,
 Pretextando ir prender a Camarão. ⁽²⁾

CCXXIII

Chegados aos sertões pernambucanos,
 Com os chefes foi logo combinar;
 Sete traidores denunciando os planos,
 Os fez o movimento antecipar. ⁽³⁾

CCXXIV

Em treze de Junho a guerra rompeu, ⁽⁴⁾
 Dando-se o primo ataque n'um outeiro, ⁽⁵⁾
 Cabendo ao luso exercito o tropheu,
 Pois derrotou o imigo aventureiro.

(1) Consta esta expedição do capitão Antonio Dias Cardoso com setenta soldados e de Henrique Dias, á frente de seu batalhão de negros forros. — (2) Do qual o *Conselho* muito se queixava por sua insubordinação. — (3) Combinaram que a revolta rebentasse no dia 24 de Junho de 1645, mas em vista da denuncia dada a 3 de Maio pelos sete traidores e conjurados Sebastião de Carvalho, Fernando Valle e cinco judeos, forçoso foi antecipal-a. — (4) No engenho de Luiz Braz Bezerra, com o pretexto de festejarem o dia de Santo Antonio. — (5) Das *Ta-bocas*, perto do rio *Tapocará*, que corre junto á villa de Santo Antônio no Estado de Pernambuco.

CCXXV

Sob commando de João Fernandes Vieira, (1)
Voltou o luso exercito a encetar
A estrategica sciencia guerrilheira,
Por serem poucos p'ra o intruso enfrentar.

CCXXVI

Outro arraial do Bom Jesus ergueram, (2)
Em memoria das velhas investidas,
Logo que seu reducto abasteceram,
Foram todas as tropas recolhidas.

CCXXVII

Sendo por estas forças assediadas,
A praça do Recife e immediações,
P'ra as outras tropas se verem forçadas,
A deixarem p'la fome as posições. (3)

CCXXVIII

Das povoações visinhas (4) que occupavam,
Pressurosos corriam os moradores,
E aos lusos batalhões se incorporavam,
P'ra expulsar os teimosos invasores.

CCXXIX

Talvez logo se desse a rendição,
Se a Pernambuco não viesse uma armada (5)
Com dois mil holandezes, p'ra aggressão
A' lusa tropa no cerco postada.

(1) Natural da ilha da Madeira. Gozou grande estima dos holandezes que o nomearam para cargos importantes como o de *escabino* (presidente da camara municipal) e outros. — (2) No logar denominado *Varzea*. — (3) O que não chegaram a conseguir por terem vindo ao Recife dois navios, o *Falcão* e o *Izabel*, carregados de viveres; tão fausto acontecimento foi commemorado com festas e medallas que mandaram cunhar, por já começarem a sentir fome. — (4) Adheriram logo ás forças restauradoras as populações de Serinhaem, cabo de Santo Agostinho, Nazareth, Porto Calvo e Olinda. — (5) Commandada pelo general Segismundo van Schkoppe em 1648.

CCXXX

Baldados os ataques contra Olinda, (1)
 A Itaparica foram atacar,
 Mas sendo rechassados nesta ilha ainda,
 P'ra o Recife tiveram de voltar.

CCXXXI

Emquanto no Brasil isto se dava,
 Portugal andava em guerra co' a Hespanha;
 Pensando El-Rei que a Hollanda se vingava,
 Mandou que suspendessem a campanha.

CCXXXII

Os chefes não quizeram ob'decer, (2)
 Ainda que El-Rei os chamasse a Lisbôa,
 Embora penas viessem a soffrer,
 Quando rehavessem essa joia á c'rôa.

CCXXXIII

Conformando-se El-Rei co' esta resposta,
 Só um general (3) se dignou mandar,
 Que ao avistar a parahybana costa,
 A esquadra imiga o foi aprisionar.

CCXXXIV

Mas ao cabo de dez mezes fugiu
 A's taes vigias do exercito hollandez,
 E ás lusas tropas depois se reuniu,
 P'ra commandal-as com impavidez.

(1) Defendida por Braz de Barros e João de Albuquerque, os rechassaram. —
 (2) De novo D. João IV, pediu aos chefes da revolta, por intermedio do governador geral Telles da Silva, que se submettessem, cessando a resistencia; mas esses benemeritos varões não conhecendo a cobardia, entenderam que em rarissimos casos a desobediencia era util aos serviços da patria, por isso responderam a El-Rei e ao governador, que nesta occasião não lhe obedeciam, embora recibessem castigos quando restituisssem aquelles territorios usurpados por estrangeiros, á corôa. — (3) Francisco Barreto de Menezes sabiu furtivamente do Tejo, mas teve a infelicidade de ficar prisioneiro dos hollandezes na altura de Parahyba e o retiveram no Recife, de onde só pôde fugir em 24 de Janeiro de 1648 para ajuntar-se ás tropas portuguezas, as quaes commandou até o fim.

CCXXXV

P'ra as relações manter com o interior,
Mandou *Schkoppe* uma força de holandezes;
Chegando a *Gararâpes* ⁽¹⁾ com furor,
A rechassou o general Menezes.

CCXXXVI

No Recife em mui sérias condições,
Os holandezes se viram sitiados;
Por isso ver, tentaram co' esquadões
Rompel-o, porém foram derrotados. ⁽²⁾

CCXXXVII

Os portuguezes com furia guerrearam,
Extinguindo mais de mil holandezes;
E prisioneiros os outros ficaram,
A's ordens de Barreto de Menezes.

CCXXXVIII

Co' esta ultima victoria se firmou
A posse a Pernambuco restaurado;
A entrega, todavia, se retardou, ⁽³⁾
Por o Recife estar por mar guardado.

CCXXXIX

Os que mais se realçaram nesta guerra,
Foram Barreto, Vieira e Camarão,
Henrique Dias, Vidal, que nesta terra,
Guerrearam co' ardor e dedicação.

(1) Montes situados a tres leguas do Recife. Encontrando-se ahi os dois exercitos em 19 de Abril de 1648 travaram tão cruda batalha que o hollandez se viu obrigado a retirar-se para o forte de *Barreta*. — (2) Em vista de apertado assedio quiz Sigismundo decidir sua sorte pelas armas mandando o seu exercito aos mesmos montes romper o cerco a 19 de Fevereiro de 1649, onde em sanguinolenta batalha disputaram a posse de Pernambuco, cabendo a victoria aos portuguezes, depois da morte do commandante hollandez coronel van de Brincke exterminando por completo o exercito hollandez. — (3) Até que o governo portuguez organisasse a *Companhia do Commercio do Brasil*, para defender os interesses do littoral brasileiro.

CCXL

Em Lisbôa neste tempo se fundou
A Companhia Commercial do Brasil,
 Que uma expedição ⁽¹⁾ para aqui mandou,
 P'ra desalojar o invasor hostil.

CCXLI

Logo que no Recife entrou a armada,
 Os lusos chefes a bordo acolheu,
 P'ra atacarem a parte ainda occupada
 P'lo inimigo, que logo se rendeu.

CCXLII

Em vista disto o general Menezes,
 Propoz á *junta* que capitulasse, ⁽²⁾
 E entregando o Recife aos portuguezes
 A sua conquista do Brasil deixasse.

CCXLIII

Esta proposta a *junta* lhe acceitou,
 Logo assignando a capitulação,
 E ao brioso Portugal tudo entregou,
 Co' algumas condições p'ra a evacuação.

CCXLIV

Em triumpho os lusos no Recife entraram, ⁽³⁾
 E aos fortes recolheram-se outra vez,
 Nas ameias destes logo desfraldaram
 O pavilhão heroico portuguez.

(1) Composta de sessenta navios, commandada por Pedro Jacques de Magalhães, que a 20 de Dezembro de 1653 chegou ao Recife, sem encontrar opposição da parte da armada hollandeza que alli se achava. — (2) Vidal foi escolhido para ir entender-se com o *Supremo Conselho* antes de atacarem o Recife, a propor-lhe a capitulação, o qual a acceitou sob estas condições: *a)* Sahirem com as honras de guerra; *b)* Darem amnistia a seus partidarios; *c)* Concederem aos hollandezes, industriaes e commerciantes, o tempo preciso de suas liquidações, para se retirarem sem que fossem inquietados. Acceitando ambas as partes esta capitulação (conhecida na historia pela *Capitulacão de Taborda*), se retiraram para sempre os hollandezes. — (3) No dia 27 de Janeiro de 1654.

CCXLV

Receioso Portugal da intervenção
Da Hollanda contra a sua independencia,
P'las conquistas deu-lhe indemnisação, (1)
Para ser mais completa sua annuencia.

Revolta de Manoel Beckman no Maranhão
(1684-1685)

CCXLVI

A *Companhia Commercial do Brasil*, (2)
No Maranhão os povos opprimiu;
Co' os monopolios tanto foi hostil,
Que El-Rei por uma *junta* a substituiu.

CCXLVII

Esta *junta* quiz muito contribuir,
Para os melhoramentos do logar,
Mas por causa de El-Rei do throno cair, (3)
Não poderam-se aquelles realisar.

CCXLVIII

Sucedeu-lhe uma nova companhia, (4)
P'ra da Africa levar a escravidão;
Que em monopolios tinha a garantia,
Para escravos vender no Maranhão.

(1) Pelo tratado de 16 de Agosto de 1661 Portugal pagou á Hollanda, como indemnisação das conquistas do Brasil, a quantia de cinco milhões de cruzados, firmando-se a paz. — (2) Esta companhia não tardou a abusar dos seus privilegios, pelo que D. Affonso VI viu-se obrigado a extingui-la em 1663. — (3) Beneficos projectos tinha este monarcha em mira, que não pôde realisar em vista de sua deposição, divorcio e prisão, por causa de sua inhabilidade physica. — (4) Esta outra companhia creada por D. Pedro II, tinha a obrigação de introduzir annualmente quinhentos escravos da Africa, e vendel-os aos moradores a cem mil reis cada um, mediante as vantagens do monopolio da importação e exportação.

CCXLIX

Em breve dos deveres esqueceu-se,
P'ra de seus interesses só cuidar;
O povo, descontente, enfureceu-se,
Por a miseria já se approximar.

CCL

P'ra aquelle deixou de escravos trazer,
Vendendo muito caro o que importava;
Quasi estava a lavoura a perecer,
Por que p'ra a manter tudo lhe faltava.

CCLI

A tal companhia, e os padres jesuitas, (1)
Não deixavam aos bugres captivar;
Foram a causa de tantas desditas
A' lavoura que estava a começar.

CCLII

A revolta tornava-se precisa,
Contra os desmandos da tal companhia;
Uma rebellião o povo improvisa
Tomando Manoel Beckman (2) a chefia.

CCLIII

Eram quatro os cabeças do motim:
Jorge Sampaio, Deiró, Beckman e irmão;
Que batalhões chefiavam para o fim
De tornarem melhor sua situação.

(1) Estes andavam sempre em lucta com os colonos por causa da escravatura dos selvagens, e mais tarde, apoiados pela companhia, que só cuidava de desfructar os privilegios, causavam grandes desgraças á lavoura e industria, a ponto de lavrar a miseria em todas as classes. — (2) Mais conhecido por *Bequimão*, abastado fazendeiro que acabava de ser perseguido por causa de oppor-se aos desmandos da companhia e á imposição dos jesuitas, achando-se por isso disposto a chefiar a rebellião, a convite do povo que se amotinou tendo á sua frente seu irmão Thomaz Beckman, Jorge de Sampaio, Francisco Deiró e favorecidos pelo bispo D. Gregorio des Anjos e pelos principaes membros do clero, tanto regular como secular.

CCLIV

Os padres, frades e bispo, ajudaram
 A revolta que em breve rebentou, ⁽¹⁾
 E a casa do capitão mór cercaram:
 Por medroso ficar tudo acceitou.

CCLV

A sua guarda entregaram á mulher,
 Emquanto a prender foram os jesuitas;
 A tomada do *Estanco* ⁽²⁾ era mister,
 O que fizeram com formas restrictas.

CCLVI

Uma *Junta dos Tres Estados* ⁽³⁾ crearam,
 Representada por dois mandatarios;
 Importantes decretos sancionaram,
 Que á população não eram contrarios.

CCLVII

Abolindo as medidas repressivas,
 Os jesuitas mandaram p'ra Lisbôa;
 E p'ra que suas leis fossem effectivas
 Um mensageiro ⁽⁴⁾ enviaram á corôa.

CCLVIII

A Francisco de Sá, governador,
 A tal *Junta* bastante o surprehendeu;
 Offertas a Beckman mandou propôr, ⁽⁵⁾
 E este, indignado, nem lhe respondeu.

(1) Em 23 de Fevereiro de 1684. O ilhéu Manoel Serrão foi quem lhe deu principio. Pondo-se á frente de grande multidão gritava e ameaçava os monopolistas e jesuitas, e dirigindo-se á casa do capitão-mór Balthazar Fernandes, que substituiu o governador ausente no Pará, o prendeu em sua casa. — (2) O vasto armazem de generos da companhia monopolista, foi cercado por guardas dos mais entusiastas. — (3) Por ser composta de *nobreza, povo e clero*, a qual era representada por dois delegados: Manoel Beckman e Eugenio Ribeiro Maranhão. — (4) Thomaz Beckman, com plenos poderes para representar a El-Rei os queixumes do povo. — (5) Quatro mil cruzados em dinheiro e os postos mais elevados da capitania. Repelliu Beckman tal proposta.

CCLIX

Alguns dos chefes já arrependidos,
 Procuravam pretextos attenuantes ;
 Firmaram uma petição ⁽¹⁾ retrahidos,
 Co' o receio de castigos humilhantes.

CCLX

Sendo a Beckman a mesma apresentada,
 Aos cobardes não se quiz associar,
 Vendo que estava então n'uma embrulhada,
 Os depôz do serviço militar. ⁽²⁾

CCLXI

El-Rei ao saber disto se inclinára,
 P'ra as reclamações do povo attender ;
 Com a ida dos jesuitas ⁽³⁾ se virára,
 Mandando contra os chefes proceder.

CCLXII

Para esse fim a Gomes Freire enviou
 Tendo em vista a revolta exterminar ;
 Já paz havia, quando a São Luiz chegou, ⁽⁴⁾
 Só faltando aos auctores castigar.

CCLXIII

Do governo se foi logo apossando,
 Indo todos prestar-lhe submissão ;
 E as resoluções da *junta* annullando,
 Restab'leceu a antiga direcção.

(1) Os chefes da revolta cogitaram em afastar de si a responsabilidade, e então lembraram-se de fazer uma representação ao enviado de El-Rei, que já vinha a caminho, com as assignaturas em um círculo feito a compasso, de maneira que não se percebia qual era o primeiro ou o ultimo assignado.—(2) Beckman tinha creado com os revoltosos uma especie de *guarda civica*, mas vendo estas disposições dissolveu-a. — (3) Estes á sua chegada a Lisboa contaram a El-Rei muitas intrigas, em vista das quaes se virou para o lado delles, mandando a Gomes Freire de Andrade castigar os culpados, e pôr tudo no seu antigo estado. — (4) Em 15 de Março de 1635. Occupou e mandou occupar as posições que lhes competiam.

CCLXIV

Abriu uma devassa rigorosa,
 Promettendo premiar os denunciantes ;
 Beckman vendo sua sorte melindrosa,
 Buscou abrigo em ermos mui distantes. (1)

CCLXV

Pouco tempo gosou do subterfugio,
 Por o ter denunciado um seu pupillo, (2)
 Que co' os soldados foi ao seu refugio
 E o fez capturar no proprio asylo!

CCLXVI

A' morte só dois foram condemnados:
 Manoel Beckman e Jorge de Sampaio, (3)
 Sendo na praça publica enforcados, (4)
 Tendo antes dado ao ultimo um desmaio.

CCLXVII

Beckman grande coragem revelou,
 Dizendo que morria mui satisfeito ;
 Ao seu povo venturas desejou,
 E que encontrasse em sua morte proveito.

CCLXVIII

Ao pupillo foi-lhe dada a patente (5)
 De capitão, por a seu tutor trahir,
 Mas o remorso, sempre persistente,
 O fez em uma moenda succumbir.

(1) Vendo-se Beckman desprestigiado, fugiu para a fazenda de uma senhora viuva, situada em *Mearim*. — (2) Lazaro de Mello era afilhado e pupillo de Beckman. Levado pela ambição do posto de capitão no regimento da nobreza, denunciou seu padrinho e tutor, indo com os soldados prendel-o. — (3) Foram todos julgados por uma alçada presidida pelo desembargador Manoel Vaz Nunes, na qual só estes dois foram condemnados á morte como principaes cabeças da revolta, e os outros á prisão e desterro, sendo depois perdoados paulatinamente. — (4) Na praia do armazem, hoje chamada trapiche. — (5) Essa patente para nada lhe serviu porque seus subordinados não lhe obedeceram. Vendo-se despresado e cheio de remorsos suicidou-se n'engenho de assucar.

Destruição dos Palmares em Pernambuco
(1695)

CCLXIX

Quando principiou a guerra hollandeza,
N'uma serra alguns negros se acoutaram; ⁽¹⁾
Fugindo do captiveiro á dureza,
Em quilombos alli se refugiaram.

CCLXX

Co' os attrahidos os negros ascenderam
Approximadamente a quinze mil;
E mais de sessenta annos lá viveram,
Livres da infame condição servil.

CCLXXI

Seu chefe, a quem chamavam de *Zambi*, ⁽²⁾
Ao poder o elegiam perpetuamente;
Mixtos costumes admittiam alli,
Transplantados do negro continente.

CCLXXII

Seu conselho co' os mais habeis formava,
P'ra resolverem ásperas questões;
Reunia-se no palacio em que morava, ⁽³⁾
Na principal das outras povoações.

(1) Quarenta negros captivos fugiram a seus senhores e foram estabelecer-se nos sertões da Serra da Barriga (em Alagoas), e devido ás muitas palmeiras que lá havia lhe deu a denominação de Palmares. — (2) Este era uma especie de *regulo*, eleito pelo povo com poder absoluto no reino das *sanzalas*. — (3) Um vasto edificio de construcção, rustica, collocado no centro da capital da confederação. Cujos usos, costumes, leis e religião misturaram com os que aqui viram, aos da Africa donde eram naturaes. O *Zambi* tinha uma especie de conselho com o qual sancionava as leis regulamentos que regiam a Federação.

CCLXXIII

Suas leis ⁽¹⁾ e crenças ⁽²⁾ eram misturadas
 Com as que professar no Brasil viam;
 Aquellas só entre elles applicadas,
 E estas a falsos cultos as reuniam.

CCLXXIV

Entre elles um costume havia notavel,
 De escravisar o que era prisioneiro;
 Este habito devia ser condemnavel,
 Por terem pertencido ao captiveiro.

CCLXXV

Pavor incutiam aos povos visinhos, ⁽³⁾
 Obrigando-os ás suas imposições;
 Vendiam pelas aldeias e p'los caminhos,
 O que extorquiam e as suas producções.

CCLXXVI

Neste vexame o povo consentiu,
 'Té que ao governador deram noticias; ⁽⁴⁾
 Domingos Jorge Velho ⁽⁵⁾ então partiu,
 Commandando os paulistas e as milicias.

CCLXXVII

Em Garanhuns ⁽⁶⁾ o exercito ficou,
 Entrando contra os negros em acção,
 A principal das povoações sitiou,
 Succedendo um revéz n'um batalhão.

(1) Puniam com pena de morte o homicidio, roubo e adulterio, quando committidos contra os membros da Federação, e deixavam impunes os delinquentes quando as victimas eram estranhas. — (2) A sua religião era uma mistura de ritos do catholicismo, com as superstições de seu paiz natal. — (3) Ao ponto de intimidarem as auctoridades para lhes darem *salvo conducto*, tornando-se cada vez mais exigentes, — (4) Este estado intoleravel durou até 1695, em que delle tomou conhecimento o governo central. — (5) Mestre de campo (que equivale hoje a coronel), chefe de uma *bandeira* de paulistas, que nesta occasião andava nos sertões da Bahia em explorações, partiu para Palmares a convite do governador geral D. João de Lencastro. — (6) Antiga povoação, hoje villa de Pernambuco.

CCLXXVIII

Teve Domingos Jorge de accudir
 A' debandada das tropas gulosas; ⁽¹⁾
 Então p'ra Porto Calvo as fez seguir
 Esperando outras forças bellicosas.

CCLXXIX

De facto esse reforço ⁽²⁾ appareceu,
 Chefiado por Bernardo Vieira Mello;
 A's fileiras de Jorge se accresceu,
 P'ra atacarem os negros com anhelos.

CCLXXX

Assumiu Mello o commando em geral,
 Indo os brancos aos negros atacar,
 Sitiaram-lhes a praça principal,
 Depois de os terem feito concentrar. ⁽³⁾

CCLXXXI

As provisões dos dois lados faltavam,
 Os negros mais recursos não possuíam,
 E os brancos ao governador ⁽⁴⁾ rogavam
 Que lhes mandasse o que mui careciam.

CCLXXXII

Só uma cousa aos negros animava:
 A fome os brancos obrigasse a sahir;
 Esfriaram quando viram que chegava
 O provimento para os perseguir.

(1) Tentou a gula as tropas sitiadas que, confiadas na sua valentia, foram comer bananas n'um bananal, e quando estavam entretidas, cahiram-lhes os negros em cima e de surpresa, as puzeram em debandada. — (2) Composto de tres mil homens. Por ordem superior assumiu o commando geral de quasi seis mil homens. (3) — Com a chegada de mais tropas do Recife, os negros das outras povoações se concentraram no principal reducto, atacando de lá os brancos que os sitiavam, causando-lhes algumas perdas. — (4) Caetano de Mello e Castro, governador de Pernambuco lhes mandou tudo o que precisavam, e os negros ao verem chegar as provisões aos brancos, consideraram-se perdidos, entregando-se quasi sem resistencia.

CCLXXXIII

Mui fraca resistencia opposeram,
Entrando os brancos no recinto armado, ⁽¹⁾
E prisioneiros aos negros fizeram
Menos *Zambi*, ⁽²⁾ por ter-se suicidado.

CCLXXXIV

Foram para o Recife mui festivos
Os dias em que o exercito lá chegou, ⁽³⁾
Trazendo os negros que iam a ser captivos,
Dando-os Lencastro a quem os capturou. ⁽⁴⁾

Guerra civil entre os paulistas e os emboabas. — Fundação da nova capitania de São Paulo e Minas Geraes (1708-1709).

CCLXXXV

Nos principios do seculo passado,
Os paulistas *bandeiras* instituiam,
E após muitas regiões ter explorado,
As ricas minas *Cataguáz* ⁽⁵⁾ abriam.

CCLXXXVI

Deram estas inveja aos forasteiros,
Quando os paulistas nellas trabalhavam,
Foram-se approximando aventureiros,
Ao saberem dos lucros que tiravam.

(1) Com algum custo, por precisarem arrombar com machados as rijissimas portas do reducto. — (2) *Zambi* e alguns chefes guerreiros conhecendo que a ultima hora da liberdade dos Palmares havia soado, preferiram a morte ao captivo e de combinação atiraram-se de um penhasco, com grande espanto dos brancos que viram o suicidio. — (3) Cantou-se *Te-Deum*, houve procissões, e deu-se dinheiro ao povo das janellas do palacio do governo, etc. — (4) O governador geral distribuiu os negros pelos officiaes, separada a quinta parte para o governo da metropole, com a condição de os venderem em remotos lugares para elles desconhecidos. — (5) Os paulistas do districto de Taubaté, reunidos em *bandeiras*, descobriram as minas de ouro de *Cataguáz* (nome da tribu que ahi dominava) capitaneados por Manoel de Borba Gatto, fundador do «Sabará», hoje cidade do Estado de Minas Geraes, situada na margem direita do rio das Velhas.

CCLXXXVII

A Manoel Borba Gatto obedeciam
Os paulistas, que por seu chefe o tinham;
Muitos emboabas ⁽¹⁾ por alli surgiam,
Irritando-os quando elles intervinham.

CCLXXXVIII

Mutuamente crueis odios contrahiram,
E a tal ponto chegou a agitação,
Que a um emboaba os paulistas extinguiram,
Recusando-se a dar satisfação.

CCLXXXIX

Os forasteiros mui se impressionaram
Co' o assassinato de seu companheiro, ⁽²⁾
Por isso co' amargura se queixaram
Ao governador do Rio de Janeiro. ⁽³⁾

CCXC

Este um capitão-mór p'ra elles nomeou,
Mas os partidos não lhe obedeceram;
Esta decisão tanto os exaltou
Que convidar dois chefes resolveram.

CCXCI

Foi chefe emboaba Manoel Nunes Vianna, ⁽⁴⁾
E paulista Jeronymo Pedroso;
Rompendo entre elles guerra tão tyranna,
Causada pelo instincto cubiçoso.

(1) Esta alcunha era dada pelos paulistas aos forasteiros por desprezo e não por serem portuguezes como alguém pensa, porque estes se encontravam nos dois dardidos. — (2) Por causa deste assassinato recorreram ás armas e nas margens do rio das Mortes romperam o ataque, com muitas perdas de vidas de ambos os lados, dando este triste acontecimento o nome ao rio. — (3) D. Fernando de Mascarenhas Lencastro, soube dos tristes factos; por isso mandou a patente de capitão-mór a um dos mais respeitaveis moradores desse logar, para os apaziguar; mas illudiu-se porque nenhum dos partidos lhe obedeceu. — (4) Natural de Portugal e fazendeiro de muito prestígio pela sua illustração e riqueza.

CCXCII

N'essa occasião constou aos forasteiros,
Que a casa de Vianna ía ser atacada;
Correndo em seu apoio os companheiros
Viu-se a força paulista atrapalhada.

CCXCIII

Tregoas co' os forasteiros combinou,
As quaes foram de pouca duração:
Porque outro emboaba aquella trucidou,
Fizeram-lhes o mesmo em punição.⁽¹⁾

CCXCIV

N'uma casa os paulistas se reuniram,
Resolvendo os emboabas expulsar;⁽²⁾
Mas estes logo que o perigo viram
Foram pedir a Vianna p'ra os chefiar.

CCXCV

Este para Ouro Preto⁽³⁾ dirigiu-se
Co' as forças, p'ra lá ser reconhecido;
Depois de sua chegada decidiu-se
Mandar com mil soldados um addido.

CCXCVI

Foi Bento do Amaral⁽⁴⁾ que os commandou,
Marchando a soccorrer seus companheiros;
O campo dos paulistas⁽⁵⁾ alcançou,
Para livrar de um cerco os forasteiros.

(1) Os forasteiros perseguiram um *mameluco* que tinha assassinado um dos seus partidarios, dando-lhe escapula José Pardo. Furiosos por tal procedimento mataram este em represalia ao assassinato sem attenderem ao convenio celebrado. — (2) Em Janeiro de 1708. Os forasteiros desobedeceram á sua intimação e os perseguiram na guerra. — (3) Arraial do Ouro Preto, elevado á cathegoria de villa, sob a denominação de *Villa Rica*, readquerindo seu primitivo nome quando foi condecorada com o titulo de *imperial cidade* e capital da provincia de Minas Geraes, que deixou de ser em 1898, quando a transferiram para Bello Horizonte. — (4) Natural do Rio de Janeiro, sendo reu de atrozes crimes, por causa dos quaes fugiu para Minas. — (5) Estes se retiraram á chegada do reforço de Amaral para um logar desviado cinco legoas, mas vigiavam-se mutuamente para a continuação da guerra.

CCXCVII

Depois de um forte ataque co' os paulistas,
Estes p'ra muito longe se afastaram,
Deixando as preciosissimas conquistas,
Que com mui soffrimentos exploraram.

CCXCVIII

Os paulistas passados mezes vieram
Atacar com denodo os forasteiros;
Mas estes á sua marcha se oppuzeram,
Fugindo aquelles pr'a uns mattos fronteiros.

CCXCIX

Um cerco p'lo Amaral foi ordenado, (1)
Para os obrigar co' a fome a cederem,
Obtendo depois seu fim desejado,
Por os paulistas logo se renderem.

CCC

Feita a rendição fel-os prisioneiros,
Não procedendo como promettera,
Reprovando o maioral dos forasteiros (2)
Tal proceder que a todos commovera.

CCCI

Sabendo esta nova o governador, (3)
P'ra Minas partiu com um batalhão,
Afim de aos chefes da guerra propôr
Que não seguissem co' a revolução.

(1) Depois de duas renhidas batalhas fugiram os paulistas para uma densa matta virgem, para ahi esperarem o inimigo: porém, Amaral resolveu sitial-os. Perdendo aquelles a esperança de por mais tempo poderem alli permanecer, mandaram propôr a rendição caso lhes fossem asseguradas suas vidas, ao que Amaral pareceu anuir, mas quando os apanhou seguros mandou-os arcabuzar. — (2) Nunes Vianna, supremo chefe dos forasteiros, não approvou tal malvadez, mas como precisava de seus serviços, teve de resignar-se. — (3) Este chegando ao arraial do rio das Mortes, viu-se rodeado de paulistas que lhe pintaram com as mais negras côres o procedimento dos forasteiros mostrando elle vivas sympathias pela causa daquelles, partiu em seguida para Ouro Preto.

CCCII

A' chegada os paulistas descreveram
 As tristes condições em que se achavam,
 Mas logo os forasteiros se mecheram,
 E a Nunes Vianna e ás tropas avisavam.

CCCIII

Vianna ao saber do facto encaminhou-se
 Para Ouro Preto, onde Lencastro achava-se;
 Co' a força a quatro leguas acampou-se, ⁽¹⁾
 E ao avistal-o p'ra o ataque aprestava-se.

CCCIV

Em presença de taes demonstrações,
 Mandou a Nunes Vianna perguntar
 Quaes eram dos mineiros as tenções,
 Respondendo elle lhe querer fallar.

CCCV

N'uma entrevista os dois conferenciaram,
 E ahi o governador se convenceu
 Que os paulistas intrigas lhe contaram,
 Por isso voltar ao Rio resolveu.

CCCVI

Lencastro a Manoel Nunes ⁽²⁾ incumbiu
 De socegar os povos exaltados;
 De auctoridade mais alta o investiu,
 Para seus actos serem respeitados.

(1) O governador, avisado por um emissario de Vianna, para lá se dirigiu e vendo á sua chegada o modo aggressivo com que este o queria receber ficou aterrado, mandando-lhe perguntar quaes as intenções do povo. Respondeu-lhe Vianna que se lhe concedesse uma entrevista lh'as contaria. Julgando as exposições dos dois partidos retirou-se para o Rio de Janeiro deixando Vianna com altos poderes para acalmar os animos e fazer a paz. — (2) Louvavel uso fez este da auctoridade de que estava investido, conseguindo a desejada paz. Nomeou officiaes militares, poz em hasta publica os *quintos* e instigou o povo a nomear embaixadores para irem a Lisboa supplicar a El-Rei D. João V, que então tinha subido ao throno, a creação de uma nova capitania com as auctoridades precisas.

CCCVII

Do seu grande poder não abusava,
Empregando medidas necessarias,
A' capitania nova inicio dava,
Nomeando auctoridades judiçiaras.

CCCVIII

Emquanto em Minas davam-se estes factos,
Antonio de Albuquerque ⁽¹⁾ succedia
A Mascarenhas, que approvou-lhe os actos .
De governador da capitania.

CCCIX

Vianna ao recém-governador rogou, ⁽²⁾
P'ra que fosse até Minas lhe fallar ;
Igualmente tambem lhe assegurou
Que ob'diencia todos lhe haviam de prestar.

CCCX

O convite Albuquerque lhe acceitando,
Creu na sinceridade dos mineiros,
Co' uma escolta p'ra Minas abalando,
A cumprir a promessa aos forasteiros.

CCCXI

Os logares notaveis percorreu,
E no Caethé ⁽³⁾ com Vianna se encontrára,
Lhe entregando os poderes que exerceu, ⁽⁴⁾
Depois p'ra sua fazenda se abalára.

(1) Este acabava de governar o Maranhão com a fama de bom e prudente. Informados os mineiros desta fama por frei Miguel da Ribeira, frade de N. S. das Mercês que nessa occasião se achava no arraial de Ouro Preto (hoje cidade), no cumprimento de seus altos deveres. Serviu-lhe tambem como secretario no seu governo do Maranhão. — (2) Por intermedio do mesmo frade, que gozava de muita influencia sobre o novo governador. — (3) Arraial do Caethé, depois denominado *Villa Nova da Rainha*, a tres leguas do Sabará. — (4) Nunes Vianna lhe pediu depois licença para retirar-se á sua fazenda, que possuia nas margens do rio S. Francisco, recolhendo-se á vida privada de lavrador e criador.

CCCXII

A's partes litigantes deu perdão,
E as nomeações de Vianna sustentando,
Os fócios percorreu d' agitação,
Outras auctoridades designando.

CCCXIII

Crendo haver já paz em Minas Geraes,
Albuquerque p'ra São Paulo marchou,
Para acalmar as intenções marciaes,
Nada obtendo apesar do que empregou, (1)

CCCXIV

Porque o povo aos paulistas instigava,
P'ra tirarem desforra dos mineiros,
E Amador Bueno os bandos commandava,
Occupando os lugares sobranceiros.

CCCXV

A praça dos emboabas (2) atacaram,
Sem siquer os lograrem assustar,
Pois á bala tambem lhes replicaram,
Não os deixando no reducto entrar.

CCCXVI

Cercal-os os paulistas (3) resolveram,
Sem que lhes desse o cerco resultados,
Por que forças emboabas perceberam,
E receiosos deixaram os sitiados.

(1) Apesar das suas exhortações não pôde impedir que os expulsos das minas fossem tirar desforra dos mineiros por instigação de suas proprias mulheres e seus conterraneos, que os taxavam de cobardes. A' vista de tal injuria resolveram reunir uma formidavel *bandeira* commandada por Amador Bueno, descendente de Amador Bueno da Ribeira (importante chefe da capitania de S. Vicente). — (2) Estes avisados do perigo mal tiveram tempo de alargar o reducto e avizar seus companheiros, que antes delles chegarem os atacaram de um outeiro o qual dominava o acampamento dos mineiros, mas sem resultado. — (3) Foram avisados de que bandos de forasteiros vinham em socorro de seus companheiros por isso resolveram fugir para S. Paulo onde foram recebidos como se tivessem triumphado.

CCCXVII

Durante a noite do campo partiram
 Para São Paulo em marchas forcejadas;
 Os emboabas atraz delles seguiram ⁽¹⁾
 Com algumas escoltas das brigadas.

CCCXVIII

P'ra não se repetirem estes actos
 Mandou-lhes Albuquerque ⁽²⁾ um regimento;
 Acabando de vez co' os desacatos,
 Unidos trabalharam a contento.

CCCXIX

Albuquerque pr'a a todos agradar,
 Nova capitania a El-Rei rogou;
 Que após a sua proposta sancionar,
 Como governador a elle nomeou. ⁽³⁾

CCCXX

Aos paulistas se deve a exploração
 De sete Estados do int'rior do Brasil; ⁽⁴⁾
 Corriam com suas *bandeiras* ⁽⁵⁾ o sertão,
 Arrostando co' ardor perigos mil.

CCCXXI

Eram dotados de grande energia
 E de amplas descobertas teem a gloria;
 Das *bandeiras* e da sua ousadia,
 Trata com altivez a nossa historia.

(1) Tres dias depois da partida dos paulistas, chegou o reforço dos mineiros que expediram algumas partidas em seu encalço, sem que mais os podessem alcançar. — (2) Chegado Albuquerque ao Rio de Janeiro, mandou a *Cataguaz* um regimento, commandado pelo mestre de campo Gregorio de Castro Moraes. — (3) Por carta regia de 9 de Março de 1709, foi o mesmo Albuquerque nomeado governador da nova capitania de São Paulo e Minas Geraes. — (4) Os seguintes: São Paulo, Minas, Goyaz, Matto Grosso, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul — (5) Bandos guiados por um chefe de sua escolha. Embrenhavam-se pelos sertões á procura de indios para escravisar, ouro, e outras preciosidades. Não temiam a fome, sede, intemperies, animaes ferozes, abysmos, ou rios caudalosos, etc.

Novas invasões dos francezes no Rio de Janeiro

(1710-1711)

CCCXXII

Tanta fama já tinha o Rio Janeiro (1)
 Que mais de uma nação o cobiçava;
 Por tal razão o povo aventureiro
 Quiz ver se das riquezas se apossava.

CCCXXIII

D'entre as muitas nações a maliciosa
 Era a França, (2) que mui nos torturou;
 Continuando co' assaltos a teimosa,
 Mas nenhuma conquista realisou.

CCCXXIV

Mais uma vez a França resolveu (3)
 Mandar acommetter o Rio Janeiro:
Francisco Duclerc p'ra isso recebeu
 Uma armada, soldados e dinheiro.

CCCXXV

Foi o governador (4) logo avisado
 De que uma esquadra p'ra alli dirigia-se;
 Organizando o exercito do Estado (5)
 E de utensilios de guerra munia-se.

(1) A importancia desta cidade augmentou com a descoberta de novas minas de ouro e as nações marítimas da Europa cobiçavam a posse do grande emporio do commercio e riquezas desta colonia portugueza. — (2) Lembrando-se de suas aventuras no mesmo lugar, não a perdia de vista com seus cobiçosos olhares. — (3) A desintelligencia que então lavrava entre as côrtes de Lisboa e Paris, por causa da successão da corôa de Hespanha, fez com que alguns armadores francezes pedissem a Luiz XIV licença para equiparem uma esquadra com o fim de conquistar o Rio de Janeiro, a qual compunha-se de cinco navios e uma balandra, guarnecida por mil homens e commandada pelo cavalleiro João Francisco Duclerc. — (4) Francisco de Castro Moraes foi avisado pelos moradores de Cabe-Frio. — (5) Dois regimentos de infantaria e duas companhias de artilharia, pondo em estado de defeza as fortalezas da barra e a cidade.

CCCXXVI

Como de facto lá apparecera, (1)
 Não a deixando da barra passar,
 Procurar outros portos resolvera
 Para ver se podiam desembarcar.

CCCXXVII

Depois de mallogradas investidas,
 Só por terra fizeram a invasão,
 Saltando em Angra dos Reis as partidas,
 P'ra o Rio se dirigiram p'lo sertão.

CCCXXVIII

Quando *Duclerc* no Engenho Velho entrou,
 Ao governador foram avisar;
 Incontinente as tropas apromptou (3)
 Para o invasor com ellas atacar.

CCCXXIX

Marcharam os francezes p'ra cidade, (4)
 Sendo bem molestados á chegada;
 Co' uma força sahiu-lhes adiante um frade (5)
 Que os atacou e os poz em debandada.

CCCXXX

Se apoderando da igreja d'Ajuda,
 Depois foram a do Carmo tomar;
 Sob uma chuva de ballas mui cruda,
 O trapiche poderam alcançar.

(1) Em 17 de Agosto de 1710, querendo forçar a barra mas não o conseguindo veio para a ilha Grande, bombardeando algumas povoações e saqueando os francezes as fazendas. Desanimados pela energica defeza do capitão João Gonçalves Vieira, resolveram partir para Angra dos Reis, onde effectuaram o desembarque. —

(2) Em 18 de Setembro, a uma legoa distante da cidade.—(3) Postando-as no campo do Rozario, morro da Conceição e Santo Antonio, indo o bispo benzer as trincheiras que foram levantadas para esse fim, sendo defendidas por paisanos.—(4) Em 14 de Setembro seguiram o caminho do *Barro Vermelho* e ao chegarem á *lagôa da Sentinella* foram atacados por estudantes commandados por Amaral Gurgel Coutinho.

— (5) O trino Francisco de Menezes, que commandava um corpo de voluntarios.

CCCXXXI

Ahi renhida batalha se travou ⁽¹⁾
 Por que os francos queriam ir ao erario;
 O governador mais tropas mandou,
 Com seu irmão e o que era necessario.

CCCXXXII

Em accesa peleja este morreu,
 Mas os outros com raiva resistiram;
 Bem depressa *Duclerc* reconheceu
 O logro em que elle e suas forças caíram.

CCCXXXIII

Desanimado já da sua má sorte,
 Por quasi as forças todas ter perdido,
 P'ra salvar as restantes de vil morte,
 No trapiche encerrou-se espavorido. ⁽²⁾

CCCXXXIV

Francisco de Moraes fel-o intimar,
 P'ra logo á discrição se submetter;
 Mas ouvindo elle os sinos a tocar,
 Desconfiou, e então não se quiz render.

CCCXXXV

O governador por isso ordenou
 Que fogo no trapiche se lançasse; ⁽³⁾
Duclerc ao saber disto lhe mandou
 Pedir que a vida ás suas tropas poupasse.

(1) Ajudados pelo fogo dos fortes e pela resistencia do capitão Antonio Dutra, não poderam os francezes entrar no Thesouro, por isso deitaram fogo na Alfandega, mandando o Governador mais tropas, commandadas por seu irmão coronel Gregorio de Castro Moraes, que morreu. — (2) Folgou o governador de semelhante erro e o mandou logo a intimar para se render a *discrição do vencedor*. — (3) A' vista dessa ordem resolveu Duclerc entregar-se. Nessa occasião deu-se um rasgo de heroismo de um «Alferes» que habitando a casa pegada á Alfandega com sua mãe, mulher, filhos e irmãs, offereceu-se para lhe lançar fogo embora perdesse o que melhor possuia. Diz a historia: «que os portuguezes, nossos gloriosos antepassados, eram como os Gregos e Romanos, que immolavam á patria as mais santas e puras affeições da familia».

CCCXXXVI

Seiscentos e quarenta prisioneiros ⁽¹⁾
 Se entregaram á lusa auctoridade;
 P'ra as prisões foram os aventureiros,
 Havendo grandes festas na cidade. ⁽²⁾

CCCXXXVII

Logo que disto El-Rei foi sabedor,
 Aos chefes da defenza agradeceu,
 Agraciando o *immortal* governador ⁽³⁾
 P'las grandes *provas de valor* que deu.

CCCXXXVIII

Seria essa victoria deslumbrante,
 Se a morte de *Duclerc* a não manchasse,
 Esse crime cobarde e repugnante,
 Fez com que o rei de França se vingasse.

CCCXXXIX

Vingança o povo com furia pediu,
 P'ra seu brio gravemente molestado,
 O commercio aos reclames acudiu,
 Sendo pelo governo acompanhado.

CCCXL

Oito navios de guerra apparelharam ⁽⁴⁾
 Com soldados dinheiro e provisões;
 A *Renato Duguay Trouin* ⁽⁵⁾ confiaram
 O commando, com muitas precauções.

(1) Entre elles quatorze officiaes se entregaram sob promessa de que suas vidas seriam respeitadas. Duclerc com os officiaes, foram recolhidos ao Collegio dos jesuitas e os soldados distribuidos pelas cadeias e carceres dos conventos. — (2) Celebraram pela derrota dos francezes festas religiosas e profanas, chegando-se a obter do Santo Padre que fosse santificado o dia 19 de Setembro, dos muros da cidade para dentro. — (3) D. João V em carta de seu proprio punho agradeceu ao governador as *provas de valor, coragem e tino* que patenteara no Rio de Janeiro, agraciando-o com a commenda da Ordem N. S. Jesus Christo. — (4) Além de muitos outros transportes com provisões e tropas. — (5) Iludiu a vigilancia dos cruzeiros inglezes sahindo do porto da Rochella no dia 9 de Junho de 1711.

CCCXLI

Apesar dellas o rei portuguez
Avisou o governador geral,
Que desconfiasse do imigo francez,
E artilhasse co' urgencia o littoral.

CCCXLII

De muitas partes batalhões chegaram
Ajuntando dez mil homens armados;
E os navios da lida do porto armaram, ⁽¹⁾
P'lo Almirante Gaspar Costa chefiados.

CCCXLIII

Co' estes preparativos tanto esp'rou,
Que já julgava ser tudo illusão,
Por via d'isso os aprestos dissipou,
Pondo tudo na antiga situação.

CCCXLIV

Quando não se esperava eis que apparece
Forçando a barra a esquadra dos francezes;
E aos avisos de paz desobedece,
Affrontando a honra e o brio dos portuguezes.

CCCXLV

O governador ⁽²⁾ as forças reunindo,
Sob vivo fogo que a esquadra fazia,
Trouin a bahia foi co' ella invadindo
E o paiol e algumas ilhas incendia.

(1) Esta esquadilha se compunha de quatro naus e tres fragatas às ordens do Almirante Gaspar da Costa, por alcumba *Masquinez*. — (2) Este tinha cahido na sua acostumada indolencia; quando accordou já a esquadra de Duguay Trouin tinha entrado a barra (12 de Setembro de 1714), sem que o tal almirante *mesquinho* se oppozesse á sua entrada. Depois de bombardear e incendiar algumas ilhas da bahia *Guanabara* e paiol da polvora da fortaleza *Villegaignon*, fundeou sem resistencia proximo ao caes do *Vallongo*. (Parece-me que *Trouin* com sua esquadra fascinou o governador, commandantes e tropas. A meu ver esses homens estavam narcotizados em vista de tanta apathia, tendo antes muito arrojo e presteza, e depois tanta indolencia e indifferença).

CCCXLVI

No outro dia *Trouin* em terra saltava, ⁽¹⁾
 Não topando a menor opposição;
 Em varios pontos suas tropas postava,
 E o quartel general na Conceição.

CCCXLVII

Inerte assistia o governador ⁽²⁾
 A' fina astucia do chefe francez;
 Não sentiu vir-lhe ás faces o rubor
 De ver manchado o nome portuguez.

CCCXLVIII

Trouin uma missiva lhe mandou
 Censurando-o p'la morte de *Duclerc*;
 Na mesma tambem lhe participou
 Que a entrega da cidade era mister.

CCCXLIX

Respondeu-lhe com grão sobrançeria
 Que de tal facto não era culpado;
 E a cidade co' ardor *defendel-a-ia*,
 Até seu sangue se ter exgottado.

CCCL

A uma reunião chamou os principaes,
 Aos quaes propoz sem pejo a rendição,
 Sendo acceita a proposta pelos taes!
 (Como tudo isto causa indignação!)

(1) No caes do Vallongo com tres mil e quinhentos homens, collocando dois mil no morro de S. Diogo, levantou na ilha do Pina uma bateria apoiada por quatro fragatas, e o resto marchou para o centro da cidade, postando seu quartel general no morro da Conceição. — (2) Este não podendo comprehender o alcance dos planos de *Trouin* se conservava impassivel no seu campo do Rozario. Porém o almirante francez desejando regular a situação, mandou intimar o governador por uma carta para entregar a cidade ao emissario do rei de França, e elle lhe respondeu que, do que alegava não era culpado, todos tinham sido tratados como mereciam, e que emquanto á entrega da cidade «*defendel-a-ia até á ultima gotta de seu sangue*». «*Parce caçoada!*»

CCCLI

Depois mandou p'las ruas apregoar ⁽¹⁾
 Que com a morte puniria quem sahisse;
 E elle foi o primeiro a abandonar,
 Não permittindo ao povo que fugisse!

CCCLII

N'uma noite de grande tempestade,
Trouin amedrontou os moradores ⁽²⁾
 Com o bombardeamento da cidade,
 Os forçou a fugir p'ra os arredores.

CCCLIII

O saque de manhã determinára, ⁽³⁾
 Roubando tudo que melhor achou;
 Grandes quantias tambem arrecadára,
 E aos seus patricios da prisão soltou.

CCCLIV

Duguay Trouin, temendo a reconquista, ⁽⁴⁾
 A Francisco Moraes fez intimar
 P'ra lhe pagar o que pedia á vista,
 Sob pena de á cidade o fogo atear.

CCCLV

Horrorisado p'la declaração,
 Que lhe mandou *Duguay-Trouin* levar,
 Resolveu logo entrar em convenção,
 P'ra do algoz a cidade resgatar.

(1) O governador antes de fugir para o Engenho Velho mandou apregoar pelas ruas e praças que ninguem, *sob pena de morte*, deixasse sua casa. — (2) Estes, aterrorizados pelos estampidos dos trovões e dos tiros da artilharia, correram pelo meio das trevas, sob uma chuva torrencial, para as mattas proximas, carregando o que podiam. — (3) Soube *Trouin* pelo ajudante de ordens de Duclerc que fôra abandonada a cidade, ordenando o saque, no qual arrecadou a somma de doze milhões de cruzados mais ou menos, em joias e dinheiro. — (4) Sabendo da vinda de tropas commandadas por Antonio de Albuquerque, mandou intimar a Francisco de Castro Moraes (que pelo nome não perca) a indemnizal-o, do contrario incendiaria a cidade, começando por o fazer em algumas casas nos arredores para intimidar-o.

CCCLVI

Co' especies e dinheiro a resgatou, (1)
Depois de ambos firmarem o contracto ;
Quando Albuquerque na cidade entrou
Não pôde revogar mais aquelle acto.

CCCLVII

O poder teve logo de assumir,
P'ra o nocivo contracto regular,
E triste por já não poder reagir,
Aborrecido teve de pagar.

CCCLVIII

Apenas soube El-Rei (2) de taes noticias,
A Moraes em seguida condemnou
A perpetuo desterro, p'la impericia,
E todos os seus bens lhe sequestrou.

Sublevação das missões do Uruguay
Expulsão dos Jesuitas (1756-1759)

CCCLIX

Os jesuitas prestaram bons serviços
Aos indigenas desta ampla nação ;
Pela America andaram movediços,
Chamando o povo bruto á religião.

(1) Aterrorizado Francisco de Moraes com a ameaça do incendio da cidade, deu-se pressa em entrar em negociações com o almirante francez, e após curta discussão quanto ao preço, resgatou-a por seiscentos e dez mil cruzados, quinhentas caixas de assucar, e o gado que precisasse para a viagem, assignando ambos a vergonhosa capitulação em 10 de Outubro de 1711. Chegando Albuquerque no dia seguinte com suas tropas, de São Paulo e Minas Geraes, não pôde mais revogar aquelle acto, nem atacar os francezes por causa do convenio assignado, contentando-se em assumir o governo e fazer o humilhante pagamento aos francezes, os quaes sabiram satisfeitos para a França, no dia 13 desse mez e anno. — (2) D. João V sabendo de tão grande affronta ao nome portuguez em vez de lhe dar outra commenda, deu-lhe a sentença que o condemnou perpetuamente para uma fortaleza da India, sequestrando-lhe todos os bens.

CCCLX

Aos sertões do Uruguay se transportaram, (1)
 P'ra os *charrúas* selvagens amansarem,
 Com paciencia e carinho os ensinaram,
 A construir *reducções* p'ra os educarem.

CCCLXI

Cada *missão* um *cura* a governava,
 Da qual era a suprema dignidade;
 E um cacique os selvagens commandava,
 Subordinado áquelle auctoridade.

CCCLXII

Mais de cento e vinte annos lá viveram,
 Subindo o povo a mais de cem mil almas,
 Co' elles a *guarany* (2) lingua apprenderam,
 Não ganhando por essa lida as palmas.

CCCLXIII

As producções (3) da industria e lavoura,
 Eram em vastas casas recolhidas;
 A renda das Missões mui crescedoura,
 Co' o producto das vendas conseguidas.

CCCLXIV

Essa renda elevava-se annualmente
 A mais ou menos cem mil pezos fortes,
 Que mandavam p'ra séde fielmente,
 Tíradas as despezas e os transportes.

(1) No anno de 1610 os padres jesuitas Marcello Lorenzana e Francisco de San-Martin se estabeleceram nas planícies que margeiam os rios *Uruguay* e *Ibicuy* (este banha o Rio Grande do Sul e as Missões), construindo aldeias (ás quaes chamavam *reducções* ou *Missões*), e explorando vastos territorios que denominavam *estancias*, com creação de gado vaccum, cavallar e ovino, algumas minas de ouro, productos da flora, etc.; tinham tambem uma pequena industria para o aperfeiçoamento das extracções e factura de objectos que precisavam. — (2) Todos fallavam a lingua guarany e vedavam a entrada nas Missões a quem não fosse jesuita. — (3) Sendo estas vendidas nos mercados da Europa e America, mandavam o saldo, que era avaliado em cem mil pesos (ouro), para a séde da Companhia de Jesus.

CCCLXV

Os delictos puniam com penitencia,
Jejuns, açoutes, rezas e prisões;
O reu accusava o erro co' obediencia,
De joelhos recebendo as punições.

CCCLXVI

As Missões dos jesuitas progrediram,
'Té que um tratado⁽¹⁾ os mesmos surprehendeu;
Uma espera á metropole pediram,
P'ras mudanças, a qual lh'a concedeu.

CCCLXVII

Com arrogancia o praso⁽²⁾ ultrapassaram,
Porque explorar queriam a Portugal;
Os avisos de sahida despresaram,
Desob'decendo ás ordens de Pombal.

CCCLXVIII

Este instrucções severas expediu
Ao governador-mór Freire de Andrade;
Que p'ra fallar com Valdelirios sahiu⁽³⁾
A mostrar-lhe o que havia de gravidade.

CCCLXIX

Gomes Freire o foi, pois, a procurar,
E nos *Castillos Grandes* o encontrou,
Depois das ordens de Pombal mostrar,
Logo a demarcação se principiou.

(1) Tratado de limites de 13 de Janeiro de 1750 pelo qual cedia a Hespanha a Portugal as missões do Uruguay em troca da colonia do Sacramento. Este tratado foi inspirado ás duas côrtes de Lisboa e Madrid pelo distincto brasileiro Alexandre de Gusmão. — (2) Com a mudança das familias, creações e outros objectos, absorveram dois annos, e mais absorveriam se não fossem as ordens terminantes de Sebastião José de Carvalho e Mello (depois marquez de Pombal), chamado ao ministerio por El-Rei D. José I, que succedera a seu pai D. João V em 31 de Julho de 1750), a Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, para com o marquez de Valdelirios começarem a demarcação dos territorios permutados. — (3) Em 19 de Fevereiro de 1752 do Rio de Janeiro para *Castillos Grandes*, onde se achava Valdelirios, dando ambos começo á tarefa em 1.º de Setembro.

CCCLXX

Chegados ao logar de *Santa Tecla*,
 Se encontraram co' um troço de selvagens,
 Capitaneado por um chefe ⁽¹⁾ assécla,
 Que a marcação prohibiu nessas paragens.

CCCLXXI

Perguntado de quem vinha a exigencia,
 Respondeu que eram ordens do seu cura;
 Não podendo seguir co' a diligencia,
 Tregoa trataram nessa conjunctura. ⁽²⁾

CCCLXXII

Regressando, porém, os commissarios,
 Do occorrido ás duas côrtes avisaram,
 Supplicando os reforços necessarios,
 Que só d'ahi a tres annos lhes mandaram.

CCCLXXIII

As côrtes tres mil homens expediram, ⁽³⁾
 Fazendo no rio Negro sua junccão;
 Contra as aldeias dos padres proseguiram
 Arrazando-as a tiros de canhão.

CCCLXXIV

Vendo elles que vencer não mais podiam
 A guerra ⁽⁴⁾ de que foram causadores,
 As povoações e templos incendiam
 Fugindo após aos seus perseguidores.

(1) Alferes do povo de S. Miguel por nome *Sepe* (ou José *Jyarayée*) com arrogancia intimou os dois commissarios a não continuarem com a demarcação daquelles territorios, allegando que «nenhum direito tinham os reis a essas terras que Deus e S. Miguel lhes havia dado». — (2) Vendo os commissarios que não podiam resistir á sublevação dos selvagens, promovida pelos jesuitas, retiraram-se, Gomes Freire para o Rio Grande do Sul e Valdelirios para o Uruguay. — (3) Só em 1756 é que chegaram as tropas portuguezas e hespanholas, fazendo sua junccão no rio Negro (tributario do rio Uruguay). — (4) As duas maiores batalhas foram dadas uma em 10 de Fevereiro e a outra em 10 de Maio de 1756, nas quaes, assim como em todas, tiveram sempre os europeus a victoria. Os selvagens revelaram conhecimentos de guerra, pelejando com armas eguaes ás dos europeus.

CCCLXXV

Da guerra os bugres já tanto entendiam
 Que aos Europeus deixaram admirados ;
 Co' armamentos modernos combatiam,
 Que nos despojos foram encontrados. (1)

CCCLXXVI

Nas Missões eram essas armas feitas,
 Co' o receio das *bandeiras* dos paulistas,
 P'ra aquellas não ficarem tão sujeitas
 Aos assaltos das taes escravagistas.

CCCLXXVII

Não menos tenaz foi a resistencia
 Que os Jesuitas fizeram nas fronteiras, (2)
 Mendonça viu-se até na contingencia
 De recorrer ás forças brasileiras.

CCCLXXVIII

A's demarcações punham embaraço,
 Sublevando os selvagens e auxiliares ;
 Xavier Mendonça via a cada passo
 Em sua frente guerrilhas militares.

CCCLXXIX

Desta forma portaram-se os Jesuitas, (3)
 Transgredindo os preceitos de suas crenças,
 Deram causa a muitissimas desditas
 A ponto de haver sérias desavenças.

(1) Peças de artilharia, arcabuzes e armas brancas de excellente tempera. —
 (2) Nas fronteiras do norte, onde presidia a demarcação Francisco Xavier de Mendonça Furtado (irmão do marquez de Pombal), governador do Pará e Maranhão, viu-se embaraçado com a má vontade dos jesuitas que faziam desertar os guias e remadores das canoas, etc. — (3) Divorciaram-se estes padres da religião para só cuidarem de seus interesses pecuniarios, abusando do nome de Jesus para instigarem odiosas vinganças, causando muitas desgraças e mortes com a sublevação dos selvagens contra a demarcação de limites decretada pelas duas cortes que, aliás, não lhes violava os direitos de propriedade. Desgostosos por se verem vencidos na guerra que provocaram, lançaram fogo ás povoações, templos e plantações, por vingança e malvadez, que não condiziam com o seu character de sacerdotes.

CCCLXXX

D'isto noticias deram a Pombal, (1)
Que já lhes consagrando odio e rancor,
A' Santa Sé rogou de Portugal,
Que a companhia punisse com rigor.

CCCLXXXI

O Papa (2) ao cardeal Saldanha enviou
Instrucções p'ra os jesuitas reformar,
E este em Portugal logo lhes cassou
O uso de confessar e de prégar.

CCCLXXXII

Tentaram os jesuitas resistir,
Blasphemando e intrigando seus contrarios,
Mas Pombal se apressou em expedir
Um decreto expulsando os mercenarios. (3)

CCCLXXXIII

Aos jesuitas Pombal não mais largava
Por lhe causarem nauseas e aversão;
Toda a Europa tambem o acompanhava
Em pedir ao pontifice a expulsão.

CCCLXXXIV

A total extincção foi decretada
Por Clemente quatorze (4) que a firmou;
Com gloria viu Pombal a obra corôada,
E todo o mundo culto lh' approvou.

(1) Vendo este a jactancia e insubordinação dos jesuitas, que se desviavam dos preceitos para os quaes fora criada a Companhia de Jesus, trocando seus deveres religiosos pelos do commercio, resolveu entrar em negociações diplomaticas com a Santa Sé, da qual alcançou os breves de Benedicto XIV e Clemente XIII e XIV e outros, que gradualmente extinguiram a Sociedade de Jesus. — (2) Benedicto XIV por breve de 1.º de Abril de 1758. Este breve tanta indignação causou aos jesuitas que proromperam em reprovaveis excessos, blasphemando contra o Papa, cardeaes, Pombal e El-Rei D. José I a ponto de tentarem envenenar este ultimo. Tentaram tambem mata-lo em diversas emboscadas dando isto motivo a serem processadas e executadas nobres familias suas aliadas, em praça publica, como aconteceu á familia dos Tavoras em 13 de Joãeiro de 1759. — (3) Vide as importantes notas 3 e 4 no fim do canto. (4) Idem, idem.

CCCLXXXV

Os jesuitas rompiam terras e mares,
E em nome de Jesus mercadejavam,
Explorando até asperos lugares
E á Companhia as arcas attestavam.

Invasões hespanholas no Rio da Prata
(1762-1777)

CCCLXXXVI

A Hespanha de algum modo se esquecia
Das derrotas que deu-lhe Portugal;
Assim quando a occasião se offerecia,
Tentava vingar-se ou lhe fazer mal.

CCCLXXXVII

Principiou por um pacto ⁽¹⁾ as duas firmarem
P'ra a troca das Missões co' a Sacramento;
Por causa d'elle muito se esforçaram,
P'ra depois ter tão pouco valimento.

CCCLXXXVIII

Foi aquelle por outro substituido, ⁽²⁾
Mandando tudo pôr no antigo estado;
Por ter Ceballos seu teôr infringido,
O Rio Grande ao levante foi forçado.

(1) Tratado de 1750 em que já fallei, na pag. 164, nota 1. — (2) A convenção de 12 de Fevereiro de 1761 mandava pôr tudo no antigo estado, voltando as Missões ao dominio hespanhol e a colonia do Sacramento ao de Portugal. D. Pedro de Ceballos, governador de Buenos-Ayres, não querendo entregar todas as possessões a Portugal provocou a rebellião das auctoridades portuguezas dessas regiões. Este tratava com a Hespanha, pelos meios diplomaticos, realizar a dita convenção. Ceballos animado pela victoria proseguiu sua marcha invasora, apoderando-se dos fortes de Santa Thereza, São Miguel, villa de São Pedro, das fronteiras e barra do Rio Grande do Sul, onde estabeleceu as divisas provisórias em Maio de 1763, voltando para Buenos-Ayres á espera de ordens.

CCCLXXXIX

Por Portugal se não querer unir
Ao *pacto de familia*, ⁽¹⁾ de Pariz,
Mandou a Hespanha aos lusos perseguir
Nas colonias e dentro de seu paiz.

CCCXC

A Ceballos tambem ella incumbiu
De atacar a colonia Sacramento, ⁽²⁾
Com mais tropas de Buenos Ayres sahiu
Para della se apossar em seguimento.

CCCXCI

Por não estar a mesma prevenida
Seu governador, timido, fugiu;
Ceballos foi p'ra o Rio Grande em seguida,
E a posse de dois fortes conseguiu.

CCCXCII

Sem reacção da fronteira se apossou,
Fixando as provisórias divisões,
Que depois n'um tratado as consignou,
Annullando-o um accordo entre as nações.

CCCXCIII

A este Ceballos não quiz ob'decer,
Teimando em suas conquistas conservar;
As ordens illudia satisfazer,
Mas queria só a Sacramento dar.

(1) Assim se denominou um tratado celebrado entre todos os soberanos da familia dos Bourbons para combinarem as forças contra a Inglaterra. Não querendo Portugal adherir a este pacto, mandou a Hespanha atacar os portuguezes não só no reino como tambem nas colonias ao sul do Brasil. — (2) Seguindo outra vez com mais tropas de Buenos-Ayres foi atacar novamente a colonia do Sacramento, que não estava guarnecida, pelo que o seu governador fugiu. Ceballos, animado pelo triumpho, seguiu para o Rio Grande ao encontro dos portuguezes. Recebeu allí o despacho da sua nação, relativo ao convenio de Portugal com a Hespanha, celebrado em 6 de Agosto de 1763, que mandava restituir áquelle todas as suas conquistas no Rio Grande do Sul. Illudindo tão terminantes ordens, só queria entregar a colonia do Sacramento que já havia abandonado.

CCCXCIV

Disto deu Portugal parte á Hespanha
Da qual não recebeu satisfação;
Em vista disso aquelle mais se assanha,
Mandando estimular a rebellião.

CCCXCV

Ordenou ao governador geral (1)
Que com o do Rio Grande se entendesse,
P'ra haver o pertencente a Portugal,
E os territorios patrios defendesse.

CCCXCVI

Combinaram os dois em expulsar
Os hespanhóes das terras usurpadas,
Recommendo astucia p'ra guerrear,
A's tropas quando fossem assaltadas.

CCCXCVII

No ataque aos fortes (2) foram repellidos
Ficando os hespanhóes de sobreaviso,
Os quaes por se julgarem offendidos,
Reparações pediram de improviso.

CCCXCVIII

Em vista dellas Portugal calou-se,
Entendendo ganhar tempo primeiro,
Durante o qual Faria exonerou-se
Com o governador do Rio Janeiro.

(1) Conde da Cunha, que succedera ao de Bobadella no governo geral do Brasil, recebendo elle instrucções para entender-se com o governador do Rio Grande do Sul, José Custodio de Sá e Faria e ambos tornarem effectivo o convenio que Ceballos se obstinava em cumprir, expulsando de lá os hespanhóes. — (2) Aos mesmos fortes de que já fallei na pag. 168, nota 2, em poder dos hespanhóes. Deram-se estes por muito offendidos e por isso pediram a Portugal reparação pela supposta injuria. Não estando o governo preparado para a lucta entendeu temporisar substituindo o conde da Cunha pelo de Azambuja, e Faria por José Marcelino de Figueiredo. Esta demora foi interpretada pelos hespanhóes por confissão de fraqueza, e por isso continuaram com a guerra sob as ordens de D. João José Vertiz, que tinha substituido a Ceballos no governo de Buenos-Ayres.

CCCXCIX

Dois funcionarios Portugal mandou
 P'ra que no governo a ambos substituisssem;
 A Hespanha tambem p'ra cá ordenou ⁽¹⁾
 Que aos lusos do Rio Grande repellissem.

CD

Não conhecendo a Hespanha as attenções
 Que Portugal ⁽²⁾ então lhe dispensava,
 Este em face das muitas aggressões,
 Forças de terra e mar p'ra cá mandava.

CDI

Após muitas refregas se feriu
 Uma grande batalha deshumana; ⁽³⁾
 E na mesma a victoria se seguiu
 A favor da bôa patria lusitana.

CDII

Tanto sentiu a Hespanha esta derrota,
 Que a Ceballos mandou vir outra vez,
 A' frente de uma poderosa frota,
 P'ra vingar-se do povo portuguez.

CDIII

Na armada vinte e um mil homens trazia
 P'ra desembarcar onde lhe conviesse;
 No Desterro ⁽⁴⁾ pensou se vingaria,
 Mas não houve quem frente lhe fizesse.

(1) A Vertiz para que continuasse a obra de Ceballos na conquista do resto do Rio Grande do Sul, a pretexto de reprimir contrabandos, o que não conseguiu porque logo no primeiro ataque á praça do Rio Grande foi rechassado. — (2) Este se convenceu que não era mais tempo de guardar attenções, por isso entregou o commando das forças de terra ao general allemão José Henrique Bohn e as de mar ao almirante irlandez Mac Donnell. — (3) No dia 2 de Abril de 1776, a qual se decidiu a favor dos portuguezes, que expulsaram os hespanhóes commandados pelo general Medina. — (4) Esta cidade, hoje capital de Santa Catharina, escolheu Ceballos para sua vindicta, intimando a Antonio Carlos Furtado de Mendonça, commandante dessa praça, a render-se, mas como não tivesse forças para a resistencia, fugiu.

CDIV

Não lhe dava vantagens o logar,
Por isso p'ra *Castillos* navegou,
P'ra com Vertiz e tropas se ajuntar,
Mas um pampeiro a viagem lhe frustrou.

CDV

Das operações bellicas desviado,
Atacou a colonia Sacramento, ⁽¹⁾
Por as forças se terem retirado,
N'ella entrou sem achar impedimento.

CDVI

Ceballos mui receioso da reacção,
Fez a cidade e o porto bombardear;
Todo o mal que fez foi á sua nação,
Por o pacto entre as côrtes ignorar.

CDVII

Ob'decendo aos artigos do tratado,
Quando d'elle tomou conhecimento,
Tudo repôz no seu antigo estado,
Exceptuando a colonia Sacramento

(1) Os hespanhóes não podendo ver a colonia do Sacramento em mãos dos portuguezes; e sabendo que ella estava sempre desguarnecida, atacavam de preferencia posto que a largavam depois, com receio da reacção. Ceballos desta vez entrando n'ella sem obstaculos, resolveu obstruir o porto e arrazar a cidade, arrependendo-se mais tarde do que fizera quando soube do tratado de 1.º de Outubro de 1777 que mandava restituir as suas conquistas usurpadas no Rio Grande do Sul a Portugal, excepto a colonia do Sacramento e as Missões, que ficaram para Hespanha, sendo outra vez conquistadas pelos portuguezes em 1817 como adiante explicarei. Desta vez Ceballos cedeu suas conquistas no Rio Grande do Sul ficando afinal com a colonia do Sacramento que por tres vezes conquistára.

Conspiração do Tiradentes em Minas Geraes

(1789)

CDVIII

Já nos fins do anterior seculo havia
Planos da independencia do Brasil;
A liberdade já o povo a q'ria,
Ainda que a maioria a achasse hostil.

CDIX

Quem ha que não lhe agrade a liberdade?
E' este o dom que mais póde apreciar-se;
O pai a dá ao filho tendo a idade,
Logo que elle já possa sustentar-se.

CDX

Essa lembrança em Minas despontou,
Favoneada por homens importantes; (1)
O enthusiasmo por ella os arrastou
A serem á metropole inconstantes.

CDXI

As aureas minas em exploração,
Pagavam ao governo grave imposto;
Escasseando co' o tempo a producção,
Se atrazaram nos *quintos* (2) com desgosto.

(1) Eram elles: Dr. José Alves Maciel (iniciador), Dr. Claudio Manoel da Costa (grande poeta), secretario do governo na ultima administração; Dr. Thomaz de Aquino Gonzaga (acabava de exercer o cargo de ouvidor de Villa Rica, e já estando nomeado para dezembargador da Relação da Bahia); Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto (abandonando a carreira da magistratura entregou-se á lavoura); Dr. Domingos Vidal Barboza (medico); P.^o Carlos José de Toledo (vigario de S. José) e o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, (commandante do unico regimento de cavallaria de linha). Estes foram os iniciadores da conspiração. Entre os alliciados estavam como principal Joaquim José da Silva Xavier (por alcunha *Tiradentes*), alferes do mesmo regimento, o coronel Joaquim Silverio dos Reis (por alcunha *Psalterio*, o Judas da conspiração) e outros. —

(2) Assim se chamava o imposto que consistia na quinta parte do ouro extrahido das minas, o qual foi substituido pelo de cem arrobas annuaes, por tornar-se difficil a sua arrecadação pela fazenda real.

CDXII

Mais de mil kilos ⁽¹⁾ Minas já devia
De ouro (fóra o cunhado), a Portugal;
Aos embaraços não mais a attendia,
Attribuindo aos governos todo o mal.

CDXIII

Barbacena a Menezes ⁽²⁾ substituiu
Para Minas Geraes administrar,
Pois áquelle a metropole incumbiu
De os impostos em divida cobrar.

CDXIV

O esp'rito dos mineiros se inquietou
Começando uma certa exaltação;
A sorte de outra gente os animou
A cuidarem de sua libertação.

CDXV

Da Europa José Alves Maciel veio ⁽³⁾
E aos seus patricios elle enthusiasmava;
Com as livres ideas daquelle meio,
A Minas tentou ver se emancipava.

CDXVI

Reuniões fazia com homens notaveis,
Mostrando-lhes o seu fim principal;
Vendo as rendas de seu paiz declinaveis,
Libertal-o queria de Portugal.

(1) No espaço de trinta annos os mineiros se atrazaram no imposto á fazenda real em quasi setecentas arrobas de ouro. — (2) Luiz da Cunha Menezes foi substituido pelo visconde de Barbacena no governo da Capitania de Minas Geraes. — (3) Chegado havia pouco da Inglaterra e França, onde admirára os progressos e movimentos dos povos livres, mostrou-se deseioso em transportal-os para Minas, invejando aquelles centros, e a recente independencia dos Estados Unidos do Norte em 1781, reconhecida em 1783, pela propria Inglaterra. Por isso, nas suas conversas intimas com seus amigos e collegas, deu a conhecer os seus designios, nascendo dahi o pensamento de libertar a capitania do jugo portuguez, tomando por base principal o atrazo dos quintos, dos quás elles tambem eram devedores.

CDXVII

Em secretos congressos discutiam
Como haviam de ficar independentes;
Em casa de Gonzaga ⁽¹⁾ se reuniam
Os chefes em geral, e *Tiradentes*.

CDXVIII

Foram oito os cabeças principaes,
Não contando co' os muitos alliciados,
Que lidando de accordo com os mais,
Eram da idea amigos dedicados.

CDXIX

Dentre os chefes, o mais entusiasta era
Joaquim José da Silva Xavier,
Que abraçando as ideas co' ancia sincera,
Revelava os seus planos a qualquer.

CDXX

Trabalhava tambem na inconfidencia
Joaquim Silverio, ⁽²⁾ que depois a trahiu
P'ra alcançar de sua divida clemencia,
Ao governador tudo descobriu.

CDXXI

Recommendeu-lhe este o maior segredo,
E que ás reuniões de assistir não deixasse;
De intervir nellas não tivesse medo,
Quando das occurrencias o informasse.

(1) Em casa deste se faziam os conciliabulos discutindo-se os planos da revolução, sendo adoptada e approvada a fórma republicana. Tão entusiasmados andavam que mais tarde se tornaram imprudentes com a aquisição de adeptos. — (2) Achando-se este muito endividado com a fazenda real, resolveu denunciar a conspiração para ver se alcançava o perdão de sua divida. Logo que achou-se de posse de todos os segredos, resolveu vendel-os dirigindo-se para esse fim á Cachoeira, onde se achava o visconde de Barbacena e ali fez-lhe fiel e exacta narração do que vira e ouvira, resolvendo este reflectir primeiro no que devia fazer a pessoas tão importantes, altamente collocadas, de algumas das quaes era amigo, pelo que repugnava á sua consciencia fazer-lhes mal.

CDXXII

Os atrasos do povo suspendeu, (1)
 Dando de tudo parte á sua regente,
 De motu proprio assim o resolveu,
 E ás municipaes camaras fez sciente.

CDXXIII

Esta medida aos chefes desarmára,
 Por lhes tirar a base do motim ;
 Maciel uma assembléia convocára (2)
 Para á rebellião todos pôrem fim.

CDXXIV

A proposta por dois, foi combatida :
 Dizendo um haver mais risco em recuar,
 E outro que á capital ía em seguida,
 Aos adeptos amigos despertar.

CDXXV

Em má hora foi esse alvitre acceito,
 E *Tiradentes* indo ao Rio cumpril-o ;
 A leviandade sua fez mau effeito,
 Sendo por isso preso em seu asylo. (3)

CDXXVI

O vice-rei p'ra Minas perguntou
 O que havia da planeada rebellião ;
 O governador, (4) timido, o avisou
 Que muitos reus estavam na prisão.

(1) Sabendo já a base principal da conspiração, resolveu suspender os pagamentos aos atrasados no imposto, accusando seu acto e as queixas do povo a D. Maria I — (2) Nesse conciliabulo, Maciel e Gonzaga propuzeram dar fim á conspiração em vista do governador os desarmar com a suspensão dos pagamentos dos atrasos; por isso davam por finda a sua missão. Combateram essa proposta Alvarenga e Tiradentes, e este ultimo apregoando sympathias no Rio de Janeiro, offereceu-se para ir lá despertar o zelo de occultos amigos da conspiração. — (3) Na antiga rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), denunciando-o ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, o tenente coronel Brasílio de Brito Malheiros, por causa da sua leviandade em arranjar adeptos. — (4) Vide esta nota no fim do canto.

CDXXVII

De facto os homens mais dignos de Minas, ⁽¹⁾
 E co' elles muitos cumplices e aliados,
 Foram p'ra as prisões entre carabinas,
 P'ra incontinente serem processados.

CDXXVIII

Tomaram-lhes o archivo principal, ⁽²⁾
 No qual só papeis futeis encontraram;
 Era a Republica o querido ideal,
 E em sua bandeira ⁽³⁾ um genio desenharam.

CDXXIX

Contra os reus crueis meios empregou
 Barbacena, na marcha do processo:
 Da cama o Doutor Claudio ⁽⁴⁾ arrancou,
 Dando este facto causa a um mau successo.

CDXXX

Cobertos de baldões e acorrentados,
 P'ra o Rio foram os homens mais notaveis
 De Minas, para serem lá julgados
 N'uma sessão de juizes respeitaveis.

CDXXXI

Dois annos demorou o julgamento
 Dos reus, que supplicavam piedade; ⁽⁵⁾
 Só Xavier não mostrava sentimento,
 Gloriando-se de sua culpab'idade.

(1) Drs. Gonzaga, Claudio, Alvarenga, Maciel, Vidal, padre Toledo, e muitos outros. — (2) Nos documentos apprehendidos viu-se que havia o plano da proclamação da Republica em Minas, tendo por capital S. João d'El-Rei, creação de uma universidade em Villa Rica, e perdão do que deviam á fazenda real, etc. — (3) N'esta se via um genio quebrando grilhões, e por baixo a legenda: *A liberdade posto que tardia*. — (4) Este gemia na cama com dôres rheumaticas, de onde foi arrancado e lançado n'uma enxovia. Desacoroçoado de sua sorte enforcou-se com uma liga na prisão. — (5) Todos os reus allegaram factos attenuantes em sua defeza, negando o crime. Gonzaga allegou que sendo portuguez não podia contribuir para o mal de sua patria, e estando para se casar não podia cortar o passo ao seu consorcio prestes a realisar-se. Só Tiradentes assumiu a auctoria do crime.

CDXXXII

A dezoito de Abril leu-se a sentença,⁽¹⁾
 Que onze dos reus á morte condemnava,
 Cinco a eterno degredo com detença,
 E aos demais algum tempo os desterrava.

CDXXXIII

Mas a Rainha⁽²⁾ não quiz que executassem
 Essa sentença barbara da alçada,
 E a todos fez que a morte commutassem,
 Só a de Xavier fosse executada.

CDXXXIV

Depois que a decisão real apreciaram,
 Entrou para o oratorio *Tiradentes*,
 E n'uma praça publica o enforcaram,
 Esquartejando-o á vista dos presentes.

CDXXXV

Sua cabeça n'um poste foi pregada
 E os quartos p'los caminhos divididos;
 Sendo ella em Villa Rica collocada,⁽³⁾
 Ficando sua familia e bens perdidos.

CDXXXVI

Muito povo ao supplicio assistiu,
 Havendo após *Te Deum* e prégação,
 Na qual o padre o crime repelliu,
 Amaldiçoando os reus da rebelião.

(1) Vide esta nota no fim do canto — (2) D. Maria I queria attenuar mais, tão barbara sentença; mas seus conselheiros lhe fizeram ver que era preciso que *Tiradentes* fosse executado por ufanar-se de ser o cabeça da conspiração, por isso deveria ser o unico a ser enforcado para exemplo dos outros. A Rainha ainda assim contrariada teve de conformar-se com o voto de seu conselho, commutando a pena de morte em degredo a todos, menos a Xavier, que foi enforcado e esquartejado em 21 de Abril de 1792, arrazada e salgada a sua habitação, sequestrados os seus bens, e considerados infames os seus descendentes. — (3) A cabeça de *Tiradentes* foi exposta sobre um poste, no logar mais publico de Villa Rica (hoje Ouro Preto), cujo poste se conservou até á época da independencia do Brasil.

CDXXXVII

Quatrocentos mil réis de tença annuaes,
 O delator da inconfidencia obteu; (1)
 P'ra o Maranhão fugiu de seus rivaes,
 Com remorsos e pobre lá viveu.

Chegada da Familia Real
 Governo de D. João VI no Brasil (1808-1821)

CDXXXVIII

No principio do seculo corrente,
 Reinava em França o grande Napoleão; (2)
 Sendo de toda a Europa pretendente,
 Mas a Inglaterra fez-lhe opposição.

CDXXXIX

Querendo elle esmagar a sua rival,
 Intimou o governo portuguez,
 A adherir ao bloqueio continental,
 Fechando os portos ao commercio inglez.

CDXL

Já o estavam as mais nações fazendo,
 Faltava apenas Portugal ceder;
 Negou-se este a fazel-o, não querendo
 A alliança co' a Inglaterra dissolver.

(1) O coronel Joaquim Silverio dos Reis, obteu por premio da sua denuncia quatrocentos mil reis annuaes, mas vendo-se desprezado e constringido pelo remorso, mudou-se para o Maranhão onde viveu pobre. De lá pediu a D. João VI a sobrevivencia da pensão em favor de sua mulher e filhos, tendo por despacho um «*escusado*», escripto pelo proprio punho d'El-Rei. — (2) Napoleão Bonaparte, orgulhoso pelas victorias que tinha alcançado sobre diversas nações da Europa, queria tambem obrigar a Inglaterra a render-se, o que não conseguiu por ella resistir ás suas pretensões. Em vista d'isso Napoleão ordenou o *bloqueio continental* ao commercio inglez, mandando intimar o principe regente para adherir ao mesmo, sob pena de declarar-lhe guerra. D. João que então regia Portugal, por impedimento de sua mãe D. Maria I, que estava soffrendo das faculdades mentaes, teve receio de perder a corôa, em vista do tratado de *Fontainebleau* de 27 de Outubro de 1807, que riscava Portugal do mappa politico da Europa, dividindo-o entre a França, Hespanha e o principe da paz D. Manoel Godoy, que seria rei dos Algarves, resolveu fugir para o Brasil, desamparando os portuguezes nas angustias da guerra.

CDXLI

Vendo elle a teimosia de Portugal,
 (Estrategico ponto dos inglezes),
 Fez intimar o principe real
 P'ra adherir aos desejos dos francezes.

CDXLII

Ao contrario ía-lhe a guerra a declarar,
 P'lo que Dom João ficou tão assustado,
 Que os portos aos inglezes fez fechar, ⁽¹⁾
 Depois de o haver com elles combinado.

CDXLIII

Co' isto Napoleão ⁽²⁾ não deixou-se embair.
 Simulando dar credito ao regente,
 Com *Junot* muitas tropas fez seguir
 P'ra subjugar o principe *valente*....

CDXLIV

Este nada apromptára p'ra a reacção,
 E quando a vinda soube dos francezes,
 Resolveu praticar a *heroica acção*
 De fugir, desprezando os portuguezes.

CDXLV

E de facto no Tejo elle embarcou ⁽³⁾
 Para o Brasil com a familia real;
 E uma esquadilha ingleza o acompanhou,
 Porque temia que lhe fizessem mal.

(1) D. João quiz manter a neutralidade entre as duas rivaes, mas como não lh'o deixaram, resolveu conjurar o perigo mais imminente mandando fechar os portos aos inglezes, dando occultamente as mais amplas satisfações á Inglaterra, sua fiel alliada. — (2) Este ordenou ao general Junot que com uma divisão de tropas invadisse Portugal, sob pretexto de o defender das aggressões que podiam advir-lhe da Inglaterra, por causa do supposto fechamento dos portos. — (3) Em 27 de Novembro de 1807, acompanhado por uma esquadra ingleza commandada pelo almirante Sidney Smith, que recebeu ordem de seu governo para reforçar a esquadra portugueza. Mas uma tempestade fez com que os navios se separassem, indo o do principe real aportar á Bahia em 28 de Janeiro de 1808.

CDXLVI

Logo que chegou Dom João á Bahia,
O colonial systema supprimiu,
Ao estrangeiro os portos ahi abria, (1)
E não mais monopolios consentiu.

CDXLVII

Ao Rio Janeiro preferencia deu (2)
P'ra a côrte portugueza alli fundar;
Dias depois lá o povo o recebeu,
No meio de ovações p'ra o f'licitar.

CDXLVIII

Depois de estar co' os seus já installado,
Um manifesto (3) ao povo dirigiu,
Dizendo ter a côrte alli fixado,
E o IMPERIO tambem já lhe suggeriu.

CDXLIX

Esta resolução trouxe a carencia
Da fundação de muitos beneficios:
Souza Coutinho (4) então teve a incumbencia
De instituições fundar sob seus auspicios.

CDL

Escolas, tribunaes, academias,
Lavoura, junta do commercio, imprensa,
Villas, bancos, viação e feitorias
Fundou, graças á sua p'ricia e sabença.

(1) Por carta regia de 28 de Janeiro de 1808, abriu os portos a todas as nações amigas da portugueza, dando com isto grande impulso ao commercio brasileiro. — (2) Os habianos forcejaram para que D. João fixasse a côrte entre elles; recusou fazel-o allegando altos negocios de Estado. Partiu depois para o Rio de Janeiro, onde chegou em 7 de Março de 1808, sendo recebido no meio de indescriptiveis ovações. — (3) No qual dizia «*que a côrte portugueza levantava a sua voz do seio do NOVO IMPERIO que tinha vindo crear*»; (por aqui se vê quaes eram suas intenções quando desamparou os portuguezes na cruenta guerra peninsular. — (4) D. Rodrigo de Souza Coutinho (depois conde de Linhares), primeiro ministro de D. João, creou, além do que acima menciono: a Relação, eschola medico-cirurgica, quatro jardins botanicos, cultura do chá, regulamentos, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, etc., etc.

CDLI

Como ministro do regente creou
Sympathias ao governo de Dom João;
E o povo agradecido o appellidou
De patriota e *ministro-cidadão*.

CDLII

Melhorou muito o Estado do Brasil,
Os monopólios a Lisbôa cortando;
Creou vantagens á classe mercantil,
O progresso em geral acoroçôando.

CDLIII

Nem glorias ás conquistas lhe faltavam, (1)
P'ra esse fim entendeu-se com Dom João,
Que occupar as Cayenas precisavam,
Em represalia á tal *franca-invasão*.

CDLIV

P'ra isso ao governo do Pará (2) mandou
Que seu projecto fosse executado;
Aquelle um regimento preparou,
Que foi por Souza Marques commandado.

CDLV

As Cayenas tomou com brevidade,
Fazendo Victor Hugues se render;
E o fez partir p'ra a França em liberdade,
Assumindo das mesmas o poder.

(1) D. Rodrigo de Souza Coutinho, combinado com D. João, propôz aos seus collegas do gabinete de S. Christovam (assim se chamava o governo de D. João no Brasil), que deveria mandar occupar a colonia franceza de Cayena, em represalia da injusta invasão de Portugal. Sendo approvedo seu projecto ordenou ao capitão-general do Pará, que o executasse. — (2) Escolheu este para commandar a expedição o tenente-coronel Manoel de Souza Marques, o qual á frente de mil homens, se apossou com a maior facilidade da colonia, obrigando seu governador Victor Hugues a capitular e a embarcar para a França em 1809, ficando esta temporariamente em poder dos portuguezes, até que foram obrigados a entregal-a pelo tratado de paz, celebrado em Paris a 30 de Maio de 1814.

CDLVI

Contente Dom João p'lo bom resultado,
P'ra o Rio da Prata suas vistas volveu;
Por lá ter a revolta rebentado,
A qual em *Buenos-Ayres* se accendeu.

CDLVII

Ao vice-rei ⁽¹⁾ baniram os facciosos,
Que foi por uma junta substituído;
É o Uruguay atacaram mui raivosos,
Por seu governador não ter annuído.

CDLVIII

Implorou este o apoio de Dom João,
Tambem assegurando-lhe o ajudal-o
Quando tentasse a sua acqvisição, ⁽²⁾
Teria muito prazer em auxilial-o.

CDLIX

Vendo Dom João o ensejo de intervir,
Nas fronteiras do Rio Grande e do Prata;
Ao governo do sul mandou pedir,
Que mantesse com Elio a concordata.

CDLX

Dom Diogo ⁽³⁾ um corpo bellico mandou
Por Souza Marques e Xavier chefiado;
Co' altivez p'ra Montevideu marchou,
Sendo José Roudeau disto avisado.

(1) D. Bartholomeu Hidalgo de Cisneros foi substituído por uma junta de nove membros, contra a qual se declararam muitos governadores, entre elles o de Montevideu, D. Francisco Xavier Elio. — (2) D. João tinha pretensões ás colonias hespanholas do Rio da Prata, por lhe constar que D. Carlos IV, pai da rainha D. Carlota Joaquina, havia sido deposto do throno de Hespanha por Napoleão. Recusando-se estas colonias a obedecer a José Bonaparte, rei intruso de Hespanha, allegava a rainha o direito sobre ellas. — (3) D. Diogo de Souza, governador do Rio Grande do Sul, a pedido de D. João, mandou duas columnas de tropas, commandadas pelos generaes Manoel de Souza Marques e Joaquim Xavier Curado, para socorrer a Elio com quem tinha accordado a entrega de Montevideu, por achar justa a pretensão da rainha D. Carlota Joaquina.

CDLXI

Este a Montevideu cercado tinha, ⁽¹⁾
 Firmando co' Elio uma convenção;
 Fugiu após com suas forças de linha,
 Não lhe approvando Artigas tal acção.

CDLXII

Por via disto partiu com a sua gente
 Para inquietar no *Salto* ⁽²⁾ os portuguezes;
 Mas estes se apossaram facilmente
 De *Maldonado*, ⁽³⁾ oppondo-se os inglezes.

CDLXIII

Dom João á Inglaterra obedeceu,
 Em vista de um convenio celebrado;
 Por isso aos chefes do sul ordens deu,
 P'ra que fosse o Uruguay desoccupado.

CDLXIV

No anno seguinte a guerra rebentou
 Entre os governos de Elio e de Artigas;
 E o armistício firmado se frustrou,
 Rendendo-se Elio ás forças inimigas.

CDLXV

Dom João ⁽⁴⁾ vendo o convenio despresado,
 E as fronteiras do sul sempre ameaçadas,
 Resolveu defender-se do attentado,
 Empregando medidas acertadas.

(1) Artigas e D. José Rondeau, caudilhos da rebellião das colonias hespanholas do Rio da Prata, dividiram suas tropas em duas divisões commandadas por elles. A divisão de Rondeau mantinha o cerco de Montevideu, e ao saber da chegada das tropas portuguezas, retirou-se. — (2) Salto do Uruguay. — (3) Do qual viram-se obrigados a evacuar em vista das reclamações inglezas, ás quaes D. João attendeu, depois de firmado o armistício celebrado pelo agente diplomatico portuguez José Rademaker, em Maio de 1812. — (4) Vendo este a audacia dos caudilhos argentinos, resolveu tomar a sério seus attentados, e para isso mandou vir de Portugal uma divisão de *voluntarios d'El-Rei*, commandada pelo general Carlos Frederico Lecór (barão e depois visconde de Laguna), a qual se tinha distinguido na campanha peninsular.

CDLXVI

Com a Inglaterra e Hespanha se entendeu,
Mandando vir do reino voluntarios; ⁽¹⁾
Co' elles o exercito do Rio rompeu,
Para atacar no sul os adversarios.

CDLXVII

P'lo general Lecór foi commandado,
E no Uruguay entrou mais uma vez,
Sendo pelos caudilhos atacado,
Mas sempre os derrotou co' intrepidez.

CDLXVIII

Carumbé, India Morta e Catalão,
Foram theatro de ataques admiraveis, ⁽²⁾
Foi Artigas forçado á evasão,
Depois de soffrer perdas formidaveis.

CDLXIX

Em triumpho os lusos batalhões fizeram
Em Montevidéo sua solemne entrada;
Seus habitantes mui prazer tiveram
Da cidade por elles ser tomada.

CDLXX

Das missões ⁽³⁾ e a colonia Sacramento, ⁽⁴⁾
Tambem as lusas tropas se apossaram,
Mandando divisões em seguimento,
P'ra estes e outros lugares que tomaram.

(1) Chegaram ao Rio de Janeiro a 30 de Março de 1816. Partindo para o Deserto a fazer junção com outras tropas do paiz, invadiram depois o territorio de Montevideo, aonde os caudilhos os obrigaram a dar combates quasi todos os dias, dos quaes sahiram victoriosos os portuguezes. — (2) Ganhos esses ataques pelos generaes Joaquim Oliveira Alvares, o do *Carumbé*; Sebastião Pinto de Araujo, o da *India Morta*; Joaquim Xavier Curado, o de *Catalão*; abrindo esta ultima victoria a entrada de Montevideo, feita pelo general Lecór em 20 de Janeiro de 1817. — (3) Para este ponto mandaram setecentos soldados, commandados pelo general Manoel de Souza Marques. — (4) Mandaram tambem para ella dois batalhões ás ordens do general Manoel José Rodrigues; assim como todos os logares importantes foram occupados pelas tropas portuguezes.

CDLXXI

A's guerrilhas Artigas recorreu
 Por seu primeiro plano se frustrar;
 Lecór no ultimo ataque que lhe deu
 Fel-o em *Taquarembó* ⁽¹⁾ capitular.

CDLXXII

A este ultimo revez elle escapou-se,
 Deixando uns mortos e outros prisioneiros,
 E triste para o Paraguay passou-se,
 Se escapando ao azar dos companheiros.

CDLXXIII

Co' a submissão do exercito de Artigas
 Deram por finda a rebellião platina,
 Ao reino, uniram suas posses antigas,
 Co' o nome de Provincia Cisplatina. ⁽²⁾

CDLXXIV

Em quanto no sul deram-se estes factos,
 Se reuniu um congresso diplomatico
 Em Vienna, ⁽³⁾ onde firmaram-se contractos
 De paz, e as bases de um direito pratico.

CDLXXV

Nesse mesmo anno Dom João elevou
 A reino o Brasil, ⁽⁴⁾ p'ra ao povo agradecer;
 Apesar de tal acto não deixou
 De no Recife um motim rebentar.

(1) A ultima batalha dicitu-se no *Passo do Taquarembó* a 22 de Janeiro de 1820, ganha pelo general conde da Figueira, na qual matou oitocentos homens e aprisionou quatrocentos. — (2) Annexaram todos estes territorios, alguns delles pela segunda vez conquistados, ao reino unido de Portugal, Brasil e Algarves, a 31 de Julho de 1821, restando ainda hoje ao Brasil desses territorios as Missões, que Quintino Bocayuva doou *ad referendum* á Republica Argentina, quando foi ministro do exterior do governo provisório da Republica do Brasil em 1890, sendo restauradas por sentença de *Cleveland*, quando presidente dos Estados Unidos do Norte. — (3) Capital da Ausria, em 9 de Junho de 1815 firmou-se nelle a paz geral e as bases de um novo direito publico europeu. — (4) Foi o Brasil elevado a reino por alvará de Dezembro de 1815.

CDLXXVI

Por morte de sua mãe elle tomou,
O titulo de rei de Portugal;
Mas a sua coroação se retardou,
Por no Recife o povo ser desleal.

CDLXXVII

Uma influente e secreta instituição ⁽¹⁾
P'la independencia muito trabalhava,
A' qual prestando grande protecção,
No Recife a revolta subsidiava.

CDLXXVIII

Voltando o odio ao povo portuguez, ⁽²⁾
Que em muitas reuniões era divulgado,
Nas mesmas o exprimia sem timidez,
Domingos Martins, muito entusiasmado.

CDLXXIX

Sendo advertido p'lo governador,
Desconfiou ser fraqueza a reprehensão,
Da revolta se fez aliciador,
Pelo que foi mettido na prisão.

CDLXXX

Tambem foram prender a Barros Lima,
Ao qual seu commandante censurou;
Julgando-se ultrajado e sem estima,
Deu-lhe co' a espada até que o assassinou.

(1) Esta instituição muito tem influido na politica deste paiz, a ella se deve a independencia, a abolição da escravatura em 13 de Maio de 1888 e a proclamação da Republica a 15 de Novembro de 1889. — (2) Este odio dos Pernambucanos aos portuguezes, nasceu com a *Guerra dos mascates* em 1710 na qual, como em todas, os portuguezes deram sempre provas de valor, bravura e coragem. A estas qualidades se deve a união desta vastissima nação, que foi invejada e atacada por algumas poderosas nações da Europa, as quaes não arrancaram a Portugal um palmo de terra nas suas conquistas, apezar da sua teimosia. Depois de creada e educada os portuguezes a entregaram aos brasileiros na maior harmonia, entre festas, quando fizeram a sua independencia. Portanto, é uma ingratição o haver odio entre irmãos, por cuja familia tanto soffreram os nossos antepassados.

CDLXXXI

Começou co' este facto a rebellião. (1)
Sendo o governador disto avisado,
Mandou o ajudante ordens dar, e então
Cahiu por uma balla traspassado.

CDLXXXII

O governador, timido, passou-se
P'ra fortaleza Brum, com a familia,
Por seguro alli não estar mudou-se
Para bordo de um barco, sob vigilia.

CDLXXXIII

No mesmo partiu para o Rio Janeiro,
Co' o pavilhão republicano hasteado;
Ao sabel-o El-Rei fel-o prisioneiro,
Sendo na ilha das Cobras encerrado.

CDLXXXIV

No Recife um congresso (2) se reuniu,
P'ra acclamar um governo provisorio,
O qual Domingos Jorge presidiu,
Com applausos do publico auditorio.

CDLXXXV

Fórmias republicanas escolhendo,
A côr branca adoptou no pavilhão,
E os tratamentos nobres não querendo,
Os fez substituir p'lo de cidadão.

(1) Com o facto do capitão José de Barros Lima (conhecido por *Leão corcáo*) matar seu commandante brigadeiro Barboza por o ter reprehendido no acto de sua prisão, principiou a revolta a 6 de Março de 1817, da qual sendo avisado o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, expediu seu ajudante de ordens para dar as providencias, mas ao se approximar do quartel o mataram. O governador sabendo disto seguiu para o Rio de Janeiro onde foi preso por tentar forçar a barra com a bandeira republicana hasteada na escuna que o conduzia! — (2) No qual proclamaram o governo provisorio da Republica: Domingos Theotonio Jorge, Dr. José Luiz de Mendonça, Manoel José Correia, Domingos José Martins e o padre João Ribeiro Pessoa. Sendo tambem nessa occasião acclamados para secretarios do mesmo governo, os padres Miguel Joaquim de Almeida e Pedro de Souza Tenório.

CDLXXXVI

Mais um conselho o mesmo proclamou, (1)
P'ra junto do governo trabalhar,
Este futeis medidas decretou,
Sem com a sua defeza se importar.

CDLXXXVII

Cuidaram na remessa de emissarios (2)
P'ra as provincias visinhas revoltarem;
E a outros pontos enviaram partidarios
Para petrechos bellicos comprarem.

CDLXXXVIII

Vendo o governador da Bahia (3) o p'rigo
Da vulgarisação republicana;
Resolveu por si dar-lhes o castigo,
Mandando-os bater pela força bahiana.

CDLXXXIX

O porto do Recife lhes bloqueou,
Emquanto as tropas p'lo sertão marcharam;
O primo ataque em Alagôas se ateou,
E as forças democratas derrotaram.

CDLXL

Quando isto no Rio soube-se, partiu
Uma frota (4) p'ra os portos revoltosos,
Depois d'esta, outra expedição seguiu (5)
P'ra subjugar os chefes audaciosos.

(1) Composto de cinco membros: o desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Dr. Antonio de Moraes e Silva, Manoel José Pereira Caldas, Gervasio Pires Ferreira e o deão da Sé de Olinda, Bernardo Luiz Ferreira. — (2) Mandaram para os Estados Unidos Antonio Gonçalves da Cruz, afim de travar allianca e comprar armamentos. Para a Bahia foram os padres José Martiniano de Alencar e José Ignacio de Abreu Lima, sendo este arcabuzado no *Campo da Polvora*. — (3) D. Marcos de Noronha (conde dos Arcos), de motu-proprio armou dois navios (*Mercurio* e *Carrasco*), bloqueando-lhes o porto do Recife; e por terra fez seguir o marechal Cogominho de Lacerda commandando uma expedição, dando-se o primeiro ataque em *Porto das Pedras*. — (4) Commandada pelo vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo. — (5) A's ordens do marechal Luiz do Rego Barreto.

CDLXLI

Estes, em discussões vans se occupavam,
 Enquanto as divisões de El-Rei seguiam;
 Ao saberem que perto já estavam,
 Ao seu encontro com suas tropas íam.

CDLXLII

Domingos Martins ⁽¹⁾ que um troço chefiava,
 Ficou co' elle dos bahianos prisioneiro;
 E Cavalcanti que outro commandava,
 Teve destino igual do companheiro.

CDLXLIII

A' vista disto os chefes do motim,
 Os cargos do governo renunciaram;
 Então Theotonio Jorge teve alfim
 A dictadura, p'ra a qual o acclamaram. ⁽²⁾

CDLXLIV

A elle Domingos Lobo remetteu
 Uma intimação ⁽³⁾ para se render,
 A' qual com arrogancia respondeu
 Que até á morte havia de combater.

CDLXLV

Suas phrases ás acções não igualaram,
 — Ausente todo o nobre sentimento: —
 Elle e mais as suas tropas debandaram,
 Sem que ás primeiras dêsse cumprimento!

(1) Este e o seu companheiro Francisco de Paula Cavalcanti, chefes e promotores da conspiração, cahiram com suas tropas cobardemente prisioneiros do marechal Cogominho, no ataque travado no logar denominado *Trapiche de Ipojuca*, seguindo-se-lhes outros chefes, que foram igualmente derrotados.—(2) No momento do perigo os membros do governo e conselho renunciaram o poder e proclamaram dictador a Domingos Theotonio Jorge com o pomposo titulo de *governador civil e militar do partido da independencia em Pernambuco*. — (3) A esta respondeu que *«saberia-se sepultar debaixo das ruinas da patria combatendo por ella até a derradeira hora.»* Não corresponderam suas acções com tão altivas palavras, por que pouco depois desamparava o poder com seus companheiros fugindo para o interior.

CDLXLVI

O Recife ficando abandonado ⁽¹⁾
 Entregaram-no ás forças portuguezas,
 E o governo de El-Rei foi restaurado,
 P'ra aos rebeldes punir suas ardilezas.

CDLXLVII

Aquelles que poderam-se escapar,
 Ao engenho *Paulista* foram ter;
 Resolvendo em reunião não mais guerrear,
 Mandaram as suas tropas dissolver.

CDLXLVIII

Quando já da revolta nada havia,
 Em Pernambuco Luiz do Rego entrou, ⁽²⁾
 E Lobo, que o governo ahi exercia
 Por ordem do regente lh'o entregou.

CDLXLIX

Se estreou com os haveres sequestrar,
 Aos auctores da tal conspiração;
 Designando um conselho militar,
 Para julgar os reus da rebellião.

D

Lida a sentença desse tribunal,
 Nella á morte seis foram condemnados, ⁽³⁾
 E os outros a degredo temporal,
 Sendo aquelles na forza executados.

(1) Os portuguezes logo que viram os rebeldes abandonar a cidade do Recife, proclamaram o governo de El-Rei D. João a 20 de Maio de 1817, convidando o vice-almirante Lobo, para vir tomar conta delle. — (2) Em 29 de Junho, quando já tinha desaparecido a revolta, chegou ao Recife o marechal Luiz do Rego, com plenos poderes de D. João para tomar conta do governo de Pernambuco. O seu primeiro acto no governo foi mandar prender os cabeças do motim e seus alliados, sequestrando-lhes os bens. — (3) Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima, Antonio José Henriques, Domingos José Martins (o promotor) e os padres Pedro de Souza Tenorio e Miguel Joaquim de Almeida, foram executados em praça publica logo depois de ser lida a sentença que os condemnou.

DI

Informado El-Rei desta crueldade
 Que em seu nome o conselho praticou,
 Para mostrar que tinha humanidade,
 Logo sua demissão lhe decretou.

DII

Mandando-o substituir por uma alçada
 Composta de tres juizes relatores; (1)
 Lhe advertindo que fosse moderada
 Com o resto dos mais conspiradores.

DIII

Condoendo-se de alguns delles Dom João,
 (Já p'lo governador favorecidos),
 Nos festejos de sua aclamação (2)
 Perdoou aquelles menos envolvidos.

DIV

P'ra o reino não cuidava de voltar, (3)
 Causando desconfiança á lusa gente;
 Parecia-lhe ter ainda o que receiar,
 Por que sahira de lá cobardemente.

DV

Por causa disto o Porto (4) se agitou,
 Lançando um manifesto assaz hostil;
 O qual dizia que El-Rei o paiz logrou,
 Co' abertura dos portos do Brasil.

(1) Sob a presidencia do desembargador do paço, Bernardo Teixeira de Carvalho. — (2) Os quaes só tiveram logar em vista do seu adiamento, no dia 6 de Fevereiro de 1818, com grandes pompas; havendo nesse dia muitos perdões, entre os quaes os menos compromettidos no motim do Recife, solicitados por Luiz do Rego. — (3) D. João tinha grande predilecção pelo Brasil, no qual executou grandes e valiosos melhoramentos, apressando com elles a sua independencia — (4) A revolução do Porto de 24 de Agosto de 1820, principiou por um manifesto lançado á nação portugueza. Queixavam-se os chefes da revolta do atrazo em que se achava o paiz depois que D. João delle se ausentara para o Brasil, cortando-lhe os principaes privilegios com abertura dos portos ao commercio estrangeiro, abolindo o systema colonial, e suspendendo-lhe os monopolios, arruinando por esta forma o commercio e a industria de Portugal.

DVI

Esta revolta fez apparecer
 Alguns motins em varias cidades, (1)
 Para a constituição o povo obter,
 De accordo com as suas necessidades.

DVII

As côrtes foram logo convocadas
 P'ra resolverem tão grave questão;
 Entretanto aqui eram installadas
 Juntas governativas p'ra a eleição. (2)

DVIII

Continuando o Brasil impacientado
 'Té que Portugal isto decidisse,
 Por El-Rei um decreto foi firmado (3)
 P'ra que Dom Pedro p'ra o reino partisse.

DIX

Este plenos poderes levaria,
 P'ra da constituição seu teôr tratar;
 O preciso ao Brasil applicaria,
 Fazendo co' isto o povo desconfiar.

DX

Posto que este dessa ordem não gostasse,
 Determinou, reunido, a El-Rei pedir
 Que a constituição desde já jurasse,
 Se queria dissabores impedir.

(1) O brado da revolução do Porto repercutiu em Lisboa a 15 de Setembro de 1820, no Pará em Janeiro de 1821 e no Rio de Janeiro em Fevereiro. Os povos, instigados pelas sociedades maçônicas, amotinaram-se reclamando de El-Rei o seu regresso a Portugal, e a convocação de côrtes constituintes. Demorando-se elle em regressar, resolveram crear um governo provisório, mas reunidas as côrtes, foi substituido por um governo executivo com o titulo de *Regencia*, accetando El-Rei as bases apezar de estar ausente, e abreviou o regresso talvez com receio de su deposição. — (2) Em vista daquella revolução que aqui se ramificou, foram installadas juntas governativas para a eleição dos deputados ás côrtes de Lisboa. — (3) O decreto de 18 de Fevereiro de 1821, mandava D. Pedro a Lisboa para fazer consignar na constituição o que fosse conveniente ao Brasil.

DXI

Aos pedidos do povo El-Rei annuiu, ⁽¹⁾
 Pelo que com vehemencia o acclamou,
 Tirando os animaes quando subiu
 P'ra a carruagem, e a pulso lh'a puxou.

 Regresso de D. João VI

Proclamação da independencia do Brasil (1821-1822)

DXII

Indignado o governo resolveu
 Ao monarcha mandar intimação; ⁽²⁾
 Seu conselho ás razões della accedeu
 P'ra que voltasse p'ra lusa nação.

DXIII

Co' o voto do conselho concordou
 Em fazer a vontade aos portuguezes;
 N'um manifesto ao povo declarou,
 Que a Dom Pedro deixava nas suas vezes.

DIV

De eleitores se fez uma reunião,
 P'ra verem quaes seriam seus deputados;
 Ficando tumultuosa a discussão,
 Seus actos foram todos annullados.

⁽¹⁾ El-Rei com o decreto de 18 de Fevereiro tanto desgostou os partidos portuguez e brasileiro, que exigiram de D. João, a 26 de Fevereiro de 1821, que prestasse desde logo juramento á constituição, *tal e qual a fizessem as côrtes geraes e constituintes da nação portugueza*. Annuindo El-Rei ao pedido, o povo no auge da alegria tirou-lhe os cavallos da carruagem e puchou-a até á quinta de S. Christovam, atroando os ares com vivas a El-Rei e á Constituição. — ⁽²⁾ D. João vendo com desagrado o energico manifesto do governo da *regência* e côrtes constituintes, que o constrangiam a voltar á metropole com a familia real, resignou-se, posto que com bastante repugnancia, a assignar o decreto de 7 de Março de 1821, em que expôz o seu designio de regressar a Portugal, deixando no Brasil o principe real D. Pedro na qualidade de regente,

DXV

A El-Rei queriam mais uma vez pedir
 P'ra de Hespanha a lei basica adoptar, ⁽¹⁾
 Ao contrario lhe iriam a ida a impedir,
 O que á lusa brigada ⁽²⁾ fez zangar.

DXVI

O logar da reunião ella invadiu,
 E á força dissolveu o ajuntamento,
 Matando tres, e a vinte e dois feriu,
 Amedrontando ao povo o movimento.

DXVII

Tendo El-Rei por decreto ⁽³⁾ invalidado
 Algumas decisões que consignou;
 A regencia do filho havia firmado
 Quando co' a real familia se embarcou. ⁽⁴⁾

DXVIII

Em grave situação viu-se o regente,
 Luctando co' uma série de embaraços;
 Tornou a lusa força descontente,
 Porque lhe dava apreços muito escassos.

DXIX

Por isso ver a Dom Pedro exigiu
 Que á regencia prestasse o juramento; ⁽⁵⁾
 O conselho, de accordo co' elle, annuiu,
 Receiosos de algum pronunciamento.

(1) Os eleitores reunidos na praça do Commercio, commetteram tantos abusos, que chegaram ao ponto de exigirem de El-Rei que jurasse a constituição hespanhola, que mal conheciam, do contrario lhe impediriam a sahida do Rio de Janeiro. A' vista destes disturbios, interveio a *divisão auxiliar portugueza*, havendo grande tiroeio, mortes e feridos de ambos os lados. — (2) Divisão auxiliar portugueza que D. João aqui tinha, para o defender em caso de alguma rebellião contra o seu governo. — (3) De 22 de Abril de 1821. — (4) No dia 24, embarcou-se com a sua real familia; e em 26 deixou para sempre o Rio de Janeiro, onde viveu satisfeito treze annos. — (5) A lusa divisão se encaminhou para o Largo do Rocio, e ahi exigiu de D. Pedro e das principaes auctoridades o juramento de regente, e a mais completa obediencia ás resoluções da metropole, ao que annuiram.

DXX

As côrtes resolveram decretar, (1)
 A's provincias tornando independentes,
 P'ra não poderem mais co' o Rio tratar,
 Ficando só daquellas dependentes.

DXXI

Depois que a Portugal chegou Dom João,
 Um decreto (2) fizeram-lhe firmar,
 P'ra aos tribunaes daqui dar extincção,
 E ordenando a Dom Pedro p'ra voltar.

DXXII

Este, já se apromptava p'ra partir,
 Quando um requerimento (3) recebeu
 Co' oito mil firmas, para resistir
 Aos decretos que El-Rei lhe remetteu.

DXXIII

Lhe enviaram de São Paulo outro pedido,
 Caso quizesse a desunião poupar;
 Ao seu povo querendo ver servido
 Achou por bem assim as despachar:

DXXIV

« Como é p'ra bem de todos em geral,
 E p'ra felicidade deste paiz,
 Diga ao povo que sempre serei leal,
 Ainda que os lusos sejam a isto hostis ».

(1) O decreto das côrtes de 20 de Abril de 1821, declarou independentes do Rio de Janeiro todas as provincias, cujas communicações deveriam ser só com o governo central de Lisboa. — (2) De 29 de Setembro de 1821, extinguiu todos os tribunaes do Rio de Janeiro e ordenou a D. Pedro que regressasse ao Reino. — (3) O povo descontente com taes decretos não tardou em animar-se a fazer uma grande reunião em casa do capitão-mór José Joaquim da Rocha, na qual resolveu resistir ás decisões da metropole, e endereçar a D. Pedro uma representação para aqui ficar, assignada por oito mil pessoas e que foi levada á sua presença a 9 de Janeiro de 1822 pelo juiz de fóra e presidente do senado Dr. José Clemente Pereira, na qual, depois de receber outra da junta governativa de S. Paulo a 31 de Dezembro, das mãos de José Bonifácio de Andrade e Silva, proferiu o seguinte despacho: «*Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.*»

DXXV

Furiosa, a portugueza divisão, (1)
 Resolveu a Dom Pedro intimidar
 P'ra que ob'decesse á lusa decisão,
 Não quizesse sua patria atraiçoar.

DXXVI

Com tal fim foi p'ra o morro do Castello,
 Para obrigar Dom Pedro a se render,
 Mas o povo reunindo com desvelo,
 Pediu áquelle p'ra não lhe ob'decer.

DXXVII

Os meios da defeza combinou,
 Fazendo-a logo Dom Pedro intimar;
 A' vista de tal ordem se afastou,
 Com tenção de p'ra o reino se embarcar.

DXXVIII

Ao ver-se livre do unico embaraço,
 Dom Pedro seu governo organisava
 Com tres ministros, (2) p'ra co' elles no paço
 Determinar as leis que precisava.

DXXIX

Nesses dias um decreto (3) appareceu,
 Chamando das provincias seus agentes
 P'ra um congresso, no qual se resolveu
 Executar reformas convenientes.

(1) A esta não lhe agradou tal despacho, por isso resolveu obrigar-o a obediência ás decisões da metropole conforme tinha jurado, e para o intimidar sahio dos quartéis a 11 de Janeiro de 1822, sob o commando do general Jorge de Avilez Zuarte, marchando para o morro do Castello. O regente e o povo, assustados com tal pronunciamento, reuniram-se no *Campo de Sani' Anna*, e ahi resolveu o regente intimal-a. Avilez ao receber a intimação capitulou, embarcando-se com sua gente para Portugal. — (2) José Bonifacio de Andrada e Silva para as pastas do interior e estrangeiro; Caetano Pinto de Miranda Montenegro para as da justiça e fazenda; e Joaquim Oliveira Alvares para as da guerra e marinha. — (3) De 16 de Fevereiro, chamando das provincias seus procuradores geraes, para combinarem os meios adequados á situação e empregarem os que fossem de utilidade, depois de approvados pelo governo do regente.

DXXX

Outro decreto ⁽¹⁾ á luz veio em seguida,
 Dizendo que nenhuma decisão
 Da metropole fosse aqui cumprida,
 Sem *cumpra-se* do chefe da nação.

DXXXI

No dia cinco de Março ao Rio chegou
 A lusa esquadra, ⁽²⁾ para conduzir
 A Dom Pedro, mas este lhe annunciou
 Que o desembarque resolveu prohibir,

DXXXII

Salvo áquelles que fossem alistados
 P'ra no serviço do Brasil entrarem;
 Os da *Real Carolina* já virados,
 Resolveram com ella aqui ficarem.

DXXXIII

Quando no Rio se deram estes factos,
 A rebellião em Minas explodiu; ⁽³⁾
 Por divergencias houve desacatos,
 E p'ra acalmal-a o principe partiu.

DXXXIV

Pelos fócios passou da agitação,
 Nos quaes com ovações foi recebido;
 Sua presença poz termo á rebellião,
 Sem resistencia de nenhum partido.

(1) De 21 de Fevereiro, declarando terminantemente que nenhum decreto das côrtes de Lisboa fosse aqui executado sem o prévio «*cumpra-se*» do regente. — (2) Commandadapor Francisco Maximiano de Souza, que ao chegar ao Rio de Janeiro foi intimado a não desembarcar ninguem da sua tripulação, salvo aquelles que se alistassem ao serviço do Brasil. Muitos delles acceitaram, entre estes toda a guarnição da fragata *Real Carolina*, que ficou ao serviço do Brasil (o commandante em vez de levar o regente, veio reforçal-o!) — (3) Havia em Minas um partido predominante que obstinava-se em manter a união com Portugal, recusando acceitar a ingerencia do regente. Este conhecendo o mal se o deixasse progredir, partiu para Villa Rica passando por Barbacena e S. João de El-Rei, sédes da agitação, e captou tantas sympathias que pôz termo á revolta.

DXXXV

Quando de Minas elle ao Rio chegava,
Soube que Portugal ⁽¹⁾ fez expedir
Uma nota, que aos consules mandava
Que armas p'ra o Brasil não deixassem vir.

DXXXVI

Sendo esse proceder considerado
Como declaração de lucta hostile;
Foi o regente Dom Pedro acclamado
O defensor perpetuo do Brasil. ⁽²⁾

DXXXVII

Neste caso um congresso convocou
Para a constituição do paiz fazer;
Seu governo tambem modificou, ⁽³⁾
O qual bôas providencias fez nascer.

DXXXVIII

Este governo muito contribuiu,
Para os melhoramentos deste paiz;
A's nações um emprestimo pediu, ⁽⁴⁾
Dando-lhes liberdades mercantis.

DXXXIX

Veio um outro decreto ⁽⁵⁾ a declarar
Contraria toda a força portugueza,
Não podendo em qualquer ponto saltar,
Sem prévia permissão de sua alteza.

(1) Este notificou aos agentes diplomaticos e consulares, acreditados junto dos governos da Europa e America, que vedassem a venda e remessa de petrechos bellicos para o Brasil. — (2) Essa resolução das côrtes de Lisboa fez com que o senado da Camara supplicasse a D. Pedro que accettasse, para si e seus descendentes, o titulo de *defensor perpetuo do Brasil*; ao mesmo tempo pedia-lhe que convocasse uma assembleia legislativa constituinte, a qual se reuniu a 3 de Junho de 1822. — (3) Entrou para a pasta da guerra o brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega, e para a da fazenda Martim Francisco Ribeiro de Andrada. — (4) De quatrocentos contos de reis. — (5) De 1^o de Agosto, o qual declarava inimigas as tropas portuguezas que desembarcassem em qualquer ponto do littoral, sem o prévio consentimento do governo brasileiro.

DXL

O decreto das côrtes de Lisbôa
Mandando provinciaes governos crear,
Sómente co' obediencia á lusa c'rôa,
Fez no Brasil alguns odios atear.

DXLI

Esse decreto alguns motins causou
Em Pernambuco, São Paulo e na Bahia; (1)
Dom Pedro p'ra o primeiro e ultima enviou
Tropas, (2) emquanto para o outro partia.

DXLII

A sua presença os odios fez cessar,
Que havia entre famílias de paulistas,
Resolvendo ir a Santos passear,
Contente co' as notaveis entrevistas.

DXLIII

Na sua volta chegava ao Ypiranga,
Quando alguém uns despachos lhe entregou;
Depois de os ler o principe se zanga,
E, arrancando da espada, então bradou:

DXLIV

« INDEPENDENCIA OU MORTE! » (3) pr'a o Brasil
Gritava co' entusiasmo e co' alegria;
« *Laços fôra, bastou de ser servil!* »
E a lusa insignia em pleno chão batia...

(1) Os Pernambucanos viviam em constantes sobresaltos por causa das hostilidades das tropas *constitucionaes*. Entre os Paulistas havia rivalidade em algumas famílias influentes, causando graves successos. Na Bahia um conflicto de jurisdicção entre os brigadeiros Manoel Pedro Guimarães (brasileiro), e Ignacio Luiz Madeira de Mello (portuguez), fez rebentar a guerra civil. — (2) A's ordens do general francez Pedro Labatut partiu um corpo de tropas para Pernambuco e Bahia a abafar os motins; e o regente veio para S. Paulo, sendo aqui bem acolhido entre ovações, e nas entrevistas que realisou não só pôz termo ás dissensões das referidas famílias, como comprehendeu que o povo do Brasil lhe era dedicado, emprehendendo por isso a idéa de proclamar-lhe a independencia na primeira occasião. — (3) Vide esta importante nota no fim do canto.

DXLV

Entre festas passou nesta cidade,
Onde a primeira vez foi acclamado,
Seguindo para o Rio com brevidade,
Depois da independencia ter firmado.

DXLVI

Assim que elle chegou ao Rio Janeiro, (1)
O povo em festas lá o recebeu;
No braço esquerdo levava um lettreiro,
«*Independencia ou morte*» então se leu.

DXLVII

No mez de Outubro o povo o proclamou (2)
«*Imperador perpetuo do Brasil*;»
No Rio Janeiro a côrte se fundou,
Sem que Portugal a isso fosse hostil.

DXLVIII

Foi o recém-imperador sagrado (3)
Pelo bispo, na Sé do Rio Janeiro;
Sendo este acto christão commemorado
Com a fundação da ordem do Cruzeiro.

DXLIX

Apenas com algumas aggressões,
Foi feita do Brasil a independencia,
Causando o patriotismo turbações
Aos dois povos por essa divergencia.

(1) Partiu de S. Paulo a 10, e chegou ao Rio de Janeiro a 15 de Setembro, levando no braço esquerdo uma divisa, na qual se lia: — *Independencia ou morte*, — que serviu de incitamento a grande numero de patriotas que o imitaram. — (2) Em 21 de Setembro o Senado da Camara publicou por editaes, que D. Pedro seria proclamado no dia 12 de Outubro, dia de seu anniversario natalicio, *Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil*; o que com indescriptivel regosijo e enthusiasmo se realisou. — (3) No dia 1.º de Dezembro, pelo bispo do Rio de Janeiro D. João Caetano da Silva Coutinho, instituindo o novo Imperador para memoria desse acto a *ordem do Cruzeiro*, para galardoar os que prestassem relevantes serviços á nação Brasileira. D. Pedro quiz sair do costume do reis de Portugal, porque a sagração nunca foi usada pelos monarchas lusitanos; apenas o faziam alguns reis de França

DL

A rebellião em trez partes se ateou, (1)
O mais se fez em paz segundo eu li:
Dom João nem forças para cá mandou
Porque havia combinado tudo aqui.

DLI

Conscio que Deus os lusos protegia,
Na conquista de seu Brasil amado;
Se não fosse a coragem e ousadia,
Teria sido em pedaços retalhado.

DLII

Desculpai-me, presado e bom leitor,
Em só narrar a parte colonial;
Deste periodo fiz-me trovador,
P'ra as glorias exaltar a Portugal.

DLIII

Termino aqui a minha narração,
Por já ter a paciencia esgottada;
Das PRIMICIAS darei outra edição
Mais perfeita, se fôr esta apreciada.

(1) Nas provincias do Maranhão, Pará e Cisplatina rebentaram alguns motins, provocados pelas forças brasileiras, que enthusiasmasdas com a independencia, exigiam que as auctoridades portuguezas se demittissem sem que recebessem ordem do poder legal, querendo obrigar-as a embarcar para o reino. A guerra civil da Bahia, que tinha rebentado antes do dia 7 de Setembro, prolongou-se até que alli chegou ordem official para que as auctoridades e forças de mar e terra portuguezas se retirassem para o reino, seguindo essa mesma ordem para todos os pontos do Brasil, á qual todas obedeceram com algumas excepções.

NOTAS DO CANTO VIII

NOTAS DA PAGINA 88

(3) Gonçalo Coelho ao descobrir o Cabo de Santo Agostinho, poz-lhe o nome deste Santo em virtude de ser o dia 28 de Agosto em que a Igreja o commemora. Está situado na costa do actual Estado de Pernambuco.

(4) A cidade de Cananéa está situada n'uma ilha que lhe dá o nome, ao sul do Brasil, pertencente ao actual Estado de S. Paulo. Seu municipio é muito fertil e de bom clima, mas ainda um pouco atrazado devido á falta de vias ferreas que transportem as suas producções (na maior parte arroz), para os grandes centros commerciaes. Tem um excellente porto de mar.

(5) O cabo de S. Thomé está situado na costa do actual Estado do Rio de Janeiro.

(6) A villa de S. Vicente foi a primeira povoação edificada na capitania assim denominada por Martim Affonso de Souza, em 1532, a qual serviu de centro colonial por muitos annos. E' situada numa extremidade da ilha do mesmo nome, a uma legua mais ou menos da cidade de Santos, Estado de S. Paulo, hoje em decadencia, só frequentada por alguns banhistas.

(7) A cidade de Angra dos Reis com um excellente porto de mar muito commercial, está situada a doze leguas do Rio de Janeiro.

(8) A cidade do Rio de Janeiro, hoje Capital Federal, tem um magnifico porto de mar, o mais commercial de todo o Brasil, formado pela formosa bahia do *Guanabara*, a qual é povoada de muitas ilhas que servem de fortalezas para defeza da barra. Foi fundada por Mem de Sá em 1567 com o nome de S. Sebastião do Rio de Janeiro, já com fóros de cidade, a qual serve de capital do Brasil desde 1763 e de séde do governo federal desde 1889. Tem hoje um milhão de habitantes mais ou menos.

(9) A villa de S. Sebastião, situada na grande ilha que lhe dá o nome, é séde de um municipio muito fertil ao norte da cidade de Santos, pertencente ao Estado de S. Paulo.

NOTA DA PAGINA 91

(6) O genovez Christovam Colombo esteve alguns annos ao serviço de Portugal sem que jámais deixasse entrever que de um dia para o outro se arrojará a reclamar o posto de almirante e o commando de uma esquadra.

Vivia na ilha da Madeira, onde casára na familia Perestrello, e a sua casa era o ponto de reunião dos navegadores que iam e vinham de Lisboa. Assim se explica que fundeando no porto do Funchal em 1486 uma caravella avariada, tendo por capitão Afonso Sanches, natural de Cascaes, e tripulada por quatro unicos homens que restavam da sua equipagem, fossem recolhidos á casa de Colombo, onde todos morreram, ao cabo das maiores fadigas e de horriveis soffrimentos através de mares desconhecidos.

Logo que Sanches desembarcou, correu a noticia que elle havia descoberto novas terras, para o occidente, as quaes Colombo julgou serem as Indias Occidentaes de que já ouvira fallar.

Morto o infeliz recém-chegado e seus quatro companheiros restantes do infortunio, Colombo se apoderou dos papeis e guias nauticas do infeliz Sanches, e aquelle que até então se contentava com o commando de qualquer caravella, entrou a exigir o posto de almirante e o commando de uma esquadra, sem contar outras vantagens nas terras que se propunha descobrir.

Portugal recusou a proposta, e o mesmo fizeram a Inglaterra, a França, a Italia e a Hespanha. Colombo pedia muito, e só suas *suspeitas* elle deixava entrever.

Mas ao cabo de oito annos de esforços e continuos rogos, pôde conseguir que a rainha D. Izabel a Catholica, mulher de D. Fernando VII, rei de Aragão, acceitasse a sua proposta, proposta essa que só o conhecimento exacto da existencia de terras ao occidente poderia leval-o a formular, tratando-se de tão arriscada e dispendiosa empresa.

Partiu do porto de Palos, a expensas da referida rainha de Hespanha, com uma frota de tres navios. Durante a viagem teve de vencer innumeradas difficuldades, sendo a maior a revolta da sua tripulação que desanimada pela extensão do caminho e pela incerteza de seu fim, levantou-se contra elle a ponto de o querer precipitar no mar.

Tudo vencendo, certo da realisação de seu objectivo, foi pro-

seguindo a viagem, e a 12 de Outubro do mesmo anno de 1492, Colombo *descobria* a America, certamente descoberta pelo mallogado Affonso Sanches, ferrando o porto de uma ilha a quem deu o nome *São Salvador*, nas Lucayas.

Se na historia universal ha conjecturas pouco verosimeis, certamente esta não se inclue em tal numero. A verdade ha de triumphar; mais um facto, mais um pormenor, mais uma descoberta, tudo se desvenderá. Pouco falta para que sôe a hora da justiça. Vêde, porém, as obras de Antonio Fernandes Pereira, o *Memorial Historico* de João Cardoso da Costa, as notas da traducção portuguez dos *Martyres da sciencia* de Gastão Tissandier e outras, e nelas achareis os dados necessarios para vos convencerdes de quem descobriu a America foi o piloto portuguez Affonso Sanches, e que Colombo nada mais fez do que proseguir na obra d'aquelle.

Dizem tambem outros historiadores que a America foi em tempos muito remotos habitada pelos *Carthaginezes*, por causa da afinidade que havia entre estes e os autochtones americanos.

Referem outros escriptores estrangeiros que os *Scandinavos* estiveram na America do Norte no decimo seculo, o que mais tarde se provou por serem encontrados, principalmente no Mexico, indigenas já adiantados em educação e muitas edificações com aprimorada architectura.

NOTA DA PAGINA 96

(5) A capitania de S. Vicente foi dividida em duas colonias por Martim Affonso, deixando n'ellas como administradores na colonia de S. Vicente a Gonçalo Monteiro, e na de Santo André da Borda do Campo a João Ramalho, os quaes tão bem se houveram no governo das *colonias*, que as fizeram progredir.

ERRATA — Nesta pagina na nota 3 ha um engano: em vez de *rio Piratininga* leia-se *aldeia indigena de Piratininga*, etc., etc.

NOTAS DA PAGINA 99

(3) Pero do Campo Tourinho depois de vender tudo quanto possuia em Portugal, comprou navios e alistou colonos, e munindo-se de instrumentos agricolas e de guerra, veio fundar a povoação de Porto-Seguro, nome este que se tornou extensivo á sua capitania. Graças a seu regimen, soube manter-se em amizade com

os *Tupiniquins*, progredindo muito em quanto viveu; porém, seus successores não a sabendo governar, foi definhando até sua total extinção.

(4) Duarte Coelho Pereira, donatario da capitania de Pernambuco (entre os rios S. Francisco e Iguarassú), veio de Portugal com sua familia, colonos e o mais que era necessario, e fundou a primeira povoação n'um outeiro, á qual deu o nome de *Linda*, por corrupção Olinda, que ainda hoje conserva, situada nos suburbios da cidade do Recife, sendo até agora séde do episcopado. De todos os donatarios foi este o mais feliz, porque sabendo incutir terror aos *Caethés* em porfiadas luctas, fez delles seus uteis e fieis alliados; promovendo mais tarde casamentos de colonos com as indigenas, ganhando com isto grandes sympathias dos selvagens que muito o ajudaram na industria, lavoura e commercio, a ponto de elevar sua capitania ao mais alto grau de prosperidade entre todas as outras.

(5) Ao celebre historiador João de Barros concedeu D. João III, que particularmente o estimava, a capitania do Maranhão (que principiava na bahia da Traição até ao rio da Cruz), não podendo vir tomar conta della por causa do seu emprego e falta de meios pecuniarios, associou-se com Fernão Alvares de Andrade e Ayres da Cunha, sendo este designado para vir fundar as colonias. Embarcou-se com novecentos homens e cento e treze cavallos, sahindo do Tejo em 1535, e após uma penosa viagem, quando já se achava á vista da ilha do Maranhão, naufragou sua poderosa frota. Os que puderam escapar se abrigaram na *ilha do Medo* (uma legua distante de S. Luiz na bahia de S. Marcos), sendo deste numero dois filhos de João de Barros. Dez annos depois Luiz de Mello da Silva tentou colonisar o Maranhão, mas tendo um novo naufragio no mesmo sitio desistiu da sua empresa dando-se por muito feliz em escapar, levando o desanimo aos futuros emprehendedores.

NOTA DA PAGINA 101

(6) A cidade de Santos, situada na margem septentrional da ilha de *Engua-Guacú* ou S. Vicente; foi fundada por Braz Cubas em 1543, com o nome de Porto da Villa de S. Vicente. Seu fundador querendo socorrer os nautas que chegavam doentes ao porto, construiu na sua povoação um hospital, ao qual deu o nome de

Santos, creando ao mesmo tempo uma irmandade de Misericordia para o administrar; este foi o primeiro hospital da Misericordia que se fundou no Brasil. Depois ajudado com esmolas, construiu uma igreja com a invocação de N. S. da Misericordia, contigua ao hospital de Santos, nome este que depressa communicou-se á povoação, começando-se desde então a chamar-se porto de Santos. Braz Cubas foi nomeado capitão-mór da capitania de S. Vicente em 3 de Junho de 1545, e os seus primeiros cuidados foram conceder o fôro de villa ao porto de Santos em fins de 1546.

Thomé de Souza, percorrendo o littoral do Sul em 1552, por lá passou ratificando o acto de Braz Cubas, de ter elevado a villa o porto de Santos. Tomou grande incremento esta villa por ser um dos principaes portos do Brasil, e por ter melhor ancoradouro do que o porto de S. Vicente. Foi elevada á cathegoria de cidade por lei provincial de 1836, quasi trezentos annos depois de sua fundação. Ainda hoje esta cidade é o centro mais commercial do Estado de S. Paulo, por seu porto ser de todos o mais proximo da Capital. Calcula-se ter hoje trinta mil habitantes.

NOTA DA PAGINA 103

(4) O Collegio de S. Paulo, origem desta importante cidade e capital do Estado, foi fundado pelos jesuitas padre Manoel de Paiva, o noviço José Anchieta e outros em 1554, da seguinte fôrma: Chegando Thomé de Souza á Bahia em 1549, para fundar o primeiro governo geral do Brasil, trouxe em sua companhia os primeiros jesuitas que aqui desembarcaram, os quaes tinham por superior o padre Manoel da Nobrega, nomeado depois provincial da nova provincia Brasilica. Mais tarde sabendo Nobrega do incremento que tinha a capitania de S. Vicente, mandou o padre Leonardo Nunes, com outros irmãos, fundar um collegio na villa de S. Vicente, para instruir os portuguezes e seus filhos. Resolvendo sua mudança por conveniencias da companhia, incumbiu ao padre Manoel de Paiva e a José Anchieta (ainda nesse tempo noviço) e outros, (que então tinham chegado á Bahia com o segundo governador geral D. Duarte da Costa em 13 de Julho de 1553,) para virem á capitania de S. Vicente, escolher um logar apropriado para a fundação de outro collegio para transferencia d'aquelle fundado, ficando como reitor do novo collegio o padre Manoel de Paiva. Apenas chegados a S. Vicente aos 24 de Setem-

bro de 1553, resolveram, depois de algumas explorações, subir a serra Paranápiacaba ou Cubatão, vindo dar nos formosos campos de Piratininga, aonde já encontraram além de outras aldeias de selvagens, a aldeia do Piratininga, na qual residia o *Tybiriçá* (*morubixaba da tribu dos Goyanazes*) e a villa de Santo André da Borda do Campo, em que residia o celebre João Ramalho, delegado da colonia de Santo André e tambem chefe de outra tribu de Goyanazes, por ter se casado com uma filha do *Tybiriçá*. Não agradando aos padres estes dois logares principaes nesse tempo, escolheram para edificação do collegio, um logar eminente entre os rios *Tamanduatehy* e o ribeiro *Anhangabahú*; e ahi construíram uma choça de madeira e palha para se abrigarem, e nella se celebrou a primeira missa nestes campos do Piratininga a 25 de Janeiro de 1554, e como nesse dia a egreja commemora a conversão de S. Paulo, ficou o nome deste santo ligado ao casebre, do qual escreveu Anchieta ao Geral da companhia, em 1554, a carta que adiante transcrevo, sendo depois construido proximo áquella, um grande collegio com uma egreja sob a invocação do *Senhor Bom Jesus do Collegio*, na extremidade esquerda e no logar aonde se acha hoje o palacio do governo de S. Paulo, sob a direcção do padre Manoel de Paiva e do noviço José Anchieta, que não só se esforçaram em dar incremento á nova povoação de S. Paulo, como se dedicaram com affinco á catechisação dos selvagens e á instrucção dos portuguezes e seus filhos. Com esta pratica foi crescendo a fama á pequena casa de S. Paulo, aonde foram baptisados grande numero de selvagens, que attrahidos pelos religiosos reuniram suas residencias em volta do casebre, formando uma aldeia de catechumenos. Desta fórma despovoaram-se as antigas aldeias, resultando d'ahi a odiosidade dos moradores da villa de Santo André da Borda Campo, que atacaram a nova povoação de S. Paulo por diversas vezes, mas em todas foram derrotados pelos jesuitas, que entenderam á vista disto pedir a Mem de Sá, então governador geral, que mandasse extinguir a villa de Santo André, o qual attendendo ao seu pedido mandou mudar o pelourinho para defronte do collegio, dando á nova povoação os fóros de villa de S. Paulo em 1560.

O provincial padre Manoel da Nobrega mandou tambem fazer a transferencia do collegio da villa de S. Vicente para o de S. Paulo. Este collegio, que eu ainda alcancei, era feito de grossas paredes de taipa e rijissimas madeiras de canella preta, com dois pavimentos, duas portarias e muitas janellas, etc., tendo no centro um

angulo agudo. Expulsos os jesuitas, foi o edificio incorporado aos bens do Estado, servindo do angulo até á igreja, para palacio da presidencia da Provincia, e do angulo até onde se acha hoje a cascata, para o Fórum e outras repartições publicas, onde eu entrei algumas vezes. Foi demolido o collegio em 1882, para fazer-se o actual palacio do governo de S. Paulo, e a igreja só foi derrubada em 1896, depois de ruir uma das paredes lateraes, feitas de taipa, tendo algumas dellas mais de um metro de espessura. Foram encontrados dentro della muitos epithaphios sobre as sepulturas dos primeiros fundadores desta cidade. A torre era feita de pedra, na qual tinha o maior sino que havia na cidade, dobrava ao recolher ás nove e dez horas da noite.

A villa de S. Paulo foi elevada á cathogoria de cidade em 1710, servindo de capital de capitania, provincia e agora do Estado, desde 1683. E' séde episcopal desde 1823, obtendo neste anno o titulo de imperial cidade, que perdeu com a proclamação da republica a 15 de Novembro de 1889. Calcula-se ter hoje duzentos mil habitantes mais ou menos.

NOTAS DA PAGINA 104

(1) Trecho de uma carta que o padre José de Anchieta escreveu do sertão de São Paulo, no anno de 1554, ao padre Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, e seu Geral, em Roma.

« E aqui estamos ás vezes mais de vinte dos nossos n'uma barraquinha de caniço e barro, coberta de palha, quatorze pés de comprimento e dez de largura. E' isto a escola, é a enfermaria, o dormitorio, o refeitório, a cosinha e dispensa. Não invejamos porém as mais espaçosas mansões que nossos irmãos habitam em outras partes, que Nosso Senhor Jesus-Christo ainda em mais apertado lugar se viu, quando foi do seu agrado nascer entre brutos n'uma manjedoura, e muito mais apertado então quando se dignou morrer por nós na cruz. Sirvo de medico e barbeiro, medicando e sangrando os indios, e alguns se restabeleceram com meus cuidados, quando já não se contava com suas vidas, tendo outros morrido da mesma enfermidade. Alem destes empregos apprendi outra profissão que a necessidade me ensinou, isto é, a de fazer alpercatas: sou agora bom obreiro neste officio, e

muitas tenho feito para nossos irmãos, pois com sapatos de couro não se pode viajar nestes desertos.»

O padre José de Anchieta nasceu na cidade de Laguna (Canárias), a 19 de Março de 1534. Estudou na universidade de Coimbra, de onde entrou para a Companhia de Jesus em 1.º de Maio de 1551; e chegando ao Brasil a 8 de Maio de 1553, tomou ordens de missa em 1565 na Sé da Bahia, das mãos do bispo D. Pedro Leitão, depois de 12 annos de permanencia no Brasil. Ajudou a edificar alguns collegios, dos quaes foi reitor e superior, e por ser muito delicado ás missões e á Companhia de Jesus, foi elevado a provincial do Brasil em 1575, de cujo cargo pediu demissão devido à sua avançada idade e estado de fraqueza. Morreu com 63 annos na aldeia *Reritigbá* (hoje cidade de Anchieta) aos 9 de Junho de 1597, sendo sepultado na igreja do collegio do Espirito Santo, onde esteve seu cadaver até 1611, sendo neste anno transportados seus restos mortaes para a Bahia, e mais tarde para Roma, onde existe.

Os seus trabalhos das missões no Brasil, offerecem um dos mais bellos quadros da nossa historia.

NOTA DA PAGINA 105

(3) D. Duarte da Costa, por cartas, devassas e libellos, tambem accusou o bispo de espancamentos, penitencias e excommuniões que impunha a seus desaffeiçoados, excedendo-se por tal modo no cumprimento de seus deveres e nas represalias a seus desaffeiçoados, que El-Rei viu-se na necessidade de mandal-o chamar a Lisboa, afim de se justificar, o que não chegou a realisar-se por elle ter sido no caminho devorado pelos anthropophagos *Caethés*, que dominavam o littoral das immediações do rio de S. Francisco.

NOTAS DA PAGINA 110

(2) Villegaignon abjurára a religião catholica em que nascera, abraçando a protestante para ganhar a protecção de Coligny, chefe da seita protestante, e poderoso ministro de Henrique II, rei de França. Porém, quando soube que aquelle fôra substituido pelo cardeal Lorena, incontinente apostatou o protestantismo pas-

sando-se outra vez para a religião catholica para lisongear o cardeal. Mas quando ainda estava no maior fervor da crença protestante, escreveu a Coligny para lhe mandar alguns pastores protestantes. Satisfazendo este seu pedido, lh'os mandou acompanhados de muitos crentes, e quando chegaram ao Rio de Janeiro já Villegaignon se tinha feito apostata; por isso, querendo dar provas da sinceridade de sua conversão, recebeu mal os recémchegados, aos quaes tão máo tratamento lhes deu, que se viram obrigados a deixarem a ilha e irem implorar dos selvagens hospitalidade; alguns desses desgraçados morreram, e os sobreviventes puderam embarcar-se n'um velho navio francez por nome *Jacques*. Villegaignon não quiz oppor-se á sua partida, mas concebeu o partido de vingar-se delles com um plano proprio de uma alma perversa.

Quando o *Jacques* ia dar á vella, entregou ao seu capitão Martinho Balduino, um cofre que continha um processo calumnioso e uma precatória, culpando seus antigos irmãos sectarios, de reus de atrozes crimes, e por isso pedia ás auctoridades a quem aquelle fosse apresentado, que os fizesse enforcar, incumbindo o capitão de entregar aquelle cofre ás auctoridades do primeiro porto francez a que aportasse.

Quiz Deus que *Jacques* aportasse em Blauet porto da Bretanha, que então estava em poder dos protestantes. Balduino cumpriu as ordens de Villegaignon, entregando ás auctoridades desse porto o tal cofre, mas estas não só receberam seus irmãos e patricios com affeição, como accusaram Villegaignon ás auctoridades de França das ignominias, que praticára aos seus antigos irmãos sectarios e patricios dos maus tractos que receberam e da morte de seus companheiros, impellidos por elle para logares bravios e desconhecidos.

Eis a razão porque Villegaignon foi alcunhado com o feio nome de CAÍM D'AMERICA.

(4) As cidades de Pernambuco, Bahia e Santos foram atacadas por quatro esquadras corsarias inglezas. A 1.^a commandada por Eduardo Flenton atacou as villas de Santos e S. Vicente em 1582, mas achando-se lá o almirante Flores, as defendeu com tanto denodo que perdeu nesse combate um navio, sem que podesse impedir que os piratas sahisses impunemente.

A 2.^a commandada pelo capitão Roberto Wethrington atacou a Bahia em 1586, querendo roubar e devastar o *reconcavo*, mas

investindo com energia o jesuita Christovão Gouvêa, á frente de muitos selvagens mansos e portuguezes, pôde impedir o desembarque dos piratas.

A 3.^a commandada pelo famoso corsario Thomaz Cavendish, que deixou a Inglaterra em 1591, chegando a Santos, encontrou todos os moradores a ouvir missa, fez cercar a egreja e os intimou a lhe entregarem a villa sob pena de morte. Os Santistas achando-se inermes, a tuço annuiram pedindo apenas tempo para se apromptarem. Sendo-lhes concedido retiraram-se de noite carregando o que melhor possuíam; depois de oito dias de saque convenceram-se os piratas que nada alli havia que os entretesse por mais tempo, por isso resolveram partir. Alguns mezes depois foram obrigados a voltar ao mesmo lugar devido a um grande temporal, e pelo vezo effectuaram outro desembarque de vinte e cinco homens com o fim de roubar o que encontrassem, mas sendo antes avisados os santistas, estes os esperaram n'um lugar desabrigado e os mataram a todos (com excepção de dois) levando as cabeças dos corsarios nas pontas das zagaias e chuços, em triumpho para a villa. Pagaram desta vez bem caro o que antes fizeram.

Sabendo disto Cavendish retirou-se para o Espirito Santo, aonde foi recebido sob um mortifero fogo sustentado pelos moradores, no qual perdeu quasi toda a sua gente. Desanimado quando se retirava morreu tambem.

A 4.^a commandada pelo corsario Jayme de Lencastro, ao mando de uma companhia de armadores, sahiu de Londres, em 1595. Foi esta a mais perigosa esquadra corsaria que veio ao Brasil, porque indo-se ajuntar a uma outra esquadra de João Verner, nas aguas de Cabo Verde, navegaram ambos em direcção ao Recife e lá entrando o saquearam; mas bem caro lhes custou essa empreza, por que perderam muita gente nos constantes ataques de guerrilhas, a que foram forçados os pernambucanos, por causa do extremo estado de fraqueza em que sempre se achavam. Os piratas, desanimados com a astucia dos portuguezes, apressaram-se em deixar o Brasil, pois bastante damno lhes causaram, mas não sem perda de muita gente; os malditos trocavam mercadorias e dinheiro, por vidas e sangue.

Desta vez não só ficou prisioneiro o vice-almirante Barker, immediato da armada corsaria, como mais dois capitães, muitos mortos e feridos.

Lencastro apesar de ser educado entre os portuguezes, guardava-lhes occulto odio, a ponto de acceitar o commando de corsarios, para os assaltar e roubar em suas colonias do Brasil.

NOTAS DA PAGINA 167

(3) O conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, não descansava emquanto não levasse ao fim seu intento, pelo qual muito se esforçava. Em Portugal elle o tinha seguro, mas no Vaticano só a pezo de muito ouro, brilhantes e outras pedras preciosas o poderia alcançar. A côrte portugueza muito concorreu com essas riquezas para arranjar alguns privilegios que dependiam do papa, principalmente nos reinados de D. João V, para obter o patriarchado em Lisbôa, e no de D. José para alcançar a total extincção dos jesuitas. Pombal em Lisbôa e seu primo Francisco de Almada em Roma, como ministro plenipotenciario do governo portuguez junto ao papa, tudo fizeram ainda que com muitos sacrificios e dinheiro, mas venceram.

O breve de Benedicto XIV algumas esperanças lhes deu, porque já tirava á Companhia muitas regalias, prohibindo-lhe o commerciar de qualquer fórma, e o intervir nos negocios publicos ou profanos, ainda mesmo que seus membros fossem para esse fim convidados. Foi o cardeal Saldanha incumbido pelo papa, de syndicar e reformar os jesuitas, publicando um mandamento, no qual fez sciente á Companhia de Jesus, que seus fins e seu instituto, não eram o commercio em diversas escalas e fórmas, e nem a politica de que tanto usavam como arma para atacar altas dignidades dos paizes em que se achavam, mas sim o seu fundador a tinha creado para amar a Deus e instruir os povos; portanto, em vista da resolução de S. Santidade, lhes prohibia d'ora em diante esses abusos, por não estarem de accordo com o character de sacerdotes que ensinam a religião de Christo, a pratica do bem e os bons costumes, tão necessarios para as salvação das almas.

Em seguida á publicação deste mandamento, o cardeal patriarcha da Sé de Lisbôa D. José Manoel, por influencia do cardeal Saldanha, publicou tambem um mandamento supprimindo aos jesuitas a faculdade de poderem prégar e confessar em sua diocese, influindo muito em todas as outras dioceses de Portugal e seus domin'os para que o mesmo fizessem, o que se realizou,

Em face disto, os jesuitas que não eram facéis de dominar, continuaram na sua tarefa, pouco se importando com asprohibições. Vendo isto o marquez de Pombal instaurou lhes um processo juntando toda a correspondencia que lhes dizia respeito, dos governadores dos dominios portuguezes, do estrangeiro, e todos os documentos, transgressões, abusos e attentados comparativos de que commetteram, mandando-o á Santa Sé, o qual provocou os despachos e o breve *Dilectum filii* de 2 de Agosto de 1759, do papa Clemente XIII, dirigidos a D. José I, pedindo-lhe clemencia e commiseração para os jesuitas, e evitasse a sua extincção, limitando-se em mandar proseguir nas visitas e reformas decretadas pelo papa Benedicto XIV.

Não agradaram estes despachos ao marquez de Pombal que tomou a resolução de os inutilisar. Sabendo disto o nuncio da Santa Sé em Lisbôa, foi entrevistar a Pombal cinco vezes, para ver se o convencia a annuir aos despachos e breve do papa, mas aquelle na ultima vez virou-lhe as costas intencionalmente (tal era o rancôr que lhes tinha), resultando desta offensa e teimosia de Pombal o estremecimento das relações diplomaticas da côrte de Lisbôa com a Santa Sé, as quaes mais tarde se romperam, parecendo que elle assim o desejava, porque isso demonstrou a seu primo Francisco de Almada nas cartas que lhe escrevia, por causa das decisões do papa Clemente XIII, contrarias ao seu intento, as quaes lhe deram o ensejo de promulgar o decreto de 3 de Setembro de 1759, no qual declarava: « que os jesuitas se tinham querido levantar no Estado do Brasil, promovendo no reino discordias e sedições, que ouvidos muitos homens doutos, haviam reconhecido positivamente que os jesuitas se afastaram da letra e do espirito do seu instituto, que em vez de serem um elemento de moralidade e religião, pelo contrario desmoralisavam, corrompiam e aviltavam o espirito do paiz, promovendo revoltas; conspiravam contra a integridade de territorios e altas dignidades do reino; por isso ordenava que os jesuitas fossem desnaturalizados e proscriptos, não podendo sob pena de morte voltar ao reino, castigando tambem com pena de morte e confisco de todos os bens, áquelles que lhes dessem asylo, e com elles conservassem correspondencia, ainda mesmo que os culpados tivessem pertencido á Companhia de Jesus. Ordenou mais ao cardeal reformador no reino e a outros prelados, que emquanto se não chegasse a um accordo

com o papa ácerca do destino que haviam de ter esses bens, os mandassem guardar por feis depositarios, destinando-os para fins religiosos ou pios ; as casas e os templos da Companhia de Jesus».

Depois da promulgação deste decreto fez prender os jesuitas, mandando-os para a quinta do Azeitão onde ajuntou 133 detentos, até que na noite de 16 para 17 de Setembro os banii, mandando-os embarcar a bordo do brigue de *S. Nicolau* que seguiu para *Civita Vecchia*, escoltado por uma nau armada com setenta peças de artilheria até Gibraltar, chegando após de tormentosa viagem ao seu destino em 24 de Outubro do mesmo anno.

Pouco tempo depois fez embarcar o resto dos jesuitas, presos em Portugal a bordo do brigue *S. Boaventura* e conduzidos a Genova ; elles, porém, pediram no caminho ao capitão do brigue, que os levasse para *Civita Vecchia*.

A todos os governadores dos dominios portuguezes escreveu El-Rei D. José I, para que tornassem effectivo o seu decreto, do qual lhes mandava cópia, para que expulsassem dos seus Estados todos os jesuitas. Em vista deste decreto o cardeal patriarcha da Sé de Lisboa, D. Francisco Saldanha, publicou um mandamento pelo qual ordenava a todos os religiosos e seculares submettidos á sua evangelica auctoridade, que não tivessem communicação de especie alguma, nem verbal nem escripta, com os ditos jesuitas, afim de não perturbarem o socego publico e religioso sob as mais severas penas, imitando-o todas as dioceses de Portugal e seus dominios.

(4) *Resumo do Breve de Clemente XIV para a extincção da Companhia de Jesus* — A Sociedade de Jesus, fundada pelo padre Ignacio de Loyola, foi approvada pelo pontifice Paulo III por bulla de 26 de Setembro de 1540, que a auctorisou a regular a existencia de seu regimen só com sessenta religiosos ; mais tarde o mesmo papa Paulo III, por bulla de 28 de Fevereiro de 1543, declarou illimitado o numero de seus membros, se isso parecesse util á Sociedade. Ainda outra bulla do mesmo papa, de 15 de Novembro de 1549, concedeu-lhe extensos e numerosos privilegios, bem como o retrahir seus bens e fortunas a toda a acção e jurisdicção da auctoridade ordinaria, e o mesmo papa os tomou sob sua protecção e da Santa Sé Apostolica.

— Mais tarde foram estes privilegios reforçados e augmentados pelos papas Julio III, Paulo IV, Gregorio XIII, Sixto V, Gre-

gorio XIV, Clemente VIII e outros. Em vista de tantos privilegios e tanta protecção, não tardaram os jesuitas a abusar de quem os acolhia, manifestando-se em seu seio discordias e invejas, que não só prejudicavam os seus proprios membros como tambem as ordens religiosas e o clero secular; induzindo-os seus superiores a conspirarem-se contra os reis e seus governos, academias, universidades, collegios, escholas publicas, etc., etc.

Nasciam essas dissensões ora do character dos votos aos noviços, ora por discordias a respeito do poder absoluto do Geral, concernentes ao regimen da Sociedade, finalmente não houve accusações por mais graves que fossem, que não se formulassem á referida Sociedade.

— Contra taes desmandos e tantos privilegios reclamaram diversos monarchas, e entre elles Felipe II, rei de Hespanha e Portugal, que representou a Sixto V contra os privilegios e excessos da Sociedade e a forma absoluta de seu regimen, solicitando deste pontifice uma visita apostolica para syndicar dos factos. A zelosa petição de Felipe II foi pelo papa acolhida com equidade, nomeando como syndico apostolico um bispo de grandes virtudes e talento, e alem d'elle decretou uma congregação de cardeaes para a vigilancia e syndicancia das imputações.

— Gregorio XIV, apesar de ampliar mais aquelles privilegios e suas formas, não tomando em consideração a decisão de seu antecessor, impôz profundo silencio, ameaçan lo de excommunhão a quem ousasse atacar a Sociedade; todavia, deixou a cada um o direito de peticionar a elle sómente e a seus successores, por intermedio dos nuncios da Santa Sé, tudo o que julgassem dever ser alterado ou supprimido. Todas estas precauções não poderam, porém, abafar as queixas contra a Sociedade; ao contrario, ellas recrudesceram em quasi todos os paizes, denunciando a referida Sociedade de Jesus como contraria á fê orthodoxa e aos bons costumes, bem como ainda a arguiram de buscar com excessivo ardor os bens da terra em nome de Jesus.

— Taes foram essas accusações, proferidas por diferentes monarchas, que a Santa Sé sentiu profunda dôr; os jesuitas, desorientados com tantas accusações, pediram ao papa nova confirmação de seus privilegios, e a graça de serem sanccionados, o que Paulo V fez em alguns seus decretos publicados na 5.^a congregação geral, e inseridos na sua bulla de 4 de Setembro de 1606;

dizendo que « a Sociedade de Jesus, que foi inspirada por Deus, para a propagação da fé e salvação das almas, pôde pelos seus naturaes effeitos de suas instituições, que são as armas espirituaes, attingir felizmente sob o estandarte da Cruz, o fim a que se propôz, com utilidade para a Igreja e reconstrução do proximo; mas por outro lado destruiria essas vantagens e expor-se-ia aos maiores perigos se ella se ingerisse em negocios mundanos, ou assumptos que respeitam á politica e governo dos Estados». Dizia Clemente XIV: «EIS PORQUE NOSSOS ANTECESSORES PRES-CREVERAM QUE, SERVINDO A DEUS, NÃO NOS INTROMETESSEMOS EM NEGOCIOS DIFFERENTES Á NOSSA PROFISSÃO». Prohibindo desta fórma, sob as mais rigorosas penas, a ingerencia da Sociedade em negocios publicos, que não sejam os da sua profissão, pediu aos padres definidores que fixassem o meio de remediar os abusos e punir os que fossem culpados, se os houvesse.

— Os papas Urbano VIII, Clemente IX, X, XI e XII, Alexandre VII e VIII, Innocencio X, XI, XII e XIII, em vão se esforçaram para restituir á Igreja a desejada tranquillidade, alterada por esses desnaturados padres, prohibindo-lhes occuparem as Missões, por causa das graves desintelligencias que suscitaram (não sem grande escandalo), contra as auctoridades locais, contra outras ordens religiosas e contra os altos poderes politicos na Europa, Asia e America, com interpretação e pratica de certas cerimoniaes pagãs, omittindo as que são approvadas pela Igreja universal, dando isto motivo a que o papa Innocencio XI vedasse o habito aos noviços, e Benedicto XIV expedisse o breve de que já fallei na pagina 167, nota 2.

— Após muitos clamores publicos contra a Companhia de Jesus, os reis de Portugal, Hespanha, França e das duas Sicilias, viram-se na necessidade de expulsar de seus Estados todos os jesuítas, convencidos de que este meio era o unico remedio para tantos males, e para tornarem mais patente suas resoluções, supplicaram a intervenção de Clemente XIII, pedindo-lhes que sua auctoridade fosse auxiliada pela Santa Sé, isto é, illiminasse tambem a Sociedade de Jesus, se queria o bem geral dos povos e ver a paz e união entre sociedade christã da Igreja.

— Sendo o assumpto tão importante, Clemente XIV, ao sentar-se na cadeira de S. Pedro, procedeu a todas as pesquisas e exames para julgar tão importante causa; e chegou á conclusão de

que o Concilio de Trento, segundo diziam, tinha approvedo solemnemente esta ordem religiosa, mas viu com espanto que sómente a ella fez pequenas allusões emquanto ao noviciado (*Sec. 25^a Cap. XIV, de Regular*).

— Assim, pois, convencido de que jamais poderia a Companhia de Jesus, trazer abundantes fructos e as vantagens que esperára o seu creador, e para que a paz e a ordem fossem restabelecidas aos povos e á Egreja, julgou por estes termos a causa e proferiu a seguinte sentença: « Nós, na plenitude de nossos poderes apostolicos SUPPRIMIMOS E ABOLIMOS PERPETUAMENTE A SOCIEDADE DE JESUS; — e dissolvemos todos os cargos, administrações, casas, escholas, collegios, recolhimentos, hospicios, etc.; e annullamos todos os privilegios, juramentos, estatutos, regulamentos, praxes, etc., e o decreto de approvação da Santa Sé.

— Mandamos que todos os estabelecimentos e collegios sejam no prazo de seis mezes evacuados, despedido todo o pessoal, permittindo que esse pessoal ora desligado da ordem que abolimos, ainda não iniciado nas ordens sacras, que cada qual abrace o estado de sua vocação á medida de suas forças, dentro do prazo nunca maior de um anno da da da do presente breve; aos padres no uso de suas ordens sacras permittimos que entren para outra ordem religiosa approveda pela Santa Sé, ou como seculares sujeitos á auctoridade e jurisdicção das dioceses do logar em que exercerem sua profissão; os seculares em estado edoso ou enfermo que achem difficuldade de obterem azylo podem residir nos collegios para esse fim reservados sem exercerem administracões, e só usarem vestes seculares. Mas prohibimos-lhe formalmente o alienarem os bens e usarem do nome da Sociedade de Jesus sob pena de excommunhão. Será nomeado um secular para vigiar, administrar e manter as clausulas deste decreto, nos referidos asylos dos invalidos da ordem que ora extinguiamos.

— Outrosim declaramos, que alcança esta abolição todos os membros já expulsos em qualquer paiz, e mandamos que esses jesuitas banidos, não tenham outro estado senão de padres seculares sujeitos ás auctoridades diocesanas, que reconhecerão se lhe devem dar ou não ordem para prégár e confessar a seu arbitrio, sem o que não o poderão fazer sem estarem munidos dessa ordem por escripto, para exercerem essas funcções.

Entretanto os bispos não concederão jamais estas faculdades,

aos estrangeiros, que tiverem pertencido a esta ordem, a esses desde já nós lhe prohibimos de prégar e confessar na mesma fôrma em que Gregorio X prohibiu no Concilio de Lyon. Alem de tudo pedimos a todos em geral a santa obediencia a este breve principalmente aos que delle se interessam, respeitarem-no mansamente de commum accordo com as resoluções da Santa Sé e do Concilio de Trento. Prohibimos ao mesmo tempo que este breve seja levado aos tribunaes; e que contra elle se promova qualquer acção, discussão ou reducção pelas vias do direito civil ou por qualquer outro meio; queremos, pois, que elle seja válido, immutavel e efficaz em pleno effeito. Pedimos mais a todas as auctoridades ecclesiasticas e civis em geral para que não tirem o vigor, cumprimento e faculdade ao presente breve, considerando desde já nullo todo o julgamento que sobre elle haja, seja de que auctoridade fôr. «ASSIM O ORDENAMOS E ASSIM O QUEREMOS». — Dado em Roma em Santa *Maria Maior sob o anel do Pescador, aos 21 de Julho de 1773 — *A. Cardeal Negroni*

NOTA DA PAGINA 176

(4) O vice rei Luiz de Vasconcellos, perguntou ao visconde de Barbacena o que sabia da plenejada conspiração, e este ficou aterrorisado com tal pergunta, por causa do receio que tinha que fosse censurado pelo silencio que guardava ácerca da denuncia do coronel Silverio, sem que desse até ahí andamento ao processo dos culpados da inconfidencia; por causa disso despachou um proprio para a Bahia, com ordem de entregar ao commandante da frota que por lá havia de passar, os officios com a participação antedacta da denuncia, para a levar a D. Maria I. Cumprida esta formalidade, tratou de dar arrhas a seu zêlo e lealdade, mandando incontinentemente prender a quantos lhes foram inligitados como reus ou cumplices, assim como tambem deu apertados ordens para que se dessem minuciosas buscas nas casas dos compromettidos na conspiração e apprehendessem todos os documentos, livros, e mai os objectos que pertencessem áquella que podessem comprometter os reus e seus cumplices, o que tudo se cumpriu a risca, mandando todas as apprehensões para um deposito, e as victimas da inconfidencia, que eram as pessoas mais notaveis de Villa Rica, para lobregas prisões, instaurando-lhes immediata-

mente o processo, com exaggeradas formalidades, para mostrar seu zêlo e fidelidade á Rainha.

NOTA DA PAGINA 178

(1) *Sentença de Tiradentes* — « Portanto condemnamos o reu Joaquim Jose Xavier, por alcunha o *Tiradentes*, alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas, a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca e n'ella morra morte para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Villa Rica, aonde em o logar mais publico d'ella será pregada em um poste alto até que o tempo a consuma : o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes pelo caminho de Minas, no sitio da Varginha e das Cebolas, aonde o reu teve as suas infames praticas, e os mais nos sitios de maiores povoações, até que o tempo tambem os consuma. Declaram ao reu infame, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens applicam para o fisco da camara real, e a casa em que vivia em Villa Rica será arrazada e salgada, para que nunca mais no chão se edifique, e, não sendo propria, será avaliada e paga ao seu dono pelos bens confiscados e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memoria da infamia d'este abominavel reu. »

Xavier, reu confesso da inconfidencia mineira, nasceu em Pombal, comarca de S. João de El-Rei, (Minas Geraes), no anno de 1748. Foi alcunhado de *Tiradentes*, em razão de prestar-se ao mister de dentista; mas parece que tambem tinha gosto pela medicina, pois consta que curára de molestia grave a filha de D. Ignacia Gertrudes, no Rio de Janeiro, a qual querendo testemunhar-lhe sua gratidão alcançou de Domingos Fernandes da Cruz que o occultasse em sua casa, sita na antiga rua das Latoeiros, hoje Gonçalves Dias.

Foi no sotão dessa casa que o prenderam no dia 10 de Maio de 1789, sendo dahi conduzido para um dos segredos da cadeia da Relação. Morreu enforcado de conformidade com a sentença acima escripta, no sabbado 21 de Abril de 1792, no campo de S. Domingos (Rio de Janeiro), com a idade de 44 annos.

NOTA DA PAGINA 200

(3) Desde que D. João VI mudou a côrte para o Rio de Janeiro, viu-se que uma nova aurora não tardava a despontar aqui, pois se Portugal se podia governar do Brasil, melhor este se poderia governar a si proprio. Assim pois os brasileiros para abreviarem a sua emancipação politica foram-se aproveitando habilmente dos beneficios regios, e das medidas liberaes do principe regente; que mais tarde sendo já rei aconselhou a seu proprio filho D. Pedro, a proclamar a independencia de sua nova patria; e então depois de se darem os factos que atraz relato chegou o anno de 1822, no qual o principe D. Pedro resolveu vir a S. Paulo para acalmar os animos exaltados por causa dos movimentos de 23 de Maio e 19 de Junho. Animado pelo bom successo que teve em Minas Geraes por egual motivo, em Abril, do mesmo anno, partiu para S. Paulo a 14 de Agosto, trazendo consigo como secretario Luiz Saldanha da Gama (depois marquez de Taubatê), sua guarda de honra e dois famulos de sua casa; á sua chegada a esta cidade foi acolhido pelos seus habitantes no meio de pomposos festejos e ovações, lhe formando alas desde a Penha. A sua estada em S. Paulo foi assignalada com varios actos administrativos, e além destes, para melhor restabelecer a ordem e a paz, mandou D. Pedro chamar as milicias desta capital, Ytú e Sorocaba, ás quaes patenteou-lhes sua admiração pelo patriotismo que haviam demonstrado na occasião dos levantes de 23 de Maio e 19 de Junho, assegurando-lhe que n'ellas tinha plena confiança.

Restabelecida a ordem e satisfeito pelo bom acolhimento que lhe dispensaram os paulistas, dirigiu-se a 5 de Setembro á praça de Santos, onde chegou no mesmo dia, regressando de lá na madrugada do dia 7, e ao chegar ao alto da collina do Ypiranga, começo da descida para o riacho que lhe dá o nome, ás 4 horas da tarde, apeou-se para descançar e dar allivio ao incommodo gastrico que o affligia, mudar de trajo para entrar na cidade e talvez de montaria, mandando a sua guarda de honra descançar tambem em lugar mais apropriado; adiantando-se esta, desceu a ladeira e quando se approximou de uma casa perto do riacho do Ypiranga, desmontou alli á espera de D. Pedro, que tinha ficado no alto da collina acompanhado dos seguintes cavalheiros de seu sequito:

Joaquim Maria da Gama Freitas Berquó, João Carlota, João de Carvalho Raposo, Francisco Gomes da Silva, João Maria da Gama Freitas Berquó (seu guarda-roupa), depois marquez de Cantagallo; o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão e o padre Melchior Pigneiro e outros. D. Pedro quando estava nos preparos de sua compostura vê, vir correndo dois cavalleiros, que para junto de si se dirigiam, e lhe entregaram uns officios que consistiam em quatro decretos das côrtes de Lisbôa, que lhe ordenavam terminantemente o seu regresso a Portugal, para depois ir viajar pela Europa a aperfeiçoar a sua educação, revogando-lhe tambem todas as suas resoluções e decretos que tinha sancionado em favor do Brasil.

Apenas leu os decretos, um officio de José Bonifacio de Andrada e Silva, (provavelmente aconselhando-o a quebrar o ultimo elo da cadeia que ainda ligava o Brasil a Portugal), e uma carta da serenissima princeza D. Leopoldina (talvez no mesmo sentido), influido pelas sympathias dos brasileiros, pelos seus ministros e pelo seu amor proprio, lembrou-se dos conselhos de seu augusto pai, e após dois minutos de meditação impetuosa, olhou para os seus companheiros e então expande sua physionomia, accendeu o brilho de seus olhos e arrancando pela espada bradou: « INDEPENDENCIA OU MORTE!... ».

Descendo em seguida com os companheiros que o cercavam, á distancia que mediava entre o logar, que deu o primeiro grito, e o logar em que o esperava sua guarda de honra, sempre de espada erguida e physionomia agitada, aproximava-se daquella quando o sentinella Miguel de Godoy Moreira e Costa, gritou: *alerta camaradas!*... Sua alteza estacando o animal que cavalgava, chamou o commandante coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, e disse em vóz clara e sonante: « *Meus senhores as côrtes de Portugal querem escravisar o Brazil! por isso cumpre declarar-lhe desde já sua independencia* » e em seguida tirando seu chapéu armado accrescentou: « *Laços fóra!* », referindo-se a um laço de fita azul e branco que cada soldado da sua guarda de honra trazia no braço esquerdo, os quaes ouvindo tal ordem os arrancaram, jogando-os ao chão, pizando talvez com as patas dos cavallos os emblemas da patria de sua alteza, a qual ainda governou como regente em nome de sua filha a rainha D. Maria II, por mais de um anno, com o titulo de D. Pedro IV, sob as

mesmas côres, que aqui foram pisadas a patas de cavallo; e continuando disse: «*de hoje em diante traremos um laço verde e amarello, e estas ficarão sendo as côres brasileiras*», e elevando a espada horisontalmente gritou com todas as forças de seus pulmões: «*Independencia ou morte!*» Grito este que echoando de uma a outra extremidade do Brasil, lhe assegurou para sempre a sua independencia.

Assim, pois, todos os que rodeavam a D. Pedro, ficaram tão entusiasmados que empunhando as espadas reproduziram com gestos marciaes as magicas palavras do auctor da independencia e fundador do Imperio do Brasil. Chegou a esta cidade, acompanhado de uma massa enorme de povo, além do seu sequito attrahido pela solemnidade e valor do facto, levou D. Pedro em triumpho sob as mais vivas impressões de alegria impossiveis de descrever, reproduzindo a immorredoura phrase em unissonas vozes acompanhada de vivas a sua alteza, até ao theatro, aonde pela primeira vez foi aclamado soberano do novo Imperio, que nesse dia inaugurava. Partiu desta cidade a ro de Setembro chegou ao Rio de Janeiro a 15 onde foi recebido no meio de delirantes acclamações pelo valor do acto que acabava de praticar. Eis o resumido facto historico da independencia do Brasil, dado nesta cidade de S. Paulo aos 7 de Setembro de 1822.







POEMETO

RECITADO A BORDO DO EXCELENTE VASO DE GUERRA
ADAMASTOR, EM SANTOS, NA OCCASIÃO EM QUE A COM-
MISSÃO DE FESTEJOS DE S. PAULO SE DESPEDIA DO EXMO.
SNR. CONSELHEIRO FERREIRA DO AMARAL E MAIS OFFI-
CIAES DA REAL MARINHA PORTUGUEZA.

I

As prodigiosas quinas portuguezas,
Em longinquas paragens desfraldadas,
Foram symbolos de ásperas empezas,
Das lusitanas gentes afamadas.

II

Foram heroicos esses lusitanos
No tempo em que recursos não havia;
Sua audacia os fez ir p'los oceanos,
Sò confiados em Deus que os protegia.

III

Pela patria os perigos affrontavam,
Sem receio ao furioso vendaval;
Em frageis caravellas navegavam,
P'ra adquirirem a fama a Portugal.

IV

E assim sulcavam mares furiosos,
Desenvolvendo forças sobrehumanas,
E ao chegarem a portos perigosos,
Os signalavam co' armas lusitanas.

V

Descobrimentos celebres fizeram,
Atravéz dos oceanos ignorados;
Desconhecidas terras obtiveram,
Em logares remotos e isolados.

VI

Quando as borrascas delles se acercavam,
Dirigiam-se de joelhos a Maria:
Mas ás vezes as vagas se encap'lavam,
E o monstro a sepultura lhes abria.

VII

Apezar desses riscos não cederam,
E em sua ardua tarefa continuando,
Muitos logares bravos percorreram,
O progresso aos selvagens ensinando.

VIII

Grande parte da historia portugueza,
— A mais heroica entre as demais historias, —
A esses marujos deve sua grandeza,
Em razão das esplendidas victorias.

IX

Eram p'los povos cultos admiradas
As grandes descobertas que faziam,
E infelizmente foram invejadas
Pelos que o encapelado mar temiam.

X

Bravo! aos portuguezes desse tempo,
Assaz lembrados pela nossa historia;
Descobrir terras era o seu intento,
Hoje são os padrões de nossa gloria.

XI

O povo vos saudou, dragões do mar;
Perdoai-me o acanhamento e singeleza,
Deixai, pois, que eu tambem venha saudar
A nobre e leal marinha portugueza.

XII

Vós sois collega de Vasco da Gama,
E tambem de Pedro Alvares Cabral,
E ainda de outros que deram tanta fama
A' nossa amada patria — Portugal.

XIII

Dou-vos o adeus saudoso, marinheiros,
Que esquipaes o guerreiro *Adamastor* ;
Acreditai que vós sois os primeiros
Acolhidos aqui com tanto amor.

XIV

Daqui vos saúdo, patria adorada,
Que não sáis do meu pobre pensamento ;
Vivam ! os officiaes da nossa armada,
Aos quaes meus cumprimentos apresento.

XV

Viva Dom Carlos, rei de Portugal !
E os patriotas da grande commissão !
Viva o inclyto Ferreira do Amaral !
E todas as pessoas que aqui estão !

Santos, 9 de Dezembro de 1898.



ERRATAS

Na pagina 63 nota 3, onde se lê: *Cabo das tormentosa*; leia-se — *Cabo das Tormentas*.

Pagina 133 nota 2, onde se lê: *moior grande*; leia-se — *grande estima no logar*.

Pagina 142 nota 4, onde se lê: *15 de Março de 1635*; leia-se — *de 1685*.

Pagina 167 nota 2, onde se lê: *Joãeiro*; leia-se — *Janeiro*.

Da pagina 209 á 223, onde se lê: *Notas ao Canto VIII*; leia-se — *Notas do Canto VIII*.

TERMINOU

*a impressão deste livro no dia 16 de Abril
de 1900.*

N.B.— Se o leitor encontrar mais algum erro de revisão peço-lhe desculpar-me, attendendo á falta de tempo com que sempre luctei, para dar a presente obra no dia acima indicado.



